

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**O INSTITUTO FEDERAL GOIANO – CAMPUS URUTAÍ (2008 - 2019) PELAS
NARRATIVAS DE SERVIDORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS**

BETHÂNIA OLIVEIRA SILVA

Orientador:
PROF. DR. WOLNEY HONÓRIO FILHO

Linha de Pesquisa:
POLÍTICAS EDUCACIONAIS, HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E
PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA

CATALÃO/GO
2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: Bethânia Oliveira Silva

Título do trabalho: O Instituto Federal Goiano Campus – Urutaí (2008-2019) pelas narrativas de servidores técnico-administrativos

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:

Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 19 / 12 / 2019

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

BETHÂNIA OLIVEIRA SILVA

**O INSTITUTO FEDERAL GOIANO – CAMPUS URUTAÍ (2008 - 2019) PELAS
NARRATIVAS DE SERVIDORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, à comissão examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão.

CATALÃO/GO
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Bethânia Oliveira
O Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí (2008-2019) pelas narrativas de servidores técnico-administrativos [manuscrito] / Bethânia Oliveira Silva. - 2019.
134 f.: il.

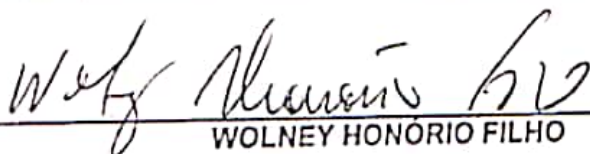
Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão, 2019.
Bibliografia. Apêndice.
Inclui fotografias.

1. Pesquisa (Auto)Biográfica. 2. Narrativas. 3. Histórias de Vida. 4. Biografia Institucional. 5. Instituto Federal Goiano-Campus Urutaí. I. Honório Filho, Wolney, orient. II. Título.

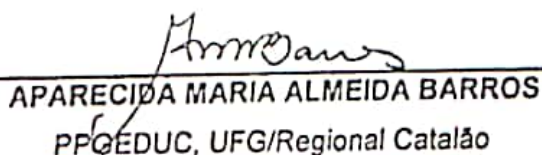
ATA DA 109ª SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE
BETHÂNIA OLIVEIRA SILVA

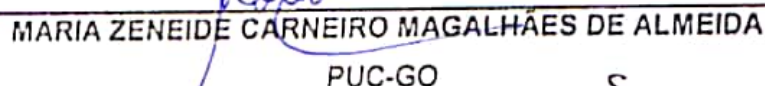
ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENADORIA DO PPGEDUC PARA JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DE BETHÂNIA OLIVEIRA SILVA.

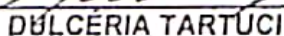
Em 16/12/2019, às 10:00:00 AM, na SALA 203 - LAMUL, BLOCO L DA UFG/REGIONAL CATALÃO, da UFG/Regional Catalão, teve lugar a 109ª Sessão Pública de Defesa de Dissertação do Mestrado em Educação da UFG/Regional Catalão, de BETHÂNIA OLIVEIRA SILVA, (matrícula nº 2018101162), intitulada: " O INSTITUTO FEDERAL GOIANO – CAMPUS URUTAÍ (2008 - 2019) PELAS NARRATIVAS DE SERVIDORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS ". A Banca Examinadora foi composta, pelos seguintes professores: WOLNEY HONÓRIO FILHO (PPGEDUC, UFG/Regional Catalão – Orientação e Presidente da Banca), APARECIDA MARIA ALMEIDA BARROS (PPGEDUC, UFG/Regional Catalão – Membro Interno) e MARIA ZENEIDE CARNEIRO MAGALHÃES DE ALMEIDA (PUC-GO). Os examinadores, na ordem citada, arguiram o mestrando(a) sobre a dissertação apresentada, tendo o(a) mesmo(a) explicado e/ou rebatido às críticas formuladas pelos arguidores. Após a conclusão da defesa foi suspensa a Sessão Pública e, em Sessão Secreta, os arguidores atribuíram seus conceitos. Reaberta a Sessão Pública foi anunciado o resultado final: DEFESA APROVADA, fazendo jus, portanto, ao título de Mestre em Educação, de acordo com o artigo 57 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação/Regional Catalão. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Comissão Examinadora. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG/Regional Catalão, em 16/12/2019.


WOLNEY HONÓRIO FILHO

PPGEDUC, UFG/Regional Catalão


APARECIDA MARIA ALMEIDA BARROS
PPGEDUC, UFG/Regional Catalão


MARIA ZENEIDE CARNEIRO MAGALHÃES DE ALMEIDA
PUC-GO


DULCÉRIA TARTÚCI

Coordenação do PPGEDUC

DEDICATÓRIA

Dedico aos narradores que me ajudaram a construir essa investigação, são eles: Baltazar Lopes Nery, Élio Francisco Xavier, José Claudino de Siqueira e Marise Terezinha Barbosa.

AGRADECIMENTO

À minha mãe, Maria Aparecida de Oliveira Silva por sempre orar por mim e pedir a Deus para me ajudar em todas jornadas. Ao meu esposo Anderson Sousa da Silva por me acompanhar em meus sonhos.

Ao Rafael Vasconcelos de Oliveira por me colocar em contato com Renata Cristine Santos Vaz que foi luz desde o início dessa jornada. À você, Renata, por tudo que você fez por mim! Sem você esse sonho não teria se iniciado.

Ao professor Wolney Honório Filho por me aceitar como orientanda e por ter me instruído durante todo processo.

Às professoras Aparecida Maria Almeida Barros, Fernanda Barros, Rita Tatiana Cardoso Erbs, Juliana Pereira de Araújo e Altina Abadia da Silva por todo conhecimento proporcionados em suas aulas

Aos professores Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida e Sebastião Silva Soares por aceitarem participar desse processo.

Aos narradores que me ajudaram a construir essa investigação, são eles: Baltazar Lopes Nery, Élio Francisco Xavier, José Claudino de Siqueira e Marise Terezinha Barbosa.

Agradeço Johnathan Pereira Diniz e a Hevellin Estrela por sempre me dar forças e apoiar em momentos difíceis em nosso grupo no Whatsapp. Agradeço a Tatiany Borges de Oliveira Fernandes e a Dyaneth Ribeiro da Silva por todo incentivo e força.

A todos vocês minha eterna gratidão...

RESUMO

Essa pesquisa se situa no campo da História da Educação, especificamente, dentro da História das Instituições Escolares. Tem como objeto o Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí, situado na região sudeste do estado de Goiás que, em mais de seis décadas em funcionamento a Instituição assumiu cinco formatos e denominações diferentes. O estudo teve por objetivo conhecer o Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí (2008-2019) por meio das narrativas dos servidores técnico-administrativos. Nesse sentido, buscou-se identificar o Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí relacionado à história dos Institutos Federais; compreender as histórias de vida dos servidores técnico administrativos atuantes do IF Goiano-Campus Urutaí; analisar a história do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí a partir das narrativas dos servidores técnico-administrativos, entre 2008 a 2019. Para tanto, foi utilizado o método biográfico narrativo e norteou pelas referências em teóricos como: Bolívar (2001, 2002, 2012, 2014); Delory-Momberger (2008, 2011, 2012, 2016). Com intuito de construir uma biografia institucional por meio das narrativas de quatro técnico-administrativos pertencentes ao quadro de servidores do IF Goiano-Campus Urutaí. A produção de dados se deu por meio de uma entrevista/conversa com esse grupo de servidores e foram utilizadas dissertações e teses produzidas em Programas de Pós-Graduação em Educação, que tiveram a instituição como objeto de pesquisa ou como *locus* e que contivesse no corpo das pesquisas partes dedicadas ao histórico da instituição pesquisada. Para realizar a análise temática das narrativas tomamos como referência Passeggi et al (2017). A biografia desses servidores permitiu alcançar mais de três décadas de história dessa instituição e interpretar os fatos narrados por eles que transcende a história escrita por meio de documentos oficiais. Mostraram as dificuldades e as lutas enfrentadas pela comunidade acadêmica, que garante o funcionamento da Instituição por várias décadas, vimos como os servidores estavam intimamente ligados a cada um desses momentos. A proposta de ouvir com delicadeza as narrativas dos servidores técnicos-administrativos revelou uma versão inédita da história do Instituto Federal Goiano-Campus Urutaí, mostrou que essa instituição escolar está marcada pela superação. Em mais de seis décadas de existência a instituição se reinventou inúmeras vezes para garantir a continuidade de seu funcionamento.

Palavras-chave: Pesquisa (Auto)Biográfica. Narrativas. Histórias de Vida. Biografia Institucional. Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí. Instituição Escolar.

ABSTRACT

This research is located in the field of the History of Education, specifically, within the History of School Institutions. Its purpose is the Federal Institute Goiano - Campus Urutaí, located in the southeastern region of the state of Goiás that, in more than six decades in operation the institution has assumed five different formats and denominations. The study aimed to get to know the Federal Institute Goiano - Campus Urutaí (2008-2019) through the narratives of the technical-administrative servers. In this sense, we sought to identify the Goiano Federal Institute - Campus Urutaí related to the history of the Federal Institutes; understand the life histories of the acting administrative technicians of the IF Goiano-Campus Urutaí; to analyze the history of the Federal Institute Goiano - Campus Urutaí from the narratives of the technical-administrative servants, from 2008 to 2019. For that, the narrative biographical method was used and guided by the references in theorists like: Bolívar (2001, 2002, 2012, 2014); Delory-Momberger (2008, 2011, 2012, 2016). In order to construct an institutional biography through the narratives of four technical admirers belonging to the staff of IF Goiano-Campus Urutaí. The data production took place through an interview / conversation with this group of servers and were used dissertations and theses produced in Graduate Programs in Education, which had the institution as a research object or as a locus and contained in the body. of the research parts dedicated to the history of the researched institution. To perform the thematic analysis of the narratives we took as a reference Passeggi et al (2017). The biography of these servants allowed us to reach more than three decades of history of this institution and to interpret the facts narrated by them that transcends the written history through official documents. They showed the difficulties and struggles faced by the academic community, which guarantees the institution's operation for several decades, we saw how the servers were closely linked to each of these moments. The proposal to listen carefully to the narratives of the technical-administrative staff revealed an unprecedented version of the history of the Federal Institute Goiano-Campus Urutaí, showed that this school institution is marked by overcoming. In more than six decades of existence the institution has reinvented itself numerous times to ensure the continuity of its operation.

Keywords: Research (Auto)Biographical. Narratives. Life stories. Institutional Biography. Goiano Federal Institute-Urutaí Campus. School Institution.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Livro de estágio e monitoria	52
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 — Pesquisas selecionadas em Programas de Pós-Graduação em Educação.....	26
Quadro 02 — Vínculos dos pesquisadores com o IF Goiano Campus Urutaí	28
Quadro 03 — Dados referentes aos entrevistados	34
Quadro 04 — Dados referentes às entrevistas individuais	35
Quadro 05 — Dados referentes a entrevista coletiva / roda de conversa	36
Quadro 06 — Avanços históricos da Educação Profissional no Brasil.....	40
Quadro 07 — Configurações que originaram os atuais Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia no Brasil.....	56
Quadro 08 — Cursos ofertados na atualidade no IF Goiano – Campus Urutaí.....	64
Quadro 09 — Dados referentes a idade e tempo de trabalhos dos participantes da pesquisa...67	
Quadro 10 — Dimensões de ganhos e perdas com a aposentadoria.....	90
Quadro 11 — Quantidade de docentes por titularidade.....	112
Quadro 12 — Quantidade de técnico-administrativos por nível e cargo classe.....	112
Quadro 13 — Quantidade de técnico-administrativos por nível escolaridade.....	112

LISTA DE SIGLAS

BDTD	—	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CEFET	—	Centro Federal de Educação Tecnológica
COAGRI	—	Coordenação Nacional do Ensino Agrícola
COAPRO	—	Cooperativa Agropecuária de Produtores Rurais de Orizona
CONIF	—	Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica
EAU	—	Escola Agrícola de Urutaí
EAFCE	—	Escola Agrotécnica Federal de Ceres
EAFUR	—	Escola Agrotécnica Federal de Urutaí
EPT	—	Educação Profissional e Tecnológica
FUNDEF	—	Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental
FUNDEB	—	Fundo Nacional de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação
GAU	—	Ginásio Agrícola de Urutaí
IDM	—	Índice de desenvolvimento Municipal
IBGE	—	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	—	Instituto Brasileiro de Informação Ciência e Tecnologia
IES	—	Instituição de Ensino Superior
IFG	—	Instituto Federal de Goiás
IF Goiano	—	Instituto Federal Goiano
IFs	—	Institutos Federais
JIF	—	Jogos dos Institutos Federais
MEC	—	Ministério da Educação
NAPNE	—	Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas
PPA	—	Programa de Preparação para a Aposentadoria
PDI	—	Plano de Desenvolvimento Institucional
PROEJA	—	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
PROUNI	—	Programa Universidade para Todos
PUC	—	Pontifícia Universidade Católica
REPCT	—	Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica
SDH	—	Secretaria de Desenvolvimento Humano da Presidência da República

SEF	—	Sistema Escola-Fazenda
SEI	—	Sistema Eletrônico de Informações
SEAV	—	Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário
SETEC/MEC	—	Secretaria da Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação
SUAP	—	Sistema Unificado de Administração Pública
UFG	—	Universidade Federal de Goiás
UNED	—	Unidade de Ensino Descentralizada

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
PERCURSO DA PESQUISA	21
Narrativa e experiência.....	21
Caminho metodológico.....	24
Construção do primeiro capítulo	23
Construção do segundo e terceiro capítulos	28
<i>O método de pesquisa biográfico narrativo em educação</i>	<i>28</i>
<i>A entrevista narrativa.....</i>	<i>30</i>
<i>Instrumento utilizado na entrevista narrativa/conversa</i>	<i>31</i>
<i>Os entrevistados</i>	<i>31</i>
<i>A entrevista /conversa</i>	<i>35</i>
<i>Transcrição e análise dos dados</i>	<i>36</i>
CAPÍTULO I - ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO INSTITUTO FEDERAL GOIANO – CAMPUS URUTAÍ	38
1.1 Marco histórico da Educação Profissional no Brasil	38
1.2 A cidade mantenedora do IF Goiano-Campus Urutaí.....	43
1.3 O primeiro contato físico da pesquisadora com o Campus Urutaí.....	47
1.4 Considerações do capítulo	64
Capítulo II - OS NARRADORES	67
2.1 O técnico-Administrativo em Educação.....	67
2.2 Trabalho e aposentadoria	68
2.3 História de vida dos participantes	71
2.3.1 José Claudino de Siqueira	72
2.3.2 Baltazar Lopes Nery	76
2.3.3 Marise Terezinha Barbosa.....	78
2.3.4 Élio Francisco Xavier	80
2.4 Técnico-administrativos: dificuldades enfrentadas	81
2.5 Chegou o momento de aposentar, e agora?	90

2.6 Considerações do capítulo	95
CAPÍTULO III - O INSTITUTO FEDERAL GOIANO – CAMPUS URUTAÍ NA PERSPECTIVA DOS SERVIDORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS	97
3.1 “Aprender a fazer e fazer para aprender”	98
3.1.1 Os alunos do Sistema Escola-Fazenda e o internato	101
3.1.2 O fim do Sistema Escola-fazenda.....	104
3.2 Expansões e melhorias	106
3.2.1 Implantação de novos cursos	106
3.2.2 Mais vagas: novos discentes	108
3.2.3 Aumento da infraestrutura física	109
3.2.4 Novos servidores	112
3.2.5 Uma gestão mais democrática	114
3.3 Retorno para sociedade.....	116
3.3.1 Melhorias para cidade de Urutaí.....	118
3.4 Considerações parciais.....	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS	125
APÊNDICE A-ROTEIRO DE ENTREVISTA NÃO ESTRUTURADA	133

INTRODUÇÃO

Nascida no ano de 1980 venho de uma família desprovida financeiramente e marcada pela pouca escolaridade. Até os meus 17 anos, minha mãe, a mais velha dentre os irmãos, encontrava-se na condição de semianalfabetismo, a mesma condição dos meus tios. Quando atingi a maioridade ela começou a estudar, matriculou-se na primeira série do Ensino Fundamental e, apesar de todas as dificuldades, conseguiu concluir o Ensino Médio.

Devido a condição da minha mãe, minhas duas irmãs e eu tivemos muitas dificuldades para seguir o percurso dos estudos. Aos 12 anos comecei a trabalhar para ajudar em casa e aos 18, em 1998, concluí o Técnico em Contabilidade, equivalente ao Ensino Médio, que é oferecido hoje. Na época, as escolas não ofereciam uma educação voltada para informação, os estudantes adquiriam habilidades técnicas para exercer uma função, mas não possuíam competência para encontrar, avaliar e usar a informação de que precisavam. Assim, concluí o Curso Técnico, sentindo-me perdida, não sabia o que fazer com aquele certificado que estava em minhas mãos. Não possuía habilidades para procurar as fontes corretas para competir a uma vaga de emprego, não conhecia o caminho para concorrer a uma vaga de vestibular em uma faculdade pública. A falta de informação e o contexto social em que vivia tornou o contato com a Universidade algo muito distante.

A conjuntura da época fez com que eu adiasse o meu sonho de ingressar em um curso superior, confesso que passou a ser uma utopia. Dediquei mais ao trabalho, pois precisava contribuir em casa. Comecei a trabalhar com vendas externas, vendia enciclopédia de porta em porta. Era um trabalho árduo, mas foi a oportunidade que surgiu na época.

Em 2007, tive a oportunidade de entrar numa rede de Hipermercado, consegui o emprego por indicação, passei a exercer a função de vendedora de eletrodomésticos, trabalhava também com a linha de informática e isso contribuiu para que eu desenvolvesse habilidades para operar um computador e aprender a navegar na internet. Nesse mesmo ano, minha irmã começou a trabalhar como auxiliar de biblioteca no SESC e lá conheceu um bibliotecário, que, por seu intermédio, tomou conhecimento do curso de Biblioteconomia na Universidade Federal de Goiás (UFG - Goiânia). Lembro-me da empolgação de minha irmã falando do curso, estava decidida a cursá-lo. Como eu já estava mais familiarizada com a internet naquele momento pesquisei sobre o curso. O que me fez apaixonar pela Biblioteconomia foi saber que o bibliotecário é o profissional da informação, capaz de ensinar as pessoas a aprender a aprender, ensinar para as pessoas como o conhecimento é organizado,

como encontrar uma informação e como usar a informação para seu crescimento. Poderia levar para as pessoas aquilo que me faltou. Hoje as três irmãs, somos todas bibliotecárias!

No final do ano de 2007, aos 27 anos, prestei vestibular e passei em 11º lugar na faculdade de Biblioteconomia da UFG em Goiânia. Trabalhei no Hipermercado durante toda a graduação, não podia deixar o emprego para fazer estágio, pois necessitava do dinheiro que o trabalho me oferecia. Conclui a faculdade aos 31 anos, não consegui uma vaga na minha área de formação por falta de experiência. Vi-me mais uma vez com o diploma nas mãos sem poder exercer a profissão. Como dependia do meu salário continuei no Hipermercado. A solução seria concorrer a uma vaga em concurso público. Iniciei os estudos e em 2013 fui aprovada para a vaga de Bibliotecária-documentalista no Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí.

Como bibliotecária, desempenho algumas funções educativas, contudo diferentes das que um professor desempenha em sala de aula. A função educativa do bibliotecário concentra-se no sentido de auxiliar a comunidade escolar na utilização correta das fontes de informação, dando embasamento para que o educando possa usufruir esses conhecimentos, dentro e fora do ambiente escolar, com finalidade de oferecer subsídios para desenvolvimento social e cultural.

Ao longo do meu tempo de atuação nesta instituição, tenho percebido que não só o bibliotecário, como também os demais servidores técnico-administrativos, todos têm essa função educativa. Desta forma, assim como os professores e alunos, também compomos a história desta instituição escolar. Esta minha percepção veio a ser confirmada ao tomar conhecimento de pesquisas na área de Educação, especialmente no âmbito da Pesquisa (Auto) Biográfica¹, que contemplam a perspectiva dos servidores técnico-administrativos, como por exemplo, a pesquisa de Paislandim (2016), que mostrou a transição da Escola Técnica Federal de Goiás para Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), de 1999 a 2014. E por fim a pesquisa de Alves (2017), que tratou da história da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, de 1987 a 2014.

Como um investimento necessário na minha carreira, busquei ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG – Regional Catalão, especificamente na linha de pesquisa Políticas Educacionais, História da Educação e Pesquisa (Auto)Biográfica. Diante da aprovação no Programa, obtive a oportunidade de empreender esta pesquisa pautada na

¹ O termo (auto) aparece entre parênteses para significar o duplo movimento de *investigação e formação* que marca essa metodologia. Em uma pesquisa (auto) biográfica, o sujeito pesquisa e forma a si mesmo por meio do lembrar, do narrar e do refletir acerca dos próprios percursos experienciais (GADELHA, 2013, p.14).

História da Educação, voltada para a história das instituições escolares, tendo como objeto o Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí (2018-2019) a partir das narrativas dos técnico-administrativos. A escolha se deu por se tratar de uma instituição de ensino com mais de seis décadas na região sudeste do Estado de Goiás e por compor o quadro de servidores técnico-administrativos, desde o ano de 2013. Observa-se por meio desse relato que o objeto de pesquisa não surge de um lugar neutro nem objetivo, mas de uma história escrita com subjetividade (GADELHA, 2013).

Diante do exposto acionarei outras vozes que contribuirão para a escrita da história dessa instituição pesquisada. Assim como explica Delory-Momberger (2016, p.143) “a pesquisa biográfica é em essência colaborativa, uma vez que implica ao mesmo tempo um trabalho do sujeito com o qual o pesquisador entra em relação, e um trabalho do pesquisador”.

Essa Instituição atua a mais de seis décadas no estado de Goiás e durante esse período passou por inúmeras fases como mostra Issa (2014, p. 14)

- 1 - Escola Agrícola de Urutaí – 1953-1963;
- 2 - Ginásio Agrícola de Urutaí – 1964-1978;
- 3 - Escola Agrotécnica Federal de Urutaí – 1979-2002;
- 4 - Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica – 2002-2008;
- 5 - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Câmpus Urutaí - 2008.

O recorte temporal de (2008-2019) trata-se, conforme Issa (2014), da quinta fase de existência da instituição, a partir do ano de 2008, quando surgem os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, criados pela Lei 11.892/08 e, com isso, a transformação de CEFET – Urutaí, em Campus Urutaí, do Instituto Federal Goiano (IF Goiano).

A escolha por esse recorte temporal deve-se a importância desse período para a instituição, onde foi instituído os Institutos Federais. Ressaltamos que tal fase transcende uma mudança de nomenclatura, construção de novas expansões físicas e modificações no modelo de gestão.

Os 38 institutos federais nascem com um papel social a ser desempenhado. Assim sendo, o IF Goiano – Campus Urutaí surge com objetivo de contribuir para o progresso da localidade onde se encontra sediado, além do compromisso de desenvolver integralmente seus alunos e desenvolver a capacitação para a elevação da escolaridade. Significou, ainda, a legitimação como política pública do governo federal na última década (FARIA, 2015).

Assim, essa pesquisa diferencia-se de Issa (2014), que ao estudar a instituição que hoje é o Instituto Federal Goiano Campus – Urutaí, demonstrou como se deu a origem e

consolidação desta instituição (1953-1963) e como a mesma reúne modos de funcionamento e organização, práticas e concepções singulares que a autora denominou como cultura escolar agrícola, pautada numa massa documental, tais como relatórios, manuscritos, jornais, livro de registro de diplomas e matrículas, correspondências, históricos escolares e atas. A própria autora chama atenção para o fato de que “alunos, professores, diretores e funcionários técnicos administrativos colaboraram para a construção da EAU² (ISSA, 2014, p.74). Diferentemente, o nosso foco é explorar as narrativas desses profissionais com a finalidade de obter uma biografia institucional do IF Goiano – Campus Urutaí.

Esta pesquisa, apresenta a perspectiva da narrativa dos servidores técnico-administrativos, a exemplo da pesquisa realizada por Paislandim (2017), que buscou compreender as transformações que ocorreram quando da passagem da Escola Técnica Federal de Goiás para Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), de 1999 a 2014, na perspectiva de técnico-administrativos. Mostrou ainda o que significou ser servidor técnico-administrativo na instituição, durante o período de transição; a visibilidade do trabalho desses profissionais e os limites de sua atuação na instituição; observou a avaliação feita pelos técnicos administrativos em relação a educação profissional oferecida pela instituição; e apresentou a expansão da instituição para o interior do Estado, com a criação dos novos campi do IFG.

Situamos a investigação num ponto de encontro com estas duas pesquisas, a intencionalidade é dar visibilidade às narrativas dos servidores técnico-administrativos sobre o Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí, na última década.

Conforme Alves (2017), todas as instituições escolares são aptas a serem pesquisadas. Ao se tornarem objetos de estudo, trazem à tona aspectos institucionais e educacionais novos ou incógnitos anteriormente. Ainda nesse tocante, Araujo e Gatti Junior (2006) afirmam que tal temática não é nova no contexto da historiografia da educação brasileira, pois cientificamente está presente desde a década 1950, por meio das iniciativas pioneiras de pesquisadores vinculados aos centros regionais de pesquisa educacional e iniciativas acadêmicas.

Sobre as Instituições Escolares, Saviani (2005, p. 28) diz que

[...] a instituição se apresenta como uma estrutura material que é constituída para atender a determinada necessidade humana, mas não qualquer necessidade. Trata-se de necessidade de caráter permanente. [...]. Para necessidades transitórias não se faz mister criar instituições. Elas se

² Escola Agrícola de Urutaí

resolvem na conjuntura não deixando marcas dignas de nota na estrutura. [...] As instituições são, portanto, necessariamente sociais, tanto na origem, já que determinadas pelas necessidades postas pelas relações entre os homens, como no seu próprio funcionamento, uma vez que se constituem como um conjunto de agentes que travam relações entre si e com a sociedade a que servem.

Pode-se entender a instituição escolar como uma das mais antigas e sólidas dentre as instituições, pois atravessou séculos, testemunhou mudanças de sistemas econômicos e mudanças em modelos civilizacionais. Essa instituição é um objeto singular e, estudos realizados sobre sua estrutura, concepção, avanços, paradigmas etc. acentuam a compreensão sobre o fenômeno educativo geral de uma sociedade historicamente determinada (NOSELLA; BUFFA, 2006).

A complexidade de se ter a instituição escolar como um objeto singular se traduz no fato de que a escola tem sua finalidade definida, suas diretrizes prescritas, seu currículo determinado, bem como sua forma de avaliação, suas políticas públicas similares entre si, entre outros aspectos que levam a entendê-la como uma instituição comum. Dayrell (2010, p.1), por sua vez, concebe a instituição escolar:

[...] como espaço sócio-cultural [...] na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sócio-cultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição.

Sanfelice (2006), ao conceituar as instituições escolares, nos sinaliza que nas mesmas existe um amplo universo diferenciado e que,

[...] As instituições escolares têm também uma origem quase sempre muito peculiar. [...] As instituições escolares são ainda muito distintas entre si porque são frequentadas por públicos bastante desiguais. [...] O público de uma instituição escolar traz para dentro dela uma certa cultura e um conjunto de valores que podem estar muito próximos ou muito distantes da cultura escolar oficial. [...] Enfim, são inúmeros os exemplos além desses, e que poderiam ainda ser citados, para se dizer que uma instituição escolar determinada, que ocupa um espaço geográfico específico, que se expõe para a sociedade desde a arquitetura de seu prédio, quase sempre uma denúncia da sua idade, *tem sua identidade própria*. A identidade de uma instituição escolar a torna singular (SANFELICE, 2006, p. 23, grifo do autor).

Com base nestes conceitos, infere-se que as instituições escolares são o conjunto dos efeitos produzidos na escola através das principais estruturas de relações sociais. Esses efeitos

definem a estrutura escolar e exercem influências sobre o comportamento dos sujeitos sociais que ali atuam. Deve-se entender as instituições escolares como a escola em si. Corroborando com essa afirmação, Bittar e Ferreira Jr. (2006, p.8) afirmam que,

A escola atua e se justifica socialmente como uma instituição que miniaturiza no seu interior uma relação complexa entre estes três tipos de desenvolvimentos societários: material, político social e espiritual. A preponderância de um sobre os outros, ou de dois sobre um, ou, ainda, o justo equilíbrio entres eles guardam, no âmbito pedagógico de uma instituição escolar, uma relação direta com as necessidades impostas por cada época histórica determinada. Em síntese: a mediação que a instituição escolar desempenha entre relações materiais e ideológicas permite evidenciar os conceitos históricos, sociológicos, filosóficos e pedagógicos que caracterizam a estrutura e a especificidade qualitativa de uma dada formação [...].

Os autores Lima e Gatti Junior (2008) esclarecem que com o surgimento das instituições escolares, expandiram-se as oportunidades de se realizar uma educação que gradativamente atingiu os outros setores da sociedade. Sendo assim, houve uma normatização do processo educativo e a educação formal passou a ser regulamentada. Os autores ainda afirmam que, “como toda instituição humana de caráter essencialmente social, as escolas são formadas para atingir determinados objetivos e podem se encontrar no interior de uma situação de conflitos de interesses classistas” (LIMA; GATTI JUNIOR, 2008, p. 70). Sendo assim, o conceito de instituição escolar relaciona-se com a valorização do sujeito e no reconhecimento da força que a institucionalização exerce na formação dos indivíduos.

No que se refere à importância das pesquisas da História das Instituições Escolares, bem como a importância de conhecê-las e estudá-las, é necessário informar que os grupos de pesquisa sobre instituições escolares aumentam cada vez mais, nos vários programas de pós-graduação em educação e, ainda, nos diversos eventos científicos de educadores, onde são apresentados inúmeros trabalhos de pós-graduandos sobre as mais diversas instituições escolares de todo o país: públicas, particulares, religiosas, militares etc., frequentemente os autores desses trabalhos pertencem a um grupo ou linha de pesquisa (NOSELLA; BUFFA, 2006). De acordo com Sanfelice (2013, p. 12),

Produzir o estudo da história das instituições escolares tornou-se uma prática bastante comum entre os historiadores da educação mais recentes. Já se somam às centenas os trabalhos que se abrigam sob este tema de investigação.

Nosella e Buffa (2006) observaram, por exemplo, que essas pesquisas se desenvolveram, sobretudo, a partir dos anos 1990. Os motivos seriam a consolidação da pós-

graduação, que levou a uma maior institucionalização da pesquisa acadêmica, e o estímulo favorável de uma possível crise de paradigmas, propiciadora de pluralismo epistemológico e temático, privilegiando o estudo de objetos singulares.

Pesquisas sobre instituições escolares podem se referir à “[...] cultura escolar, formação de professores, livros didáticos, disciplinas escolares, currículo, práticas educativas, questões de gênero, infância e, obviamente, as instituições escolares” (NOSELLA; BUFFA, 2006, p. 3). Todavia, além dos temas citados as pesquisas em História das Instituições Escolares estão englobando muitos outros aspectos, dos quais podemos citar:

O contexto histórico e as circunstâncias específicas da criação e da instalação da escola; seu processo evolutivo: origens, apogeu e situação atual; a vida da escola; o edifício escolar: organização do espaço, estilo, acabamento, implantação, reformas e eventuais descaracterizações; os alunos: origem social, destino profissional e suas organizações; os professores e administradores: origem, formação, atuação e organização; os saberes: currículo, disciplinas, livros didáticos, métodos e instrumentos de ensino; as normas disciplinares: regimentos, organização do poder, burocracia, prêmios e castigos; os eventos: festas, exposições, desfiles e outros (Nosella; Buffa, 2006, p. 4).

Entretanto os autores alertam que, essas pesquisas apresentam perigos metodológicos, pois, facilmente o pesquisador pode se envolver, o que dificulta a produção de um resultado crítico e proveitoso. Constantemente, o pesquisador se resvala em reducionismos teóricos tais como particularismo, culturalismo ornamental, saudosismo, personalismo, descrição laudatória ou apologética (NOSELLA; BUFFA, 2006).

Sanfelice (2008) argumenta que é preciso persistir na necessidade de se fazer da história das instituições escolares objetos singulares. Para o autor, o objeto singular não se explica em si mesmo, por mais que o pesquisador possa narrar amplamente as características que constituem a sua identidade. É preciso ter em conta que uma instituição escolar, enquanto objeto singular, é instituída, por exemplo, por um ou vários grupos sociais, que a frequentam, que levam para o seu interior um mundo já estabelecido fora dela (SANFELICE, 2008).

Ao encaberçarmos essa pesquisa sobre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano - Campus Urutaí, concordamos com Werler (2004). Segundo a autora a importância de conhecer e estudar as instituições escolares são compatíveis com a necessidade de observar essas sob uma perspectiva mais ampla, a fim de perceber as relações que formam a sua singularidade institucional, sendo que essa se constitui da rearticulação de relações, emoções vividas em um espaço numa perspectiva individual e grupal retomando

afetos e acontecimentos que nelas ocorreram, recuperando os fatos vividos sob a forma de narrativas (WERLE, 2004). Segundo a autora,

[...] discutir a identidade institucional de uma instituição educativa é discutir a identidade da cidade na qual se encontra. Os relacionamentos públicos da vida institucional decorrem de como se constituiu sua base material e de gestão, em articulação com outras instituições e poderes da vida social. Portanto, o passado das instituições educativas não pertence apenas à instituição, a seus líderes e à mantenedora, mas à sociedade em que se encontra (WERLE, 2004, p. 118).

Conforme Gouveia (2016), são os IFs que trazem mudanças pontuais para a realidade social local, mesmo que estas ainda sejam insuficientes para a transformação em escala nacional. E por sua importância na transformação da realidade social local, dentre tantas outras variáveis que permeiam uma instituição escolar pública federal, é inquestionável, por fazer a história dessa instituição em específico. Além disso,

Os historiadores, dentre outras razões, apontam que suas preocupações não são apenas as de registrar o passado e/ou o presente, por meio de uma narrativa baseada em fontes, mas de compreender e interpretar a própria educação praticada em uma dada sociedade e que se utiliza das instituições escolares, como um espaço privilegiado para executá-la. A singularidade das instituições educativas mostra e esconde como ocorreu e/ou ocorre o fenômeno educativo escolar de uma sociedade. Mergulhar no interior de uma Instituição Escolar, com o olhar do historiador, é ir em busca das suas origens, do seu desenvolvimento no tempo, das alterações arquitetônicas pelas quais passou, e que não são gratuitas; é ir em busca da identidade dos sujeitos (professores, gestores, alunos, técnicos e outros) que a habitaram, das práticas pedagógicas que ali se realizaram, do mobiliário escolar que se transformou e de muitas outras coisas. [...]. Então é óbvio: a história de uma instituição escolar não traz o sentido que ela realmente tem, se for tomada de forma isolada de todo o contexto (SANFELICE, 2006, p. 24-25).

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - Campus Urutaí, assim como todos os outros IFs brasileiros que sustentam a mesma configuração e trabalham sob os mesmos pressupostos teórico-pedagógicos, atua na “promoção da justiça social, da equidade, do desenvolvimento sustentável com vistas à inclusão social, bem como, a busca de soluções técnicas e a geração de novas tecnologias” (PACHECO, 2011, p. 49-50).

Essa instituição escolar sofreu grandes mudanças “ocorridas na política educacional e na legislação do ensino, responsável por operar alterações significativas na estrutura, na organização e no formato assumidos em diferentes épocas ao longo de 60 anos” (ISSA, 2014, p. 14). Tais mudanças determinam a influência socioeconômica do IF Goiano - Campus

Urutaí na mesorregião sudeste de Goiás, na medida em que esta instituição se abre para o trabalho, comércio, inclusão social, desenvolvimento geral etc.

Conforme Miguel (2012, p. 243) a relação entre a história e as instituições escolares

[...] a princípio, compreende duas grandes categorias e uma subcategoria: a história e a memória enquanto grandes categorias sendo a segunda componente da primeira e elemento necessário da mesma. As instituições escolares surgem então na condição de subcategoria, pois fazem parte da história da educação e conseqüentemente, da memória.

Dessa forma, formulamos a seguinte questão que norteou a pesquisa: **Como se constitui a história do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí a partir das narrativas dos servidores técnico-administrativos, entre os anos de 2008 e 2019?** Com objetivo de conhecer o Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí pelo viés das narrativas dos servidores técnico-administrativos, no período citado. Especificamente, buscou-se identificar o Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí relacionado à história dos Institutos Federais; Compreender as histórias de vida dos servidores técnico administrativos atuantes do IF Goiano-Campus Urutaí; analisar a história do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí a partir das narrativas dos servidores técnico-administrativos, entre 2008 a 2019.

A partir da questão norteadora e dos objetivos estipulados estruturamos os capítulos da pesquisa da seguinte forma:

- ✓ **Primeiro Capítulo:** Antecedentes históricos do Instituto Federal Goiano-Campus Urutaí
- ✓ **Segundo Capítulo:** Os narradores
- ✓ **Terceiro Capítulo:** O Instituto Federal Goiano-Campus Urutaí na perspectiva dos servidores técnico-administrativos

Esses servidores nos apresentaram a história do Instituto Federal Goiano-Campus Urutaí de uma forma inédita. Essa pesquisa contribuirá para o processo de rememoração das trajetórias dos servidores técnico-administrativos (sua vida e carreira) e da instituição na qual atuam. Além de possibilitar que apresentem suas histórias, suas memórias relacionadas a instituição em que trabalham, terão a oportunidade mostrar e interpretar os fatos por eles vividos, que transcendem a história escrita por meio de documentos oficiais. Fortalecemos o nosso interesse pelo tema proposto, pois os estudos sobre a biografia institucional despontam como uma possibilidade investigativa. Conforme Honório Filho (2017, p.56): “[...] há poucas pesquisas sobre história das instituições escolares que adotam as biografias narrativas como metodologia”.

Contemplamos um novo olhar para a instituição escolar, numa perspectiva que vai além da percepção do professor e do aluno ou dos documentos oficiais. Uma perspectiva que contempla os servidores técnico-administrativos que com suas vidas e carreiras, compõem a instituição.

PERCURSO DA PESQUISA

Essa pesquisa se vincula ao projeto guarda-chuva intitulado “De histórias de vida e de instituições escolares: investigações biográficas e narrativas em educação”. Com data de aprovação ética do CEP/CONEP em 03/04/2017. Comitê de Ética Responsável: 5083 - UFG - Universidade Federal de Goiás. Tem por pesquisador responsável o professor Wolney Honório Filho.

A pesquisa aconteceu com autorização prévia dos participantes. Eles foram convidados a participar, receberam todas as informações e orientações necessárias e posteriormente assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Narrativa e experiência

Sobre narrativa, Paiva (2008) explica que existem vários significados para o termo. Pode ser uma história; algo que nos foi contado ou recontado; um relato de um evento real ou fictício; um relato de uma série de eventos conectados em sequência; um relato de acontecimentos. Narrativa pode significar também uma sequência de eventos passados ou ainda uma série de eventos lógicos e cronológicos etc. Vaz (2018, p. 37) afirma que a narrativa “é a forma mais subjetiva e autêntica de representar a vida”.

Já Cruz (2015, p. 75) nos mostra que a narrativa “se define como linguagem interpretativa e enunciativa de experiências entendidas como cruciais na constituição dos modos de ser e de viver daquele que narra”.

Delory-Momberger (2011) liga o ato de narrar ao ato de biografar, como explica: “não paramos de nos biografar, isto é, de inserir nossa experiência em esquemas temporais orientados que organizam mentalmente nossos gestos, atitudes e ações, segundo uma lógica de configuração narrativa” (DELORY-MOMBERGER, 2011, p.341). Assim, as narrativas constroem biografias, apresentam-se como um meio de acesso ao processo de *biografização* (DELORY-MOMBERGER, 2012). A autora se refere ao termo *biografização* como um neologismo, entendido como “o conjunto das operações e dos comportamentos pelos quais os

indivíduos trabalham para se dar uma forma própria na qual eles se reconhecem a si mesmos e se fazem reconhecer pelos outros” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p.141).

As narrativas são o que os homens usam para darem forma ao vivido e às suas experiências (DELORY-MOMBERGER, 2008). Ou seja, a “experiência acontece narrativamente” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 49). “Por meio da narrativa é possível viver, contar e (re)produzir um novo recorte de uma história e /ou experiência de vida” (SOARES, 2019, p.117).

Sobre a experiência Larrosa Bondía (2002, p.22) afirma que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. O autor observa um problema e se mostra preocupado com o homem moderno, para ele “a cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (LARROSA BONDÍA, 2002, p.21). Ele atribui esse acontecimento a quatro fatores:

1. Pelo excesso de informação. O autor é categórico ao afirmar que “informação não é experiência”. Para ele “a informação não deixa lugar para a experiência” (LARROSA BONDÍA, 2002, p.21).
2. Por excesso de opinião. Existe uma obsessão no sujeito moderno por opinar, e isso faz com que as possibilidades de experiência se anulem, conseqüentemente que nada nos aconteça (LARROSA BONDÍA, 2002, p.22).
3. Por falta de tempo, tudo que se passa, passa de forma rápida, cada vez mais depressa, o autor explica que “o acontecimento nos é dado em forma de choque”. (LARROSA BONDÍA, 2002, p.23). Dessa forma, o sujeito moderno consome informação de forma voraz e as colocam para fora em forma de opinião e estão cada vez mais sedentos por novidades e, constantemente insatisfeitos em busca de mais. Para o autor, esse “[...] é o sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo [...] (LARROSA BONDÍA, 2002, p.22). Por estar sempre acelerado nada acontece a esse sujeito (LARROSA BONDÍA, 2002).
4. Por excesso de trabalho. O autor explica que a sociedade confunde experiência com trabalho. Ele é contra a conversão da experiência em créditos, em mercadoria ou em valor de troca. Para ele a experiência não tem nada a ver com o trabalho. E as coisas que se relacionam ao trabalho corrompem a experiência (LARROSA BONDÍA, 2002).

Buscamos por meio desses pensamentos analisar as narrativas dos quatro participantes dessa pesquisa nos pautando na afirmação de (LARROSA BONDÍA, 2002): *a experiência é o que nos acontece*. Tomamos o cuidado de observar que cada um dos participantes são seres únicos, impregnados de subjetividade. Dessa forma, mesmo que cada um tenham enfrentado situações parecidas em seu cotidiano não obtiveram a mesma experiência (LARROSA BONDÍA, 2002).

Caminho metodológico

Após definirmos o objeto de pesquisa, a questão problema, objetivo geral e os específicos, buscamos conhecer as pesquisas científicas existentes que abordassem nosso objeto de pesquisa, com a finalidade de que tais pesquisas contribuíssem na construção do primeiro capítulo dessa investigação. Realizamos uma busca na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação Ciência e Tecnologia (IBICT) com objetivo de fazer um levantamento desses trabalhos. Essa fase foi de extrema importância na condução dessa pesquisa científica, pois permitiu conhecermos e entendermos o que já existe sobre o tema escolhido.

De posse dos dados que foram levantados, optamos por selecionar as dissertações e teses produzidas em Programas de Pós-Graduação em Educação, posteriormente fizemos uma análise qualitativa dessas produções para selecionarmos as que atendiam aos seguintes critérios:

- ✓ Tenham como objeto de pesquisa o Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí;
- ✓ Tenham como *locus* da pesquisa o Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí.

Outra exigência é que contenha no corpo das pesquisas partes dedicadas ao histórico da instituição pesquisada.

Dentre as pesquisas, foram recuperadas algumas que não se encaixaram no quesito de ter sido realizada em Programas de Pós-Graduação em Educação, mas optamos por utilizá-las por fornecer informações importantes para construção dessa pesquisa, são elas: Rosa (2016) e Diniz (2017).

Diante das dissertações e teses recuperadas dedicamos a construir os capítulos dessa investigação, conforme apresentado a seguir.

Construção do primeiro capítulo

Na construção do primeiro capítulo foram utilizadas essas teses e dissertações, bem como a minha própria *narrativa*, pois por estar no quadro de servidores técnico-administrativo, vivo o cotidiano da instituição pesquisada. Nesse intuito, o texto em questão é também produto da minha atividade narrativa (DELORY-MOMBERGER, 2016) forjado por minhas experiências. Dessa forma, frente a várias possibilidades de construção do primeiro capítulo, como pesquisadora me vi obrigada a fazer escolhas durante o processo de escrita e reescrita até atingir o estado em que se encontra nessa versão final. Assim, externalizei e documentei a minha experiência relacionada à instituição.

Foram utilizadas também as teses e dissertações produzidas sobre o IF Goiano-Campus Urutaí, citadas anteriormente, bem como a pesquisa bibliográfica, que se trata de um “levantamento de toda bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo que já foi escrito sobre determinado assunto [...]” (MARCONI; LAKATOS, 2011).

Ainda sobre a pesquisa bibliográfica, Martins e Theóphilo (2009, p.54) afirmam que “é um excelente meio de formação científica quando realizada independentemente – análise teórica – ou como parte indispensável de qualquer trabalho científico, visando a construção da plataforma teórica do estudo”. Por meio da pesquisa bibliográfica nos familiarizamos com o tema estudado e, de posse das informações obtidas, nos aprofundamos no estudo do objeto de pesquisa selecionado.

Nesse propósito, obtivemos 7 (sete) teses e 4 (quatro) dissertações no período de 2005 a 2018, em diferentes instituições e programas de pós-graduação, foram elas:

Quadro 01 - Pesquisas selecionadas em Programas de Pós-Graduação em Educação

Trabalho	Ano	Origem do PPG	Título	Autor	Objeto de pesquisa	Fase da Instituição explorada na pesquisa
Dissertação	2005	PUC	Mudança na formação do técnico agrícola no Centro Federal de Educação Tecnológica de Urutaí-GO – O proposto e o realizado	Enio Rodrigues Machado	Formação do Técnico Agrícola no Centro Federal de Educação Tecnológica na cidade de Urutaí (CEFET-Urutaí)	Faz um breve histórico inicialmente pela primeira fase da instituição e finalizando na quarta fase que é o Centro Federal de Educação Tecnológica de Urutaí.
Dissertação	2011	PUC	Educação Tecnológica no Brasil Contemporâneo: problematizando a aprendizagem das competências curriculares no campo da tecnologia da informação	Ricardo Cirino De Lima	Discentes dos cursos tecnológicos	Inicialmente aborda a primeira fase da instituição com ênfase na legislação, percorre todas as fases finalizando no IF Goiano – Campus Urutaí
Dissertação	2011	PUC	Jovens do PROEJA de Urutaí: mediações entre a escola e o mundo do trabalho	Claitonei de Siqueira Santos	Os jovens alunos do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Proeja	Realiza um breve histórico, aborda as leis que criaram cada fase até chegar no IF Goiano – Campus Urutaí
Dissertação	2014	UFG	A Escola Agrícola de Urutaí (1953-1963): singularidades da cultura escolar agrícola	Silvia Aparecida Caixeta Issa	Escola Agrícola de Urutaí (EAU)	Escola Agrícola de Urutaí
Tese	2012	PUC	Educação Tecnológica e empregabilidade: revelações de egressos	Juliana Cristina da Costa Fernandes	Formação tecnológica	Aborda as cinco fases da instituição mesclando com a história da cidade de Urutaí.
Tese	2012	PUC	A função social do curso Técnico em Agropecuária e a escolarização de filhos de agricultores familiares	Rogério Carneiro Machado	Curso Técnico em Agropecuária no Instituto Federal Goiano Câmpus Urutaí	Aborda as cinco fases da instituição mesclando com a história da cidade de Urutaí.
Tese	2012	PUC	Cultura escolar e <i>habitus</i> professoral em uma instituição de educação profissional agrícola	Leigh Maria de Souza	Habitus professoral	Realiza um breve histórico, aborda as leis que criaram cada fase até chegar no IF Goiano – Campus Urutaí

Tese	2014	PUC	A institucionalização das políticas neoliberais na reconfiguração da educação profissional no Brasil: do decreto nº 2.208/97 à Lei nº 11.892/08	Jussara de Fátima Alves Campos Oliveira	políticas educacionais para a educação profissional, implantadas a partir da década de 1990	Realiza um breve histórico, aborda as leis que criaram cada fase até chegar no IF Goiano – Campus Urutaí
Tese	2014	UFG	A Educação Profissional Agrícola na constituição do Instituto Federal Goiano	José Carlos Moreira de Souza	O Instituto Federal Goiano, fez um recorte e optou pelos Campus Ceres, Rio Verde e Urutai	Abordou as cinco fases da instituição.
Tese	2016	PUC	Políticas públicas de assistência estudantil no Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí: um olhar de gênero	Luciana de Gois Aquino Teixeira	Políticas Públicas de Assistência Estudantil	A autora realiza um percurso histórico por todas as fases da instituição e realiza um caminho histórico sobre a presença das mulheres no Campus.
Tese	2018	UFU	Escola Agrotécnica Federal de Urutaí (1978-1986): a formação de mão de obra agrícola no Sudeste Goiano	Silvia Aparecida Caixeta Issa	Escola Agrotécnica Federal de Urutaí (1978-1986)	A autora aborda a fase em que a instituição foi Escola Agrotécnica Federal de Urutaí.

Fonte: informações obtidas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do IBICT

Observamos que essas pesquisas estão carregadas de marcas de intencionalidade e de subjetividade, pois a maioria dos pesquisadores que utilizaram o IF Goiano - Campus Urutaí, como objeto ou *locus* de suas pesquisas são servidores da instituição como demonstramos a seguir:

Quadro 02 - Vínculos dos pesquisadores com o IF Goiano Campus Urutaí

Autor	Vínculo com o IF Goiano – Campus Urutaí	Como utilizaram o IF Goiano – Campus Urutaí em suas pesquisas
Enio Rodrigues Machado	Docente entre 1994-2004	Locus
Ricardo Cirino De Lima	Docente	Locus
Claitonei de Siqueira Santos	Docente	Locus
Silvia Aparecida Caixeta Issa	Técnico – administrativo	Objeto nas duas pesquisas realizadas pela autora
Juliana Cristina da Costa Fernandes	Docente	Locus
Rogério Carneiro Machado	Docente	Locus
Leigh Maria de Souza	Docente	Locus
Jussara de Fátima Alves Campos Oliveira	Docente	Locus
Luciana de Gois Aquino Teixeira	Docente	Locus
José Carlos Moreira de Souza	Docente – Campus Ceres do IF Goiano	Locus

Fonte: quadro organizado pela autora

Ao analisarmos esse quadro observamos que dentre os dez (10) pesquisadores apenas um (01) é técnico-administrativo e nove (09) são docentes. Isso mostra o quanto são escassas pesquisas sobre a instituição que tenham o olhar do técnico-administrativo.

Ao elegermos o IF Goiano – Campus Urutaí como objeto de pesquisa sob a ótica dos servidores técnicos-administrativos, estamos fazendo uma pesquisa inédita relacionada a instituição em questão. Ao escrevermos a história dessa instituição escolar, objetivamos acionar esses servidores, chamá-los a um lugar de falar e retirá-los de um papel secundário na trama da história educacional. Assim, a história dessa instituição toma como referência documental não apenas as fontes/narrativas escritas, mas também fontes/narrativas orais, que são as vozes dos técnico-administrativos.

Diante do exposto, o desafio do primeiro capítulo foi investigar, nas dissertações e teses, como o IF Goiano – Campus Urutaí é retratado nessas pesquisas acadêmicas existentes, para então construirmos o primeiro capítulo dessa dissertação.

Registramos que ao realizar a leitura do capítulo dedicado à história da instituição que é nosso objeto de pesquisa, observamos que pouco foi escrito sobre a quinta e atual fase da instituição, IF Goiano Campus-Urutaí que é nosso foco. O pouco que foi encontrado, faz uma contextualização de forma geral da criação dos IFs englobando o Campus Urutaí. Devido a

isso na construção do capítulo utilizamos de informações contidas no regimento interno do IF Goiano – Campus Urutaí, Projeto Pedagógico de Cursos, o PDI (Plano de desenvolvimento Institucional), entre outros.

Construção do segundo e terceiro capítulos

Nessa seção apresentamos a construção dos capítulos um e dois dessa investigação. Destacamos a importância do método de pesquisa biográfico narrativo em educação. Mostramos dados referentes a entrevista, o instrumento utilizado na entrevista narrativa, a seleção dos entrevistados, o momento da entrevista/conversa, por fim, a transcrição e análise dos dados.

O método de pesquisa biográfico narrativo em educação

Para construção dos capítulos dois e três, utilizamos o método de pesquisa biográfico narrativo em educação, que tem contribuído no sentido de fazer a mediação entre a história individual e a história social (BOLÍVAR, 2002). Bolívar (2014, p. 330) nos mostra que as organizações são constituídas por conjuntos de histórias coletivas, vividas e transmitidas que circulam na cultura interna e na imagem exterior. Para o autor, as narrativas como nós estratégicos na construção do sentido de comunidade, são os meios pelos quais a memória institucional, a história e a identidade organizacional e profissional são constituídas (BOLÍVAR, 2014, p.330)

Sobre o método biográfico narrativo Gadelha (2013, p.49) explica que:

A metodologia de lembrar, narrar e refletir acerca de si mesmo em relação aos processos históricos de formação contribui não apenas para a conquista do consciente profissional, mas para o olhar sobre o “eu” nas diversas dimensões da vida. É uma prática investigativa que acena intensamente em busca de uma aproximação das lentes da ciência à vida cotidiana e, principalmente, aos sujeitos que nela transitam e existem.

É importante salientarmos que as pesquisas (auto)biográficas de maneira específica, podem ser compreendidas como estratégia de investigação qualitativa, a partir das narrativas das histórias de vida dos grupos humanos, sua leitura de mundo, seus sentimentos, percepções e interações com o contexto social em que estão situados (PASSEGGI; SOUZA;

VICENTINI, 2011). No campo da educação surge muito ligada a formação de professores. Gadelha (2013, p.49) elucida que:

[...] a abordagem que considera a vida dos professores expressa o questionamento do paradigma cartesiano suscitado destacadamente pela Escola de Chicago, no início do século XX, e a dos Annales a partir de 1929. Estas foram fundantes para a ruptura com o modelo tradicional de pesquisa positivista que “coisificava”, quantificava, generalizava, objetivava e naturalizava as ações do humano.

O método (auto)biográfico pode ser reconhecido como momento de transição paradigmática. Nóvoa (2007, p.18) expressa que

[...] a utilização contemporânea das abordagens (auto) biográficas é fruto da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico...a nova atenção concedida [para esse tipo de abordagem] no campo científico é a expressão de um movimento social mais amplo...encontramo-nos perante uma mutação cultural que, pouco a pouco, faz reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído.

Passeggi e Souza (2017, p.10) também explicam que existem quatro grandes orientações do movimento (auto)biográfico no Brasil, sendo:

[...] a primeira considera as narrativas autobiográficas como um fenômeno antropológico. Nesse sentido, interessa-se pelos processos de individuação e de socialização dos seres humanos, interrogando-se sobre como nos tornamos quem somos. A segunda orientação utiliza as narrativas como fonte e método de investigação qualitativa, indagando-se sobre práticas sociais, não apenas para produzir conhecimento sobre essas práticas, mas para perceber como os indivíduos dão sentido a elas. A terceira orientação faz uso dessas narrativas como dispositivos de pesquisa-formação, instituindo o sujeito como pessoa interessada no conhecimento que ela produz para si mesma (Souza, 2006a). Finalmente, a quarta orientação estuda a natureza e a diversidade discursiva das escritas (grafias) da vida (bios).

Ao compreender as complexas relações e representações estabelecidas pelos indivíduos, é possível ver entrelaçados os aspectos históricos, sociais, culturais, econômicos, políticos que vão compondo a experiência e história de vida de cada um. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 523).

Após escolhermos o método, fizemos um levantamento geral sobre os principais trabalhos realizados, capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados ao tema da pesquisa. Foram localizados os estudos de Bolívar (2002), Bragança e Lima (2016), Delory-Momberger (2012), Honório Filho (2017), Issa (2014), Josso (2007), Paislandim (2017) e

Alves (2017). Dentre as bibliografias encontradas, apenas as duas últimas tiveram como foco a história institucional na perspectiva de técnico-administrativos, já que na maioria dos casos as pesquisas apresentam a perspectiva dos professores. Segundo Honório Filho (2017, p.58) existe dificuldades em localizar referências com esse foco. Para o referido autor

[...] traçar a biografia institucional de uma escola, um instituto ou ainda uma universidade, através de narrativas de seus sujeitos, pode nos levar a pensar que professores e professoras são sujeitos privilegiados para falarem sobre determinada instituição. Isso faz com que outros trabalhadores, tais como técnicos administrativos, ou os alunos e alunas têm pouco a dizer sobre a Instituição. Trabalhamos com a perspectiva de que tanto docentes, quanto técnico-administrativos e alunos têm o mesmo valor documental para a pesquisa com biografia institucional. São sujeitos diferentes que lançam olhares diferentes sobre as instituições.

Josso (2007, p.435) destaca que o trabalho biográfico não é simplesmente uma repetição ou contação de histórias do passado, transcende, no sentido de reconstruir e ressignificar por meio das narrativas essas histórias vividas, colocando o presente e o futuro em perspectiva.

A entrevista narrativa

Optamos por utilizar as entrevistas narrativas, nas conversas com os servidores selecionados, para que eles possam narrar suas histórias de vida, bem como da instituição na qual trabalham. Dessa forma, as entrevistas visam “a profundidade de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional” (MUYLAERT, *et.al.*, 2014).

A entrevista narrativa é o método que vai além de qualquer outro por evitar uma pré-estruturação da entrevista. Além disso, ele supera o tipo de entrevista baseado em pergunta-resposta (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2000).

Muylaert, *et al.* (2014, p. 195), explicam que ao utilizar a entrevista narrativa, deve-se levar em conta que a “nossa memória é seletiva, lembramos daquilo que ‘podemos’ e alguns eventos são esquecidos deliberadamente ou inconscientemente”.

Os autores afirmam que as narrativas são consideradas representações ou interpretações do mundo, por isso, não devem ser julgadas como verdadeiras ou falsas, pois são verdades de um ponto de vista, em determinado tempo, espaço e contexto (MUYLAERT *et al.*, 2014).

Ao propor que esses trabalhadores narrem suas histórias de vida, consideramos que o passado atua no presente, em muitas vezes de modo silencioso, em outras, de forma gritante e

ainda expande o olhar sobre si mesmo, possibilitando um refazer de concepções, práticas e valores que permeiam o campo pessoal-profissional, que gera um enriquecimento simbólico capaz de provocar um fortalecimento interior para renovação de práticas sociais e da própria vida (GADELHA, 2013).

Instrumento utilizado na entrevista narrativa/conversa

A produção dos dados ocorreu em dois momentos, o primeiro uma entrevista conversa com cada participante, posteriormente foi realizada uma reunião com participação do orientador Professor Doutor Wolney Honório Filho. O primeiro momento pautou-se em um roteiro de entrevistas/conversas biográficas (BRAGANÇA; LIMA, 2016), que não correspondem a entrevistas convencionais de perguntas e respostas que seguem um roteiro fixo. Desse modo, os sujeitos da pesquisa são convidados a narrar sobre suas experiências de vida e de trabalho.

Esse roteiro foi elaborado pela pesquisadora e foi dividido em (03) três blocos de perguntas: o primeiro bloco de “Informações pessoais do entrevistado” que envolveu informações sobre data de nascimento, naturalidade, infância, família, estado civil, filhos. O segundo bloco de perguntas denominamos de “O percurso escolar” onde buscamos informações sobre a escolarização inicial do entrevistado, escola onde iniciou seus estudos, formação superior e área de formação. O terceiro bloco foi o referente ao IF Goiano Campus Urutaí, onde foi abordado sobre o primeiro contato com a instituição, relações anteriores do entrevistado com o Campus, como se tornou servidor do Campus Urutaí, como é trabalhar na instituição, a visão que se tem das transformações sofridas pela instituição ao longo dos anos.

O segundo momento, a entrevista /conversa coletiva foi direcionada por um roteiro elaborado pelo professor Wolney Honório, e foram abordados os seguintes temas: ano de entrada na instituição, percepções sobre a escola na época em que entraram, método utilizado para a entrada na instituição, origem dos servidores que trabalhavam no Campus, percepções em torno da carreira dos técnicos-administrativos, aposentadoria, entre outros.

Esses roteiros foram elaborados com a finalidade de conseguir informações suficientes para alcançarmos uma biografia institucional.

Os entrevistados

Para atingir os propósitos da pesquisa, elegemos como participantes 04 servidores técnico-administrativos da instituição que se dispuseram a narrar sua vida e carreira, através das quais foi possível ver indícios de como, ao longo do tempo de atuação na instituição, o seu trabalho compôs a própria vida e vice-versa. Sobre a seleção dos participantes, Bolívar (2012) afirma que é conveniente eleger aqueles que possuem uma alta “competência narrativa”. Para ele, um bom narrador facilita a entrevista e relata melhor a história que queremos.

Como convivo com os servidores na Instituição diariamente pude notar quem dentro do grupo dos técnico-administrativos eram mais comunicativos e desinibidos. Escolhi indivíduos que constantemente narravam os acontecimentos passados ocorridos na instituição em rodas de conversas informais. Observei no grupo aqueles que sempre estavam trazendo à tona informações interessantes de outras fases da instituição. Essas características foram fundamentais no processo de escolha dos participantes.

Outro fator importante foi que eles tivessem acompanhado outras fases da Instituição, o que fez com que os selecionados tivessem mais de três décadas de trabalho dedicado ao Campus Urutaí. Isso foi fundamental para entendermos o percurso que a instituição percorreu até se tornar um Instituto Federal.

Optamos por selecionar pessoas de diferentes setores dentro do Campus assim convidamos um (01) servidor da área de produção, um (01) que atua no centro médico, um (01) da unidade de gestão de processos e por último, a secretária da direção geral. As narrativas desses servidores contribuíram para a realização da pesquisa, uma vez que se constituíram como sujeitos impregnados de experiências diferenciadas. Essas diversas experiências nos proporcionaram uma visão mais abrangente da instituição.

As pessoas escolhidas foram abordadas pessoalmente para realizar o convite. Foi explicado do que se tratava a nossa investigação e qual seria o papel destas pessoas como participantes na pesquisa.

Convidamos esses profissionais para uma “entrevista/conversa que consiste em um momento significativo de construção das fontes, por meio da ‘palavra dada e da escuta’.” (BRAGANÇA; PEREZ, 2016, p.1170, grifo dos autores).

Por se tratar de colegas de trabalho, os quais vistos com frequência em convivência diária, obtivemos respostas positivas durante a abordagem. Todos os servidores abordados demonstraram estar animados e foram bem prestativos no momento do convite. Eles manifestaram empolgação ao ouvir a proposta de uma pesquisa voltada para o olhar do servidor técnico. Observamos o quanto isso foi importante para eles, se sentiram valorizados, por poderem narrar suas percepções em relação a instituição onde trabalham.

A pesquisa foi “desenvolvida com um número reduzido de participantes, já que não há objetivo de generalizar, mas de buscar sentidos do círculo hermenêutico que possam inspirar reflexões sobre o tema proposto” (BRAGANÇA; PEREZ, 2016, p.1170). Diante do exposto, o grupo de narradores se configurou em grupo de quatro (04) pessoas, que apresentamos no quadro a seguir.

Quadro 03 - Dados referentes aos entrevistados

Nome do participante	Nascimento	Formação	Cargo	Atuação dentro da instituição	Ano de entrada na instituição	Fase da instituição em que entrou
Baltazar Lopes Nery	21/10/1960	Ensino médio completo	Assistente em administração	Auxiliar no centro médico	1987	Escola Agrotécnica Federal de Urutaí - 3ª fase
Elio Francisco Xavier	26/04/1954	Graduação em pedagogia	Assistente em administração	Unidade de gestão de processos – responsável pelas compras	1981	Escola Agrotécnica Federal de Urutaí - 3ª fase
José Claudino Siqueira	21/02/1960	Curso tecnólogo de Irrigação e Drenagem	Técnico em agropecuária	Técnico em agropecuária	1985	Escola Agrotécnica Federal de Urutaí - 3ª fase
Marise Terezinha Barboza	07/10/1954	Licenciatura em Letras	Assistente em administração	Atua como secretária da Direção Geral	1974	Ginásio Agrícola de Urutaí- 2ª fase

Fonte: dados produzidos a partir das informações obtidas nas entrevistas

A entrevista /conversa

As entrevistas/conversas com os participantes aconteceram em dois momentos: um feito de forma particular com cada participante e outro em forma de uma roda de conversa onde todos estavam reunidos³. O quadro abaixo oferece os dados referentes as entrevistas particulares, como se vê:

Quadro 04 - Dados referentes às entrevistas individuais

Entrevistado	Local da entrevista	Data da entrevista/conversa	Horário da entrevista	Duração da entrevista / conversa
Baltazar Lopes Nery	Sala no centro médico, dentro do Campus Urutaí.	08/04/2019	9h22min.	18m 11s 762ms
Élio Francisco Xavier	Sala no prédio da administração do Campus Urutaí	09/04/2019	9h45min.	1min 57s 917ms (Áudio 1); 11min 33s 995ms (Áudio 2) ⁴
José Claudino Siqueira	Biblioteca do Campus Urutaí.	02/04/2019	10h30min.	52min. 22s 243ms
Marise Terezinha Barbosa	Residência da entrevistada na cidade de Urutaí-GO.	05/04/2019	9h35min.	30min 44s 402ms (Áudio 1); 6min 27s 788ms (Áudio 2), 28min 59s 886ms (Áudio 3) ⁵

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Em relação a roda de conversas contamos com a presença do orientador dessa pesquisa, Professor Doutor Wolney Honório Filho. A entrevista /conversa foi direcionada por ele, em um roteiro de sua autoria. No momento, foi solicitado que os participantes se apresentassem e foram abordados temas como: ano de entrada na instituição, percepções sobre a escola na época em que entraram, método utilizado para a entrada na instituição, origem dos servidores que trabalhavam no campus, percepções em torno da carreira dos técnicos-administrativos, aposentadoria, entre outros. Da entrevista coletiva informamos os seguintes dados:

³ O participante Baltazar Lopes Nery não pôde participar da roda de conversa.

⁴ A entrevista foi interrompida por isso foi dividida em dois áudios.

⁵ A entrevista foi interrompida por telefonema e por uma visita que a entrevistada recebeu, devido a isso a conversa sofreu três cortes o que resultou em três áudios diferentes.

Quadro 05 – Dados referentes a entrevista coletiva / roda de conversa

Entrevistados	Local da entrevista	Data da entrevista / conversa	Horário da entrevista	Duração da entrevista / conversa
Marise Terezinha Barbosa, José Claudino Siqueira e Élio Francisco Xavier.	Biblioteca do Campus Urutaí.	2/08/2019	10h30min.	49min 44s 202ms.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Nas entrevistas individuais e a roda de conversa, utilizamos o gravador de áudio, fizemos gravação direta durante a entrevista. A gravação tem a vantagem de registrar todas as expressões orais, imediatamente, deixando o entrevistador livre para prestar toda a sua atenção ao entrevistado.

Ao entrevistar esses servidores, buscamos encorajá-los e estimulá-los a narrar algum acontecimento importante de suas vidas e do contexto social em que vivem (MUYLAERT *et al.*, 2014). Os autores Jovchelovitch e Bauer (2000) explicam que a reconstituição de acontecimentos sociais deve partir do ponto de vista dos informantes, nesse caso a influência do entrevistador na narrativa deve ser mínima.

Transcrição e análise dos dados

Após as entrevistas realizamos a transcrição literal das narrativas dos quatro participantes da pesquisa. Posteriormente fizemos a leitura das transcrições para extrairmos os temas que sobressaíam nas narrativas

Para analisar as narrativas, optamos por adaptar a nossa realidade aos procedimentos utilizados para a análise de narrativas autobiográficas conforme Passegi *et al.* (2017). Ao transpor as narrativas para forma escrita tivemos a consciência de que como pesquisadores somos os mediadores entre narrador e o leitor (PASSEGI *et al.*, 2017).

Procuramos buscar os temas de modo mais sistemático para os procedimentos de análises das narrativas, realizamos as transcrições das entrevistas/conversas individuais e da roda de conversa na íntegra, convertemos as falas do oral para a escrita. Para levantarmos os temas seguimos um procedimento gradual de redução da transcrição, onde passagens inteiras, ou parágrafos, são parafraseados em sentenças sintéticas, e essas sentenças são parafraseadas em palavras-chave. Ambas as reduções operam com generalização e condensação de sentido (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2014 *apud.* PASSEGI *et al.*, 2017, p.472).

A partir das categorias que emergiram desse procedimento, seguimos com a escrita científica, onde apresentamos reflexões interpretativas e propositivas em torno da investigação proposta pela pesquisa (PASSEGI *et al*, 2017).

O processo de análise prosseguiu com a escrita do texto científico, que se encaminhou a divulgação da pesquisa. Os resultados foram explicitados com o devido respeito aos quatro narradores (PASSEGI *et al*, 2017)

CAPÍTULO I - ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO INSTITUTO FEDERAL GOIANO – CAMPUS URUTAÍ

Nesse capítulo identificamos o Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí relacionado à história dos Institutos Federais.

1.1 Marco histórico da Educação Profissional no Brasil

O ano de 2019 marca os 110 anos da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Em 1909, nasceram as primeiras unidades com esse perfil, na época, chamadas de Escolas de Aprendizes Artífices. Desenhamos a trajetória histórica da Educação Profissional no Brasil, considerando-se que esta modalidade de educação foi o motivo central da implantação dos Institutos Federais no país.

Como já mencionado, 1909 é que surgiram as primeiras iniciativas em relação à Educação Profissional como responsabilidade do Estado:

Embora anteriormente já existissem algumas experiências privadas, a formação profissional como responsabilidade do Estado inicia-se no Brasil em 1909, com a criação de 19 escolas de arte e ofício nas diferentes unidades da federação, precursoras das escolas técnicas federais e estaduais. Essas escolas, antes de pretender atender às demandas de um desenvolvimento industrial praticamente inexistente, obedeciam a uma finalidade moral de repressão: educar pelo trabalho os órfãos, pobres e desvalidos da sorte, retirando-os da rua. Assim, na primeira vez que aparece a formação profissional como política pública, ela o faz na perspectiva moralizadora da formação do caráter pelo trabalho (KUENZER, 2007, p. 27).

Observamos que tais escolas acolhiam crianças em vulnerabilidade social. Para corroborar essa afirmação, Almeida (2010) em sua obra apresenta a realidade vivida pelos alunos na época em que funcionava a Escola de Aprendizes Artífices de Santa Catarina. Ela nos apresenta a escassez de recursos básicos enfrentada pelos alunos, entre elas a falta de alimentação. Mostra que essa realidade era encontrada em diversos estados brasileiros. O que culminava em falta de frequência e baixa energia física para acompanhar as aulas e os trabalhos nas oficinas.

Assim, primeiras iniciativas de formação profissional no Brasil estavam relacionadas às transformações sociais e econômicas pelas quais o país passava na época, eram voltadas mais para obras de caridade aos pobres, com intuito de solucionar um problema social, que uma formação profissional propriamente dita. Porém, com a Segunda Revolução Industrial

vieram as transformações tecnológicas que repercutiram em práticas sociais mais elaboradas, influenciando a organização da escola (KUENZER, 2007).

Nesse contexto emergiram as políticas educacionais voltadas para a formação de trabalhadores. Almeida e Suhr (2012) mostram que em 1937, foi outorgada uma nova Constituição no Brasil, a qual, em termos educacionais, inverteu uma tendência democratizante proposta na Constituição de 1934. Entretanto, até 1940, não havia uma legislação educacional única para todo o país, e cada Estado da federação organizava a educação de forma que adaptasse à sua realidade.

Entre 1942 e 1946, foi realizada a Reforma Capanema, que se constituíram em um conjunto de seis Decretos Leis para a reforma dos ensinos primário, secundário, industrial, comercial, normal e agrícola, como apresentamos a seguir:

A Reforma Capanema, embora tivesse o objetivo de oferecer uma profissionalização mais concisa aos que precisavam se inserir rapidamente no mercado de trabalho, adequada às demandas da crescente industrialização no país, não atingiu seu objetivo, pois as classes médias não se interessavam pelo ensino profissionalizante, procurando se manter no ensino secundário, propedêutico, que possibilitava o acesso ao ensino superior. E os mais pobres sequer conseguiam frequentar tais cursos. Diante disso, e necessitando de mão de obra para a indústria de base que começava a crescer, em 1942, por meio do Decreto-Lei nº 4.048, o governo criou o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), um sistema de ensino profissionalizante em parceria com as indústrias e em paralelo com a rede pública [...] (ALMEIDA; SUHR, 2012, p. 89).

A mudança foi mínima na Educação Profissional no Brasil. Apenas, em 1961, “por meio da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei nº 4.024 –, foi permitida uma equivalência entre a educação geral, dos cursos propedêuticos, e o ensino profissionalizante, para fins de prosseguimento nos estudos – representando um avanço na educação brasileira” (ALMEIDA; SUHR, 2012, p. 89).

Outras leis surgiram, porém não serão mencionadas para evitar desdobramentos que fujam a nossa proposta, que é a história das instituições escolares. O quadro abaixo mostra os principais marcos da trajetória histórica da Educação Profissional no Brasil:

Quadro 06 – Avanços históricos da Educação Profissional no Brasil

ANO	LEGISLAÇÃO	PROPOSTAS/AÇÕES DE MELHORIAS
1906	Anteprojeto de lei baseado nas recomendações do Congresso de Instrução	Propostas de ações que estabeleceram o ensino técnico-industrial no Brasil e que possibilitaram a criação das Escolas de Aprendizes Artífices. Primeiramente, foi apresentado ao Congresso Nacional um anteprojeto de lei para promover o ensino prático industrial, agrícola e comercial por meio de parceria entre os Estados e a União.
1909	Surgem as Escolas de Aprendizes Artífices foi estabelecido pelo Decreto nº 7.566	Esta proposta é um marco importante na construção da rede pública de Educação Profissional no Brasil, pois define a Educação Profissional marcada pela divisão das classes sociais. Essa legislação instaurou uma rede de dezenove Escolas de Aprendizes Artífices em todo Brasil que ofertava Ensino Primário ofertando conhecimentos de leitura, escrita e cálculo, além da formação técnica em desenho.
1937	Lei nº 378	As Escolas de Aprendizes e Artífices se tornaram Liceus destinados a ofertar Educação Profissional em todo país.
1941	Reforma Capanema	Várias leis remodelaram o ensino no Brasil. Entre as mudanças ocorridas, o Ensino Profissional passou a ser considerado de nível médio, o ingresso nas escolas industriais passou a depender de exames de admissão e os cursos foram divididos em dois níveis, correspondendo aos dois ciclos do novo ensino médio: o primeiro compreendia os cursos básico industrial, artesanal, de aprendizagem e de mestria. O segundo ciclo correspondia ao curso técnico industrial, com três anos de duração e mais um ano de estágio supervisionado na indústria compreendendo várias especialidades
1942	Decreto nº 4.127	Estabeleceram-se as bases para a organização da rede federal de estabelecimentos de ensino industrial e transformou os liceus em escolas técnicas federais e escolas industriais federais. Foram criadas onze escolas técnicas federais e treze escolas federais industriais. Esse decreto dividiu o Ensino Médio em dois ciclos e em cinco modalidades.
1946	Decreto - lei nº 8.680	Estabelecem-se os cursos pedagógicos destinados à formação de pessoal docente e administrativo do ensino industrial.
1959	Transformação das escolas industriais	Discussão de diretrizes e medidas para a formação de mão de obra para a indústria.
1961	Decreto - Lei 50.492	Alterou-se o primeiro ciclo do Ensino Médio transformando-o em ginásial e promovendo uma aprendizagem profissional desvinculada do segundo ciclo.
1967	Decreto-lei nº 60.731	As Fazendas Modelos do Ministério da Agricultura foram transferidas para o Ministério da Educação e Cultura, passando a ser denominadas como escolas agrícolas.

1968		As escolas técnicas e industriais federais tornaram-se Escolas Técnicas Federais (EFETs).
1971	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDBEN, nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971	Tornou o ensino técnico obrigatório para todos os currículos de segundo grau.
1978	Lei 6.545	Criação dos primeiros Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) e manutenção da formação de professores para atuar na Educação Profissional
1980 a 1990		Foi considerado como de grandes transformações no cenário econômico do país. Então a tecnologia começou a ser associada como uma nova configuração para os processos de produção.
1993	Lei 8.711	Alteraram-se alguns objetivos dos CEFETs, mas manteve-se a formação de professores para cursos profissionalizantes restrita à complementação pedagógica.
1994	Lei 8948	Foi instituído o Sistema Nacional de Educação Tecnológica que começou de forma gradativa a transformar outras Escolas Técnicas Federais e Escolas Agrotécnicas Federais também em Centro Federal de Educação Tecnológica.
1996	Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996	Essa versão inicial da LDB, sancionada em 20 de dezembro de 1996, tratava da Educação Profissional e Tecnológica nos parágrafos 2º e 4º do artigo 36, quando definia as diretrizes do Ensino Médio e previa a possibilidade de “preparação para o trabalho”. Destinou ainda um capítulo específico para a EPT: Capítulo III – Da Educação Profissional, quando definiu de forma simples e pouco direta os princípios para a educação profissional no Brasil, nos artigos 39 a 42. Apesar de possuir um capítulo específico na LDB, a EPT carecia ainda de muitas definições que não estavam presentes na lei.
1997	Decreto nº 2.208 de 17/04/1997	Foram determinados os objetivos da educação profissional, as suas formas de articulação, seus níveis, diretrizes curriculares, formas de estruturação dos currículos e outros aspectos. Começaram a ser utilizadas as palavras “habilidades” e “competências”, foram definidos os níveis da educação profissional (básico, técnico e tecnológico), a possibilidade de certificação por competências como forma de aproveitamento de saberes e feita a imposição de uma formação técnica apenas de forma concomitante ou subsequente ao Ensino Médio, extinguindo a possibilidade de formação técnica integrada.
1999	Resolução no 04/1999	Instituiu-se as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico. Outras Escolas Agrotécnicas Federais foram transformadas em Centro Federal de Educação Profissional.
2000	Decreto 3.462 de 2000	Os CEFET,s passaram a ofertar os cursos de licenciaturas, especialmente na área de exatas como física, matemática e química
2004	Decreto nº 5.154 de 23/07/2004	Revogou-se o Decreto no 2.208/1997, de modo a definir as políticas de governo para a EPT, ou seja, esse novo decreto redefiniu os níveis da educação profissional, suas premissas, as formas de articulação com o Ensino Médio (retornando à possibilidade de formação técnica integrada, além das concomitantes e subsequente já disponíveis), certificações parciais e diplomas, dentre outros.

2005	Resolução no 01/2005 do CNE	As Diretrizes Curriculares Nacionais definidas para o Ensino Médio e para a Educação profissional Técnica de Nível Médio foram atualizadas. Definiram-se novas referências de carga horária mínima para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio e atualizou-se a nomenclatura dos cursos e programas de Educação Profissional: “Educação Profissional de nível básico” passou a denominar-se “formação inicial e continuada de trabalhadores”; “Educação Profissional de nível técnico” passou a denominar-se “Educação Profissional Técnica de nível médio”; e “Educação Profissional de nível tecnológico” passou a denominar-se “Educação Profissional Tecnológica, de graduação e de pós-graduação”.
2005	Lei 11.195	Foi instituído a expansão da oferta da Educação Profissional, porém de forma, preferencialmente em parceria com Estados, Municípios e Distrito Federal, Setor Produtivo ou Organizações não Governamentais e, foi lançado novo Plano de Expansão da Rede Federal, com a construção de 60 novas escolas. E, ainda esta mesma Lei transformou o Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná em Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
2006	Decreto 5773	Tratava das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. Também, foi instituído o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. E, também foi lançado o Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia.
2008	Lei nº 11.741	A Educação Profissional Técnica de Nível Médio passou a ser considerada direito de todos cidadãos brasileiros, já que passou a ser considerada como parte da Educação Básica, definida na Constituição Federal e na própria LDB como garantida pelo Estado com educação pública.
2008		Ocorreu a consolidação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Criados em dezembro de 2008, a partir dos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET), Escolas Agrotécnicas Federais e Escolas Técnicas vinculadas a universidades, os Institutos Federais estão presentes em todos os estados.

Fonte: elaborado a partir de Issy (2012)

Observamos que ao longo desse tempo, formou-se uma rede de escolas agrícolas, sendo estas as Escolas Agrotécnicas Federais. Esse ensino técnico teve ênfase numa época em que o Brasil, em pleno desenvolvimento agrícola e industrial, necessitava ampliar seu contingente de mão de obra técnica especializada. A Educação Profissional e Tecnológica assumiu valor estratégico para o desenvolvimento nacional resultante das transformações das últimas décadas.

Na mais recente dessas transformações surge o Instituto Federal Goiano (IF Goiano), criado por meio da Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008, juntamente com outros 37 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Segundo o Plano de Desenvolvimento Institucional do Instituto Federal Goiano 2019/2023:

O IF Goiano integrou os antigos Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets) de Rio Verde, Urutaí e sua respectiva Unidade de Ensino Descentralizada de Morrinhos, mais a Escola Agrotécnica Federal de Ceres (EAFCE) – todos provenientes de antigas escolas agrícolas. Como órgão de administração central, tem sua Reitoria instalada em Goiânia, Capital do Estado. Em 2010, inaugura o *Campus* Iporá, localizado na região Oeste de Goiás e, em 2011, com uma nova expansão da Rede Federal, foi contemplado com três novos campi que estão localizados nas cidades de Campos Belos, Posse e Trindade. Já em 2014, o IF Goiano foi contemplado, também, com quatro *campi* avançados, nos municípios de Catalão, Cristalina, Hidrolândia e Ipameri. No ano de 2018, a unidade de Cristalina, até então considerada *campus* avançado, tem sua tipologia alterada, tornando-se *campus* (INSTITUTO FEDERAL GOIANO, 2018, p.20).

No ano de 2019, o Instituto Federal Goiano é composto pela Reitoria e pelos *campi*: Campos Belos, Ceres, Cristalina, Iporá, Morrinhos, Posse, Rio Verde, Trindade e Urutaí; a Reitoria; os *campi* avançados: Catalão, Hidrolândia e Ipameri e o Polo de Inovação Rio Verde. Segundo o CONIF (2018, p.15) os Polos de Inovação são “voltados para o desenvolvimento da pesquisa aplicada, ampliação da produtividade e competitividade da indústria nacional. Essas unidades, compostas por laboratórios, atuam em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapa)”.

1.2 A cidade mantenedora do IF Goiano-Campus Urutaí

Ao enveredar pela história de Urutaí-GO saliento que, a sua existência, bem como do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí eram ignorados por mim até o ano de 2013. Visualizei o nome da cidade de Urutaí pela primeira vez em 25 de fevereiro de 2013, no edital nº 002/2013 do Concurso Público do IF Goiano, destinado a selecionar candidatos para o

provimento de cargos do quadro de pessoal técnico-administrativo em educação. Ao ler o edital observei a existência de vagas em alguns Campus do Instituto Federal Goiano para o cargo de bibliotecário-documentalista. Dentre as cidades com vagas para esse cargo, Urutaí estava entre as mais próximas de Goiânia, cidade onde eu residia na época. Tive assim o interesse por conhecer a cidade e o Campus em questão. Naquele momento, Urutaí se tornava uma possibilidade de trabalho e moradia. Ao realizar uma busca pela cidade no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), obtive algumas informações, dentre elas seu número de habitantes e, naquele momento surgiram algumas indagações:

- ✓ O que justificou a escolha de Urutaí para a implantação de Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia?
- ✓ Qual o público beneficiado por essa implantação?

Posteriormente chegaria ao meu conhecimento que a Instituição completaria naquele ano sessenta (60) anos de funcionamento e que no Estado Goiás existiam dois Institutos Federais, sendo: o Instituto Federal Goiano (IF Goiano) e o Instituto Federal de Goiás (IFG). Como mostra Rosa (2016, p.161):

No bojo da Lei nº 11.892 de 2008, foram criados em Goiás o IFG, voltado para a área urbano-industrial, e o IF Goiano, com vocação agropecuária. O IFG foi criado mediante a transformação do Cefet de Goiás, e o IF Goiano, por sua vez, foi criado mediante a integração dos Cefets de Rio Verde e de Urutaí, e da Escola Agrotécnica Federal de Ceres. Essas duas instituições constituem a RFEPC⁶ no estado de Goiás, [...]

Os dois Institutos Federais localizados no Estado de Goiás possuem diferenças. Dentre elas podemos citar que o IF Goiano: na educação superior prevalecem os cursos de Tecnologia na área de Agropecuária, e os de bacharelado e licenciatura; na educação profissional técnica de nível médio, atua na forma integrada; integrou os antigos Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets) de Rio Verde, de Urutaí e sua respectiva Unidade de Ensino descentralizada de Morrinhos, mais a Escola Agrotécnica Federal de Ceres (EAFCE) – todos provenientes de antigas escolas agrícolas; tem uma Reitoria instalada em Goiânia; possui três *campi* avançados. Já o Instituto Federal de Goiás oferece educação integrada do ensino médio à pós-graduação, com ênfase para o ensino técnico integrado ao ensino médio, para os cursos superiores de tecnologia, para as engenharias e para as licenciaturas nas áreas das ciências naturais e das disciplinas técnicas e/ou profissionalizantes (PAISLANDIM, 2017).

⁶ RFEPC - Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica

Até aquele momento, todas as descobertas aconteceram mediante pesquisas em *sites* na internet. Somente em 28 de abril de 2013, dia em que foi realizada a prova do concurso é que tive o primeiro contato físico com o Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí, localizado IF mesorregião do sudeste goiano, também conhecida como “região da estrada-de-ferro”, composta de 22 municípios⁷, tendo grande influência na economia goiana por conta do seu potencial agrícola.

Na data mencionada, meu esposo e eu nos direcionamos ao local da prova, saímos cedo, era um dia de domingo. Chegamos a Urutaí-GO as dez horas (10h) da manhã, três horas (3h) antes da prova, como tínhamos bastante tempo resolvemos dar uma volta na cidade para conhecê-la. Nos deparamos com a típica cidade de interior, para descrever meus pensamentos naquele momento usarei uma frase de Fernandes (2011, p.86): “Urutaí é uma ‘cidade’ pequena, de ruas simples, limpas e arborizadas, desprovida de requintes que possam atrair moradores de cidades de médio e grande porte”.

Decidimos conhecer a cidade, gastamos em torno de dez (10) minutos para percorrermos os pontos principais da cidade. De acordo com o IBGE, em 2019 é de 626,722 km², e a população total registrada no último censo com a data de 2010 é de 3074 habitantes. Observamos que a cidade era formada em torno de uma praça central muito limpa e arborizada, contornada por poucos comércios. Possuía uma agência bancária, o Banco Itaú (atualmente não existe mais), uma Casa Lotérica e uma Agência dos Correios. Havia um certo movimento na praça, eram pessoas que saíam da igreja, a cidade estava muito silenciosa, sem ruídos de carros, ouvia-se apenas o som das vozes daquelas pessoas que saíam da igreja, trazia-me uma sensação de paz. Fernandes (2011) afirma que mesmo sendo considerada, por muitos, como uma cidade pacata é possível ouvir durante as férias escolares e feriados prolongados, o canto dos pássaros e as vozes de crianças, brincando pelas ruas. E que a Paróquia Bom Jesus de Urutaí, localizada na praça central da cidade, retrata a tradição religiosa do município.

Outro ponto importante que nos causou bastante curiosidade, foi a antiga estação ferroviária de Urutaí, observamos que ela sofreu uma restauração, devido ao seu estado de boa conservação. Sobre a estrada de ferro, Issa (2014) mostra que as cidades do sudeste Goiano, principalmente Pires do Rio, Ipameri e Catalão foram beneficiadas com a chegada da

⁷ Ananguera, Campo Alegre de Goiás, Catalão, Corumbáiba, Cristianópolis, Cumari, Davinópolis, Gameleira de Goiás, Goiandira, Ipameri, Leopoldo de Bulhões, Nova Aurora, Orizona, Ouvidor, Palmelo, Pires do Rio, Santa Cruz de Goiás, São Miguel do Passa Quatro, Silvânia, Três Ranchos, Urutaí e Vianópolis (SANTOS, 2011).

estrada de ferro. A Estação Ferroviária do Roncador, localizada em Pires do Rio, tornou-se o principal ponto de acesso para comercialização. Devido a isso, houve um aumento de opções de negócios e maior acesso a bens de consumo a essas cidades, com a instalação de grandes empresas comerciais, comissárias e consignatárias que adquiriam mercadorias em São Paulo e as revendiam no Estado de Goiás (ISSA, 2014).

Com Urutaí não foi diferente, como mostra Fernandes (2011), a cidade teve seu início no século XX, com vínculo direto com a construção da Estrada de Ferro em Goiás e atividades agropecuárias. No início de 1910, a cidade era um pequeno vilarejo, composto de um grupo de casas pertencentes a fazendeiros da região. Devido ao aumento populacional, basicamente de fazendeiros e suas famílias, decorrente de um sensível crescimento econômico, e o início de certa representatividade social e econômica na região, a cidade se torna distrito de Ipameri em 1915. Ela abrangia as maiores fazendas de criação de gado da região (MACHADO, 2005).

Issa (2014) explica que devido a isso no início da década de 1920, Urutaí possuía certo número de habitantes, em sua maioria produtores rurais, o que provocou a ação de um grupo de fazendeiros do município, sendo eles: o Coronel Zacharias Borges, Major Sebastião Louzada, Afonso Ferreira Marques e Saturnino Antônio Francisco, interessados em formar mão-de-obra qualificada com finalidade de melhorar as atividades agropecuárias da região, fizeram doações e permutas de terras, às quais juntou-se a outras terras pertencentes à União para criação de uma Fazenda Modelo, destinada a fomentar o desenvolvimento da produção agropecuária da região. A autora analisou dois documentos referentes a essa doação, sendo eles o livro de ata, datada do ano de 1920, folha 2, onde ela descreve o imenso empenho desses fazendeiros em ajudar na efetivação desse projeto e o manuscrito elaborado pelo diretor José de Souza Neves, de 24 de abril de 1964, onde se confirma a origem das terras da instituição. Nesse documento, fica claro que as terras utilizadas para o empreendimento totalizaram 4.841.300m². Esclarece que as doações intencionais de Sebastião Louzada e Zacharias Borges não foram registradas de forma legal, nem as permutas de Afonso Ferreira Marques e Saturnino Antônio Francisco. Como até os anos 1960, não houve nenhuma ação judicial, o tabelião do município de Ipameri – Sr. Joaquim Cesário Rezende –, procurou solucionar a situação anormal com o diretor da instituição, Senhor José de Sousa Neves. Deste modo, o diretor demarcou todas as terras, registrou em documento e o assinou (ISSA, 2014).

Nesse local, eram ministrados cursos específicos de formação de mão-de-obra para lida com animais e o cultivo agrícola. (MACHADO, 2005). Favoreceu assim, muitos criadores de gado, pois a maioria das fazendas estavam localizadas nesse município. A fazenda Modelo de Criação, foi a abertura para a melhoria da pecuária do Estado de Goiás. Em 1922, a escola recebeu gados importados da França da raça charolesa. Posteriormente, a fazenda recebeu o médico veterinário Antônio Teixeira Vianna, recém-formado em Medicina Veterinária na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária do Rio de Janeiro, veio para a Fazenda em Urutaí para trabalhar com o cruzamento de raças de gado, com finalidade de melhorar o rebanho do Estado de Goiás (ISSA, 2014). Além do melhoramento de raças, a fazenda se ocupava de atividades produtivas, como a comercialização e o aperfeiçoamento agropastoril. A mesma autora em sua investigação relata que o Livro de Ata nº1, do ano de 1920, folha 3, mostra o início da construção e as contratações dos primeiros funcionários para exercer funções administrativas da fazenda. O documento relata a nomeação de três funcionários para exercer diferentes funções relativas à administração dentro da instituição. Os cargos designados foram: auxiliar de 2ª classe de Posto de Assistência Veterinária do Serviço de Indústria Pastoril, guarda do material da referida Fazenda e escrevente *dactylographa*⁸, conforme o documento. Os primeiros funcionários foram nomeados para trabalhar na Fazenda em caráter temporário e direto, ou seja, sem serem efetivados via concurso, somente assinaram um termo de compromisso, assumindo a responsabilidade de exercer com eficiência as exigências do cargo. (ISSA, 2014).

Essa foi a gênese da instituição que décadas depois se tornaria o IF Goiano – Campus Urutaí, que é hoje meu local de trabalho e objeto dessa pesquisa.

1.3 O primeiro contato físico da pesquisadora com o Campus Urutaí

Ao término do passeio para conhecer a cidade, fomos em direção ao Campus para realização da prova do concurso. A instituição compreende uma área de 512 hectares, a 2,5 km de Urutaí, na Fazenda Palmital (MACHADO, 2005). Logo após ao início da rodovia Geraldo Silva Nascimento, tive uma visão panorâmica do Campus, pude visualizar a sua imensidão, seus inúmeros prédios e área verde. Ao adentrá-lo, minhas memórias me levaram ao Campus Samambaia da UFG, onde transitei durante os quatro anos da minha graduação. Impossível não fazer essa analogia, o Campus Urutaí do IF Goiano e o Campus Samambaia

⁸ Conservamos a grafia original no texto encontrado da pesquisa.

da UFG possuem características semelhantes. Os dois locais são bem arborizados e o IF de Urutaí tem suas ruas cobertas por blocos de concreto, assim como o percurso que eu fazia do ponto de ônibus ao prédio da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (FACOMB) da Universidade Federal de Goiás, porém sem a presença dos macacos prego, tão comuns no Campus Samambaia.

Ao chegar em frente à sala onde se daria a prova, avistei uma colega que transitava pelo Campus, tínhamos cursado matérias juntas no curso de biblioteconomia da UFG, assim como eu, ela também faria a prova para concorrer a vaga de bibliotecário-documentalista. Ficamos conversando por algum tempo, e percebemos que tivemos percepções semelhantes sobre o campus Urutaí e o Campus Samambaia da UFG. Naquele momento, conseguimos pensar, nos recordar em comum, os fatos passados assumiram importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade, porque nós não estávamos sozinhas ao representá-los para nós (HALBWACHS, 2006). Ao recordar aquele momento com a colega de faculdade pude perceber que “nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas” (HALBWACHS, 2006, p. 29).

Ao caminhar pelo Campus tive uma experiência única, a escola me proporcionou uma mescla de estilos de arquitetura. Observei que parte do Campus, possuía casas com características residenciais (essas casas hoje abrigam setores administrativos da instituição) semelhantes às encontradas em sedes de fazendas antigas, características comuns da arquitetura rural. As paredes de algumas construções possuíam rachaduras, com massa de reboco avermelhado à mostra, as portas altas de madeira com abertura para os dois lados.

Como bibliotecária tive curiosidade de conhecer a biblioteca do Campus. Atualmente, ela conta com uma área física de 800m², divididos em área para o acervo geral, para o acervo de periódicos, para pesquisa bibliográfica *online*, área de estudo em grupo, de estudo individual, área de processamento técnico, uma área de circulação para atendimento, estação de empréstimos, setor de Coordenação da biblioteca e setor de reprografia e papelaria. Foi inaugurada em dezembro de 1999. Na época, foi um projeto ambicioso e futurístico, uma obra de grande impacto por representar um grande avanço de infraestrutura da EAFUR⁹. Servidores lotados na biblioteca relatam que a biblioteca era um dos pontos turísticos da instituição. Em seu *hall* de entrada existia um jardim de inverno composto de inúmeras

⁹ Escola Agrícola Federal de Urutaí

plantas que deixava o ambiente da biblioteca muito agradável, porém não era funcional, pois demandava muito cuidado e gasto com mão de obra. Por fim, optaram por sua extinção. Segundo Marçal (2011), quando inaugurada a biblioteca recebeu o nome de Biblioteca Ruy Berger Filho, professor Doutor em Educação e Secretário de Educação Média e Tecnológica do Ministério da Educação do Governo Fernando Henrique Cardoso. A biblioteca recebeu esse nome devido as contribuições do então secretário de educação. Ele participou como padrinho de formatura em algumas turmas do ensino técnico, contribuiu com a instituição na reforma da piscina e doação de diversos materiais para compor o acervo da biblioteca. Posteriormente, em 2010, segundo o autor, a biblioteca recebeu o nome de Anathália Mesquita Vaz Eduardo, a mudança de nome ocorreu de um projeto encabeçado pela instituição que teve a finalidade de homenagear os nomes dos prédios com nomes de servidores falecidos da instituição.

Ao me retirar do recinto, avistei uma construção muito interessante, localizada na lateral da biblioteca. Futuramente, eu viria a saber que esse prédio charmoso era denominado de “castelinho”. Sobre o castelinho, Issa e Silva (2016, p. 3) explicam que “é o local onde os alunos que ali estão e que ali passaram tem como referencial de toda a história da instituição. Todos os prédios que formam o IF Goiano – Câmpus Urutaí passaram por reformas, mudanças estruturais, porém o Castelinho mantém seu estilo original”. Esse prédio foi construído para servir de residência do diretor naquela época, construída em estilo espanhol e, devido à sua arquitetura, recebeu o nome de Castelinho. Na atualidade, o prédio abriga o museu institucional, funciona como um local de memória (ISSA; SILVA, 2016).

Essa aparência rústica do Campus, bem como o Castelinho são heranças das primeiras fases da instituição. Em relação a essas fases, Issa (2014) e Diniz (2017) explicam que a instituição foi criada pela Lei nº 1.923, de 1953, e durante as mais de seis décadas de sua existência teve cinco fases, sendo elas:

1. Escola Agrícola de Urutaí, subordinada à Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário (SEAV), do Ministério da Agricultura. A Escola exerceu suas atividades no período de 1953 a 1964, nas instalações da antiga Fazenda Modelo e oferecia o curso de Operário Agrícola.
2. Ginásio Agrícola de Urutaí - surgiu por meio do Decreto nº 53.558, de 13 de fevereiro de 1964. Com atividades entre os anos de 1964 e 1979, período que ofereceu o curso de Mestre Agrícola.

3. Escola Agrotécnica Federal de Urutaí (Portaria n ° 32, de 21 de dezembro de 1977). Em 1977, foi implantado o Curso Técnico em Agropecuária em nível médio, Técnico em Informática em nível médio e Curso de Tecnólogo em Irrigação e Drenagem. Essa fase foi entre os anos de 1979 a 2002.
4. Centro Federal de Educação Tecnológica de Urutaí por meio do Decreto Presidencial de 16 de agosto de 2002 e com o Decreto n° 5225, de 1° de outubro de 2004 se tornou uma IES. Em 2003, iniciou a oferta do curso superior de Tecnologia em Sistemas de Informação. Em 2007 ofertou o curso superior de Tecnologia em Alimentos, Tecnologia em Gestão Ambiental e Gestão da Tecnologia da Informação. As atividades dessa fase foram de 2002 a 2008.
5. IF Goiano - Campus Urutaí, fase atual da instituição em que ela passou a ofertar os cursos de Bacharelado em Agronomia, Engenharia Agrícola e Medicina Veterinária e as Licenciaturas em Ciências Biológicas, Matemática e Química, Sistemas de Informação, Bacharelado em Ciência e Tecnologia de Alimentos, Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Gestão da Tecnologia da Informação Em 2019 o IF Goiano completou 65 anos exercendo suas atividades.

A autora explica que “essas datas delimitam as mudanças da instituição, construídas por diferentes mudanças ocorridas na política educacional e na legislação do ensino, responsável por operar alterações significativas na estrutura, na organização e no formato assumido em diferentes épocas ao longo de mais de seis décadas” (ISSA, 2014, p.14). A Escola Agrícola, primeira fase da instituição, foi criada para atender uma necessidade da sociedade e da economia rural da época, que necessitava do ensino técnico para desenvolver a força econômica de Goiás, um estado voltado para a agropecuária (ISSA, 2014).

Recordo-me também do meu primeiro contato como servidora técnica - administrativa da instituição. Fui aprovada no concurso, tomei posse e entrei em exercício no dia 8 de agosto de 2013. Foi o primeiro dia que presenciei a movimentação do corpo discente e dos servidores (composto por técnico-administrativo e de docentes), o que vi foi um público bem diversificado, composto por pessoas dos mais diferentes gêneros. Dentro do Campus, atualmente, há residências em forma de internato para permanência de alunos tanto do sexo masculino, quanto do sexo feminino. Esse modelo de internato foi herdado da década de 1980, pois na época não existia nenhuma pensão ou hotel na cidade para que os alunos pudessem se hospedar. As cidades mais próximas para hospedagem desses alunos/as ficavam

nas cidades de Pires do Rio, que se localiza a 20 km de distância, ou Ipameri, a 30 km (TEIXEIRA, 2016).

Vale a pena salientar que atualmente o alunado, e os profissionais técnico-administrativos se diferem bem da época da EAU, em que eram compostos por apenas homens e dentre os técnico-administrativos existia apenas algumas mulheres, designadas aos serviços de limpeza, lavanderia, refeitório e secretaria conforme Issa (2014) e Teixeira (2016).

Como vimos, no corpo discente das primeiras fases da instituição, não existiam alunas, contudo, a Lei Orgânica do Ensino Agrícola, em seu artigo 5, mostra que nos cursos agrícolas eram permitidas entrada de mulheres. Porém, com condições especiais: não trabalhar em atividades não adaptadas a elas, como era o caso da lida com animais de grande porte e com a lavoura. Mas, a sociedade daquela época julgava inapropriado a entrada de meninas no curso, pois para a população era pertinente que as mulheres se dedicassem às tarefas para formarem e atenderem as suas famílias e não para atuarem fora de casa. (ISSA, 2014; TEXEIRA, 2016).

Isso prevaleceu por vários anos, mesmo em outras fases da instituição. Teixeira (2016), em sua pesquisa de doutorado, realizou entrevistas com ex-alunos da época do Ginásio Agrícola e da Escola Agrotécnica Federal de Urutaí. Em seus relatos mostram que a escola ainda estava voltada para cursos e internatos somente para alunos do sexo masculino e que a maioria dos servidores eram homens. Ainda é explicitado nas entrevistas que existia uma cultura geral de que, somente meninos com problemas comportamentais, os quais as famílias tinham dificuldades para educar, eram encaminhados para estudar no Campus. Devido a isso, os pais achavam que a instituição não era um atrativo para meninas. Outro agravante era que o curso ofertado não oferecia oportunidade no mercado de trabalho para as mulheres.

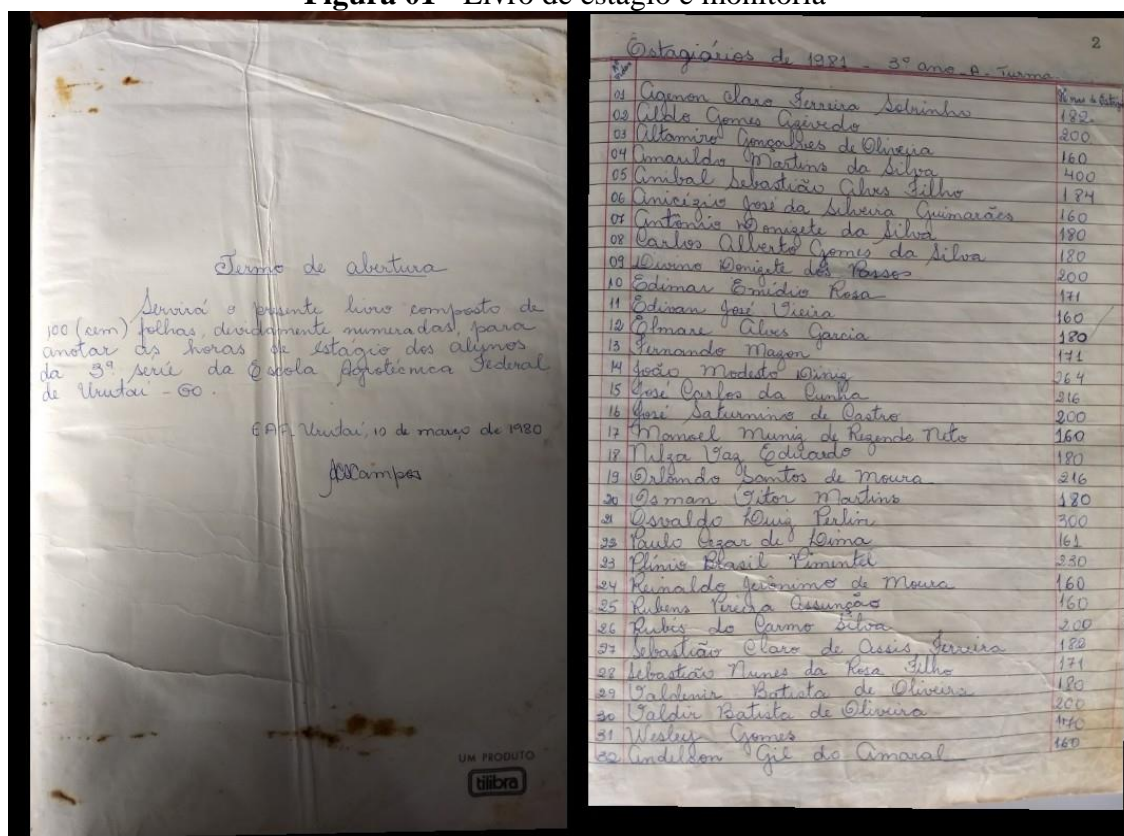
Sempre em conversas informais com moradores da cidade de Urutaí, é comum ouvir duas palavras: ESCOLA para se referir ao IF Goiano-Campus Urutaí e AGRICOLANDOS, para adjetivar os alunos, independente de curso que esses estejam cursando. Essas denominações não surgiram por um acaso.

A Escola Agrotécnica de Urutaí, terceira fase da instituição, foi a mais longa, durou por 23 anos (1979 a 2002), isso fez com que o nome de ESCOLA se enraizasse entre a população da cidade. Quanto a denominação de AGRICOLANDOS, é explicada na pesquisa de Teixeira (2016) por uma ex-aluna (a primeira mulher a ingressar no Campus como estudante no ano de 1979). Na época, o campus tinha um total de 120 alunos, na sua maioria internos, sendo ela, a única mulher. Em 1980, entraram mais meninas, porém em um número

bem reduzido, isso se devia ao preconceito dos pais de alunas em relação aos agricolandos (nome dado aos estudantes da instituição na época. Esse nome se estabeleceu entre a população até hoje).

Em uma manhã de março do ano de 2019, fui ao prédio do setor de Extensão do Campus, em uma conversa com o servidor Técnico administrativo Rafael Vasconcelos de Oliveira, comentei sobre o desenvolvimento e sobre alguns aspectos da minha pesquisa, em particular a parte que se refere a entrada da primeira aluna mulher na Instituição. No mesmo instante, ele se levantou, abriu a gaveta de arquivo e retirou livro de estágio e monitoria do curso Técnico Agrícola do ano de 1981, elaborado pela servidora Ana Cardoso Campus. No exemplar consta o nome de todos alunos que realizaram estágio naquele ano, num total de 32 discentes, sendo apenas 1 (uma) do sexo feminino. Na folha 2 do livro, vê-se registrado o nome de Nilza Vaz Eduardo, primeira menina a estudar na instituição.

Figura 01 - Livro de estágio e monitoria



Fonte: Arquivo do setor de extensão do IF Goiano – Campus Urutaí

Sobre as matrículas para mulheres, Teixeira (2016) explica que, somente após 26 anos de abertura do Campus que houve matrícula de mulheres. Isso ocorreu depois da transição de Ginásio Agrícola de Urutaí para Escola Agrotécnica Federal de Urutaí, quando esta passou a

oferecer o curso Técnico em Agropecuária, integrado ao ensino médio. Como na época as escolas da cidade não ofertavam ensino médio, as meninas despertaram o interesse em estudar na “nova” instituição. Nessa época, todas as Escolas Agrotécnicas Federais funcionavam de acordo com o modelo pedagógico Sistema Escola-Fazenda (TEIXEIRA, 2012). Sobre essa fase da instituição, Machado (2005) explica que na época houve uma tentativa de envolver a escola com a comunidade. Para isso, foram desenvolvidas ações como, orientação para formação de hortas comunitárias, participação em campanhas entre outras, as quais faziam parte da orientação de reforçar a formação do técnico como agente de mudanças. Tais tentativas não surtiram efeitos desejados, porque a escola não abriu espaço para discussões de temas sociais e continuou formando o produtor rural, ou seja, o profissional para vender seus conhecimentos.

Segundo Issa (2018), a maioria dos discentes eram filhos de pequenos e médios produtores. Em um relatório de 1981, foi registrada a profissão dos pais: 28,21% eram fazendeiros; 29,74%, agricultores; 7,18%, comerciantes; 0,51%, médicos; 10,77%, funcionários públicos; e 23,59%, outras ocupações. Dessa forma, 57,95% dos alunos eram filhos de pais que trabalhavam com a agropecuária. A autora explica que ao final do curso os alunos assumiram diferentes funções no setor, sendo que alguns voltaram para as propriedades de seus pais; outros conseguiram empregos nas áreas públicas ou privadas; e uma pequena parcela deu continuidade aos estudos (ISSA, 2018).

Sobre essa época, Oliveira (2014) diz que houve uma adequação a um novo currículo, que integrou a formação geral à técnica. A fase da Escola Agrotécnica de Urutaí permaneceu por vários anos, ofereceu cursos na área agropecuária, atendeu alunos do Sudeste Goiano, bem como das mais diversas regiões do país, em sua maioria na forma de internato masculino. Segundo Machado (2005), a partir de 1994, o número de vagas de internato na instituição começou a ser reduzido. Segundo o autor, esse procedimento representava os primeiros passos em direção à Reforma do Ensino Profissionalizante de Nível Técnico Oferecido pelas Rede Federal de Escolas Agrotécnicas e houve ainda por parte da União os primeiros sinais no sentido de contenção dos gastos com a educação pública.

Toda a atual configuração que podemos ver hoje, ao percorrer a instituição, começou a acontecer com mais força a partir de 1995, quando começaram as discussões sobre a Reforma Educacional e Profissional. Assim, a EAFUR se tornou uma referência para implantação da reforma, que teve seu marco em 1996. Implementou-se o currículo por competências que

ocasionou uma redução nas atividades práticas que eram bastante intensas no sistema escola fazenda (CAMPOS, 2005).

Oliveira (2014) afirma que “a escola começou a vislumbrar um novo formato de cursos, surgiu, então, o Curso Técnico de Processamento de Dados, integrado ao Ensino Médio”. Esse curso foi oferecido no período noturno como explica a autora. Ela esclarece que criação da Unidade de Ensino descentralizada de Morrinhos - GO (UNED de Morrinhos), através da portaria nº 46, de 13 de janeiro de 1997 e a implantação de curso superior Tecnologia de Irrigação e Drenagem na EAFUR, em 1999, fez com que a instituição alterasse sua filosofia. Dessa forma, a escola começou a sofrer profundas transformações. Essas mudanças começaram a despertar no interior da instituição a “cefetização”. Isso foi a ruptura que promoveu grandes transformações, possibilitou a oferta de diversos níveis e modalidade de ensino, e uma nova estrutura organizacional. Das diversas transformações percebidas, a autora destaca as mudanças no currículo e os investimentos em infraestrutura (OLIVEIRA, 2014). A autora descreve como um processo lento e exaustivo. Quando o governo federal deu início aos processos de “cefetização”, a instituição almejou um dia em se tornar CEFET.

Em 16 de agosto de 2002 foi implantado o CEFET de Urutaí, por meio de Decreto Presidencial, assim novos cursos foram abertos, sendo: Curso Superior de Tecnologias em Análises e Desenvolvimento de Sistemas, Tecnólogo em Alimentos, Tecnólogo em Gestão Ambiental, Tecnólogo da Gestão da Tecnologia da Informação (ISSA; SILVA, 2016).

Com objetivo de colaborar com o desenvolvimento agropecuário, agroindustrial e de serviços da região Sudeste, utilizando-se de ações ligadas com o setor produtivo e a sociedade em geral; incentivar e operacionalizar mecanismos de pesquisas e extensão; desenvolver metodologias próprias, com objetivo de efetivar a articulação entre educação, produção e pesquisa; zelar pelas legislações e normas vigentes e pelo cumprimento da proposta pedagógica adotada pelo CEFET (MACHADO, 2005).

Como foi mostrado, a instituição passou a ofertar também o Ensino Superior. Em função da nova conjuntura, outras questões surgiram, como: os Cefets são equiparados às Universidades? A resposta é não, os Institutos Federais são distintos da instituição universitária, e devem buscar uma configuração própria, condizente com suas particularidades. Domingos Sobrinho (2007) nos mostra que, mesmo que as universidades tenham servido de modelo, a RFEPC (Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica) precisou construir sua própria configuração, considerando suas particularidades.

Dessa forma, essas instituições não devem se tornar universidades, pois esse modelo institucional é

[...] inadequado para uma rede de instituições historicamente comprometidas com a oferta de EPT (Educação Profissional e Tecnológica) a grupos e segmentos sociais com dificuldades de acesso e permanência nos sistemas formais de ensino e maior necessidade de engajamento imediato no mundo do trabalho e voltada para o desenvolvimento local e regional. (DOMINGOS SOBRINHO, 2007, p. 6)

Nessa conjuntura o curso de Técnico em Agropecuária sofreu mudanças como mostram Issa e Silva (2016, p.12):

O Decreto n.º 5.154/2004 possibilitou a integração entre ensino médio e profissional. Diante desse decreto, sob a direção do Senhor José Donizete Borges, iniciaram-se as discussões para elaboração de um novo projeto do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio. O curso iniciou no ano de 2008, porém a instituição continuou a oferecer cursos técnicos na modalidade concomitante e subsequente. O integrado para os adolescentes que acabaram de concluir o ensino fundamental e os cursos concomitantes e subsequente para jovens que estavam cursando o ensino médio em outra instituição de ensino ou que já o haviam concluído e buscavam um curso técnico para ter habilitação profissional.

A nova configuração da instituição ocasionou mudanças até mesmo no âmbito da biblioteca. Segundo Marçal (2011), saiu da situação de uma biblioteca escolar para se tornar uma biblioteca híbrida, passou a atender não apenas aos alunos do ensino médio, mas também aos alunos dos cursos superiores recém-inaugurados. Elevou a compra de material bibliográfico, multimeios e mobiliário. E novos servidores técnico-administrativos foram direcionados para atender a esse novo público.

Esse momento de transição foi de grande importância para sociedade, tal transformação representou um aumento da estrutura do Campus, consequentemente abertura de novas vagas para servidores e para alunos, o que beneficiou a população do Sudeste Goiano. Essa quarta fase da instituição durou seis anos e foi a menor das cinco.

Quando iniciei meus trabalhos no IF Goiano-Campus Urutaí no ano de 2013, estava instituída a quinta e atual fase da instituição iniciada em 2008. O que antes fora os Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets), Escolas Agrotécnicas Federais e Escolas Técnicas passaram a se chamar Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs). Os IFs surgem com uma proposta de uma institucionalidade que contribua para uma sociedade menos desigual, que esteja comprometida com o todo social, como algo que funda a igualdade na diversidade, sugere que essa política se oriente para a busca de unidade entre

formação geral e profissional (AMORIM, 2013). Nesse sentido, a Lei nº 11892/2008, define os Institutos Federais como:

Instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos às suas práticas pedagógicas, nos termos desta Lei. Para efeito da incidência das disposições que regem a regulação, avaliação e supervisão das instituições e dos cursos de educação superior, os Institutos Federais são equiparados às universidades federais. (BRASIL, 2008)

O quadro abaixo lista as sete configurações que originaram os atuais Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia no Brasil, dentre eles se destaca o IF Goiano como parte dessa Rede Federal de Educação.

Quadro 07 - Configurações que originaram os atuais Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia no Brasil

Quanto à origem	Institutos Federais
Por fusão e transformação de Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica e Escola Agrotécnica Federal	IF de Alagoas - IF do Amazonas - IF do Ceará - IF do Espírito Santo - IF Goiano - IF do Maranhão - IF de Minas Gerais - IF do Norte de Minas - IF do Sudeste de Minas - IF do Triângulo Mineiro - IF do Mato Grosso - IF do Pará - IF da Paraíba - IF de Pernambuco - IF Farroupilha - IF Sergipe.
Por transformação de Escola Técnica Federal	IF do Acre - IF do Amapá - IF de Brasília
Por transformação de Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica	IF da Bahia - IF de Goiás - IF do Sertão Pernambucano - IF do Piauí - IF do Rio de Janeiro - IF Fluminense - IF do Rio Grande do Norte - IF Sul-Rio-Grandense- IF de Roraima - IF de Santa Catarina - IF de São Paulo
Por fusão e transformação de Escolas Agrotécnicas Federais	IF Baiano - IF Sul de Minas - IF Catarinense
Por fusão e transformação Escola Agrotécnica Federal e Escola Técnica Federal	IF de Rondônia - IF do Mato Grosso do Sul - IF do Tocantins
Por transformação da Escola Técnica vinculada à Universidade Federal	IF do Paraná
Por fusão e transformação de Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica, Escola Agrotécnica Federal e Escola Técnica Federal	IF do Rio Grande do Sul

Fonte: Adaptado de Andrade (2014).

Ao assumir a configuração de IF Goiano – Campus Urutaí no final de 2008, a instituição sofreu novas modificações significativas para sua história. Fernandes (2012, p. 102) mostra que: “de instituição autárquica independente passou a ser parte integrante (Campus) de uma nova instituição, nascida de um conjunto de instituições, com

características diferenciadas, que precisavam nivelar realidades, profundamente diversas”. A autora mostra que houve maior união entre os Campus do IF Goiano, bem como a necessidade de padronizar políticas e ações pedagógicas (FERNANDES, 2012). Ao se tornar IF Goiano a instituição passou a ter os seguintes objetivos:

- I. ministrar educação profissional técnica de nível médio, prioritariamente na forma de cursos integrados, para os concluintes do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos;
- II. ministrar cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores, objetivando a capacitação, o aperfeiçoamento, a especialização e a atualização de profissionais, em todos os níveis de escolaridade, nas áreas da educação profissional e tecnológica;
- III. realizar pesquisas aplicadas, estimulando o desenvolvimento de soluções técnicas e tecnológicas, estendendo seus benefícios à comunidade;
- IV. desenvolver atividades de extensão de acordo com os princípios e finalidades da educação profissional e tecnológica, em articulação com o mundo do trabalho e os segmentos sociais, e com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos;
- V. estimular e apoiar processos educativos que levem à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional;
- VI. ministrar em nível de educação superior: a) cursos superiores de tecnologia visando à formação de profissionais para os diferentes setores da economia; b) cursos de licenciatura, bem como programas especiais de formação pedagógica, com vistas na formação de professores para a educação básica, sobretudo nas áreas de ciências e matemática, e para a educação profissional; c) cursos de bacharelado e engenharia, visando à formação de profissionais para os diferentes setores da economia e áreas do conhecimento; d) cursos de pós-graduação *lato sensu* de aperfeiçoamento e especialização, visando à formação de especialistas nas diferentes áreas do conhecimento; e) cursos de pós-graduação *stricto sensu* de mestrado e doutorado, que contribuam para promover o estabelecimento de bases sólidas em educação, ciência e tecnologia, com vistas no processo de geração e inovação tecnológica. (INSTITUTO FEDERAL GOIANO, 2018).

A Instituição se configurou na oferta de ensino médio, novos cursos técnicos, novos cursos de graduação, pós-graduação *lato sensu* e pós-graduação *stricto sensu* para que esses objetivos fossem atingidos. Segundo o plano de desenvolvimento institucional do IF Goiano, a instituição tem

[...] como finalidade ofertar ensino público, gratuito e de qualidade, pautando-se no princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Assim, cada uma dessas atividades, mesmo que realizadas em tempos e espaços distintos, têm um eixo fundamental: constituir a função social da instituição que é a de democratizar o saber e contribuir para a construção de uma sociedade ética e solidária. Suas ações são voltadas à socialização dos saberes teóricos e práticos, visando o desenvolvimento das potencialidades dos alunos, para que se constituam cidadãos participativos e

corresponsáveis nos processos de transformação da sociedade (INSTITUTO FEDERAL GOIANO, 2018).

Observamos a grande mudança ocorrida nessa nova fase da instituição, tornou-se uma instituição que conforme Lei 11.892/2008 garantisse:

[...] o mínimo de 50% de suas vagas para ministrar educação profissional técnica de nível médio, para os concluintes do ensino fundamental, prioritariamente, na forma de cursos integrados e para o público da educação de jovens e adultos. Nesse contexto e de acordo com o Decreto 5.480/2006, o IF Goiano deve disponibilizar ao Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, no mínimo 10% do total das vagas de ingresso da instituição, tomando como referência o quantitativo de matrículas do ano anterior. Além disso, a oferta de cursos deve garantir 20% de suas vagas para programas especiais de formação pedagógica, com o objetivo de formar professores para a educação básica, sobretudo nas áreas de ciências e matemática e para a educação profissional (INSTITUTO FEDERAL GOIANO, 2018).

No mesmo ano da minha chegada ao Campus no ano de 2013 foi inaugurado o Curso Superior de Bacharelado em Medicina Veterinária. Instalado no contexto da política da expansão de oferta de cursos, como forma de suprir principalmente, a demanda regional cuja economia é essencialmente agropecuária (INSTITUTO FEDERAL GOIANO, 2017). Lembro-me da empolgação da instituição com o novo curso. Os docentes e os técnicos-administrativos trabalhavam com afinco para que tudo fluísse de forma positiva. Na mesma semana que entrei em exercício recebemos uma grande remessa de livros voltados para o curso de Medicina Veterinária. Fui incumbida de cadastrá-los e disponibilizá-los para que pudessem atender à demanda dos alunos do curso.

A inserção desse curso no Campus Urutaí não aconteceu por um acaso. Em 2011, foi realizada uma pesquisa de demanda de cursos do Ensino Superior realizada, nos vinte e dois (22) municípios que compõem a região sudeste do Estado de Goiás, tendo como público alvo alunos do ensino médio e que 95% estudavam em escolas públicas estaduais, constatou-se que das 2217 opiniões colhidas, 33% escolheriam o curso de Medicina Veterinária como opção de curso, se esse fosse oferecido pelo Campus Urutaí do IF Goiano (INSTITUTO FEDERAL GOIANO, 2017). Assim, o IF Goiano se tornou a primeira instituição de ensino superior presente na região Sudeste Goiano a ofertar vagas para o curso de Medicina Veterinária.

No ano de 2018, tive oportunidade de participar da elaboração do Plano de desenvolvimento Institucional (PDI) do Campus Urutaí. Observei nesse trabalho o quanto a instituição se esforça para dialogar com a região onde está instalada. Cada novo passo tomado

e cada novo curso indicado como proposta de abertura vem ao encontro da realidade local, nota-se é que o IF Goiano exerce grande influência socioeconômica na mesorregião sudeste de Goiás, que se dá na medida em que esta instituição se abre para o trabalho, comércio, inclusão social, desenvolvimento geral, etc.

Essa constatação confirma a fala de Pacheco (2011) que os IFs exploram “as potencialidades de desenvolvimento, a vocação produtiva de seu *locus*; a geração e transferência de tecnologias e conhecimentos e a inserção, nesse espaço, da mão de obra qualificada” (PACHECO, 2011, p. 22). Nesse sentido, é muito comum vermos alunos egressos do Campus Urutaí atuando em propriedades agrícolas bem como em empresas com perfil agroindustrial, como a mesorregião sudeste de Goiás é predominantemente agropecuária, o IF Goiano-Campus Urutaí tem por intenção contribuir com a formação de mão de obra para esta atividade, pois como mostra Souza (2014), nesta região, a agroindústria sofreu grande expansão, devido a disponibilidade de grãos e carne bovina, grande oferta de mão de obra, proximidade do mercado consumidor, condições climáticas favoráveis, infraestrutura e, sobretudo, pelas políticas adotadas pelo governo no sentido de estimular o desenvolvimento do Estado. A produção de produtos lácteos, por exemplo, está presente na maioria dos municípios goianos e a busca por áreas fornecedoras de matéria-prima com baixo custo de produção tem motivado a instalação de indústrias processadoras de aves e suínos, propiciando a expansão dessas atividades. Sendo assim, o crescimento desse mercado favoreceu o aumento por demanda de profissionais capacitados.

Segundo Machado (2012, p.85), isso acontece porque “a forte expressão que é dada ao atual desenvolvimento técnico-científico, neste caso, a agropecuária, modifica o perfil do produtor rural em diferentes aspectos, associado às transformações socioeconômicas que envolvem também os estudantes”. Em síntese, o Sudeste Goiano, principalmente a Região da Estrada de Ferro, onde está localizada a cidade de Urutaí, tem como base da economia: a pecuária (bovino de corte, bovino de leite, avicultura, apicultura), a agricultura (algodão, soja e milho), agronegócio; mineração, plataforma tecnológica; polo confeccionista; polo educacional/universitário; centro de formação profissional e turismo. Ainda tem a presença de empresas importantes como a Nutriza, atuante na produção de frangos de corte no sistema de integração, cujo frigorífico Friato está sediado em Pires do Rio, juntamente a sua fábrica de ração; a importante participação da Cooperativa Agropecuária de Produtores Rurais de Orizona (COAPRO), atuante na produção e captação de grande quantidade de leite produzido

em Goiás, e ainda; a proximidade com o Laticínio Piracanjuba, uma das maiores empresas do setor lácteo do Estado de Goiás (INSTITUTO FEDERAL GOIANO, 2017).

Assim, essa região foi muito beneficiada com a constituição do atual IF Goiano – Campus Urutaí, desde a criação da fazenda modelo até a sua transformação em Instituto Federal, em 2008. Os cursos que a instituição oferece na área das Ciências Agrárias contribuem com essa região na formação de profissionais da Grande Área das Ciências Agrárias, formando: Técnicos em Agropecuária, Técnicos em Biotecnologia, Engenheiros Agrícolas, Agrônomos, Tecnólogos em Alimentos e Médicos Veterinários.

Quando se refere do contexto em que surgiram os IFs no Brasil, percebe-se que estas instituições são o grande avanço da Rede Federal de Educação, levando-se em conta que os pressupostos dessa Rede buscam a construção de novos sujeitos aptos para o trabalho e atuantes no seu âmbito histórico-social. Pacheco (2011) traz uma síntese interessante sobre a função socioeducativa dos IFs. Ele enfatiza que:

O governo federal, através do Ministério da Educação, criou um modelo institucional absolutamente inovador em termos de proposta político-pedagógica: os Institutos Federais de Educação, Ciências e Tecnologia. Essas instituições têm suas bases em um conceito de educação profissional e tecnológica sem similar em nenhum outro país. São 38 institutos, com 400 *campi* espalhados por todo o território brasileiro, além de várias unidades avançadas atuando em cursos técnicos [...], em sua maioria na forma integrada com o ensino médio, licenciaturas [...] e graduações tecnológicas, podendo ainda disponibilizar especializações, mestrados profissionais, doutorados voltados principalmente para a pesquisa aplicada de inovação tecnológica. (PACHECO, 2011, p. 13-14).

O IF Goiano – Campus Urutaí, assume essa função socioeducativa, assim como, todos os outros IFs brasileiros que sustentam a mesma configuração e trabalham sob os mesmos pressupostos teórico-pedagógicos. A instituição atua na “promoção da justiça social, da equidade, do desenvolvimento sustentável com vistas à inclusão social, bem como, a busca de soluções técnicas e a geração de novas tecnologias” (PACHECO, 2011, p.49-50).

Pode-se dizer que a criação do IF Goiano- Campus Urutaí é fruto de uma política pública nacional que atingiu uma gama de instituições de educação profissional e tecnológica, ainda que todos os IFs se constituam de experiências particulares no que se referem à sua implantação. Conforme Rosa (2016, p. 170), isso acontece porque existem “mediações entre o que é concebido, legislado e efetivamente implantado, resultado de interesses tanto da comunidade educacional quanto da sociedade civil”.

Sob o ponto de vista de Rosa (2016), o IF Goiano - Campus Urutaí revela em seu histórico que esta instituição se articula com a força agropecuária do Estado, especialmente da região Sudeste do estado, mantendo essa tradição com mais veemência no século XXI. Assim, pode-se inferir com base nesse mesmo histórico, que apesar dos processos de reestruturação pelos quais passou ao longo de sua história, IF Goiano-Campus Urutaí mantém sua identidade agropecuária, em sintonia com as potencialidades de onde está inserida.

Machado (2005) mostra que o Campus Urutaí ocupa duas fazendas, a Palmital e Pedra Branca, perfazendo um total de 512 hectares. Tive oportunidade de conhecê-las mais profundamente em um *tour* realizado pelo então Diretor Geral do Campus, Gilson Dourado, com a finalidade de apresentar a instituição aos quatro servidores que iniciaram suas atividades no ano de 2013, iniciando pelas fazendas. Vimos naquele dia que cada uma das fazendas é destinada a um tipo de produção. A fazenda Palmital é destinada à produção de leite, contendo todos os equipamentos necessários. Já o *tour* pela fazenda Pedra Branca foi mais longo, tivemos a oportunidade de observar alguns alunos lidando com os animais, pois a Pedra Branca é destinada à produção de carne, devido a criação de gado de corte. Ambas são destinadas tanto à produção interna quanto ao ensino, pesquisa e extensão. Servem também para ofertar cursos para estudantes não só da instituição, mas também, a cursos ofertados durante eventos internos e externos (INSTITUTO FEDERAL GOIANO, 2017).

Durante aquele *tour*, a escola parecia um canteiro de obras, alguns prédios estavam em processo de construção para acompanhar a nova realidade da atual fase da instituição, uma dessas construções foi o restaurante estudantil. O antigo refeitório localizado ao lado da biblioteca já não atendia mais a demanda da escola. Da porta da biblioteca conseguíamos ver as imensas filas que eram formadas no horário do almoço. Para minimizar essas filas, iniciou-se a construção de um novo refeitório em uma área muito mais ampla. Não foi um processo tranquilo. Em 2016, presenciei o momento em que o teto da obra foi arrancado por fortes ventos em um dia chuvoso e esse evento atrasou o processo de construção, sendo inaugurado somente em 2018. Sempre que realizo minhas refeições no restaurante, observo o quanto o fluxo na distribuição de alimentos foi otimizado, as filas deixaram de existir, o que proporcionou melhora nos serviços prestados.

No mesmo ano, a instituição finalizou a construção do prédio do Programa Cão Guia. Segundo Souza e Ferreira 2015 teve origem de uma iniciativa do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas - NAPNE do Instituto Federal Catarinense Campus Camburiú, este programa foi acolhido pela Secretaria de Desenvolvimento Humano da

Presidência da República – SDH e pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica - SETEC/MEC como uma ação de promoção dos direitos das pessoas com deficiência, expandido para outros seis (06) Institutos Federais, dentre eles o IF Goiano Campus Urutaí.

Conforme o Regimento Interno do IF Goiano - Campus Urutaí o objetivo do projeto é formar novos Treinadores e Instrutores de Cães-Guia, bem como treinar e fornecer os animais como ferramenta de inclusão para pessoas cegas ou com baixa visão. Dessa forma, ao andar pelo Campus observo os cães da raça Labrador em processo de formação. Alguns servidores se disponibilizaram para serem as famílias socializadoras dos cães que participam do projeto. Os cães passam todo o tempo com seus socializadores, por isso é normal os encontrarmos nos mais diferentes prédios da instituição em processo de socialização. As instalações do projeto também são utilizadas como Clínica-Escola com atendimento à animais de companhia bem como aulas práticas das disciplinas do curso de Medicina Veterinária. (INSTITUTO FEDERAL GOIANO, 2017).

Por fim, temos o prédio da Matemática inaugurado na mesma data, construído em formato de um prisma hexagonal, têm uma área com mais de 1.400m². Além dos prédios novos, o Campus dispõe de quarenta (40) laboratórios para a realização de atividades didáticas e científicas. Toda essa configuração deu uma nova cara a essa quinta e atual fase da instituição, deixando-a mais moderna e arrojada.

Observo um grande contraste em relação a arquitetura da Escola, o presente sufoca o passado, pois à medida que os novos prédios surgem os antigos são deixados de lado. Quando são reformados perdem as características originais, pois não são feitas restaurações para conservar as formas de quando foram construídas.

Outro aspecto interessante, que se pode observar nessa fase do Campus Urutaí é a receptividade, professores e alunos são alojados na instituição durante os eventos. A escola tem disponíveis ambientes adequados que contribuem com os eventos acadêmicos, como: Auditório Principal bem equipado, Anfiteatro, Centro de Treinamento e ainda outros ambientes acadêmicos que possibilitam a realização de diversas atividades, esses ambientes são divididos em pavilhões, compostos por salas aulas, salas para acomodação dos docentes, laboratórios e alguns possuem salas de monitoria, laboratório de ensino e pesquisa e mini auditório. Para as aulas práticas dos cursos das áreas agrárias, o Campus possui setores de cultura de bovinos, suínos, peixes, ovinos e aves. Além de áreas para realização dos mais diversos experimentos agropecuários.

Em virtude da boa estrutura, o Campus Urutaí frequentemente é cotado para sediar os Jogos dos Institutos Federais (JIF), para realização dos jogos: campo de futebol gramado e iluminado; campo *society* gramado e iluminado; quadra poliesportiva coberta; quadra de tênis; ginásio poliesportivo coberto, com vestiários; pista de atletismo; piscina semiolímpica; e academia completa. A unidade conta com o maior auditório da região, com capacidade para 950 pessoas (INSTITUTO FEDERAL GOIANO, 2017).

Como já mencionado, muitos alunos residem na instituição, 250 aproximadamente. Atualmente, a escola oferece residência masculina e feminina. Além dos alojamentos, composto de áreas de lavanderia e convivência, a unidade oferece os móveis e os equipamentos básicos para que os estudantes possam residir. Oferta também assistência médica gratuita, odontológica, psicológica e de enfermagem na própria instituição, por meio do Centro Integrado de Saúde.

Para que toda essa estrutura funcione em harmonia nos três turnos do dia, a instituição, conforme PDI do IF Goiano 2019/2023, conta com um total de 233 servidores, sendo que 122 são docentes e 111 técnico-administrativos, que trabalham em busca da excelência nos processos de ensino, pesquisa e extensão. A instituição entende que educação é direito social universal, ao qual todo cidadão deve ter acesso. Porém, a simples garantia do acesso ao ensino não basta para a consolidação da educação, para dar efetividade a esse direito, sendo para isso necessário dar condições para a permanência do discente. Inúmeros fatores podem comprometer, tanto o acesso, quanto a permanência do discente nos diversos níveis educacionais.

Em pouco tempo dentro da instituição presenciei alunos que abandonaram a escola por ter que trabalhar para ajudar nas despesas de casa, ou por não ter condições de manter as despesas com alimentação e transporte, pois muitos alunos são oriundos de cidades vizinhas e o ir e vir geram gastos que muitas vezes as famílias não conseguem custear. Para minimizar essas situações o Campus oferece atualmente três programas principais de assistência estudantil: o Auxílio Transporte, a Bolsa Moradia e Auxílio Permanência. O processo é realizado por meio de editais para garantir transparência na seleção (TEIXEIRA, 2016).

Para chegar ao que é hoje o IF Goiano – Campus Urutaí passou por inúmeras mudanças, alguns cursos que antes eram ofertados pela instituição deixaram de existir. Atualmente o Campus Urutaí oferta os seguintes cursos:

Quadro 08 – Cursos ofertados na atualidade no IF Goiano – Campus Urutaí

CURSO	NÍVEL	MODALIDADE	ANO DE IMPLANTAÇÃO
Técnico em Agropecuária	Médio	Integrado	2008
Técnico em Agropecuária	Médio	Concomitante/Subsequente	2009
Técnico em Informática	Médio	Integrado	2009
Técnico em Biotecnologia	Médio	Integrado	2015
Tec. Em Gestão da Tec. Da Informação	Graduação	Tecnológico	2007
Agronomia	Graduação	Bacharelado	2008
Engenharia Agrícola	Graduação	Bacharelado	2010
Sistemas de Informação	Graduação	Bacharelado	2016
Bacharelado em Ciência e Tecnologia de Alimentos	Graduação	Bacharelado	2018
Licenciatura em Ciências Biológicas	Graduação	Licenciatura	2010
Licenciatura em Matemática	Graduação	Licenciatura	2009
Licenciatura em Química	Graduação	Licenciatura	2011
Licenciatura em Pedagogia	Graduação	Licenciatura	2018
Licenciatura em Educação Física	Graduação	Licenciatura	2019
Bacharelado em Nutrição	Graduação	Bacharelado	2019
Proteção de plantas (PPG-PP)	<i>Stricto Sensu</i>	Mestrado - profissional	2015
Conservação de recursos naturais do cerrado (PPG-CRENAC)	<i>Stricto Sensu</i>	Mestrado - profissional	2016
Ensino para a educação básica (PPGENEB)	<i>Stricto Sensu</i>	Mestrado - profissional	2019

Fonte: elaborado a partir de Instituto Federal Goiano (2018)

Assim, a instituição segue com mais de 6 (seis) décadas de atuação, passou por diversas metamorfoses para atender as diferentes realidades da Educação em cada época. Adaptou-se as necessidades existentes na região onde está instalada. Buscou atender as necessidades sociais dessa localidade, com respeito as singularidades econômicas, sociais e culturais dessa região.

1.4 Considerações do capítulo

Ao direcionar as parciais desse capítulo, fica evidente que a instituição tem procurado crescer, reestruturar e se adaptar às novas realidades da região onde ela está instalada. Nesse

contexto, o IF Goiano – Campus Urutaí se destaca como um instrumento importante, pois, por suas peculiaridades, atende desde sua criação uma localidade antes esquecida, isso contribui para que grupos que historicamente lidavam com restrições de acesso à educação pudessem ter mais oportunidades e contribuir para o desenvolvimento de sua região. Vê-se, portanto, que as transformações pelas quais a instituição passou até se configurar como IF Goiano, levaram a Escola a se adaptar e a reconstruir sua identidade ao contexto educacional vivido em cada época.

Observamos isso ao acompanharmos toda a trajetória dessa instituição. Foi algo que começou com o intuito de habilitar profissionais que contribuísse com o desenvolvimento da agropecuária na região e que por muitos anos teve como principal público, filhos de pessoas envolvidas com a produção agropecuária. Por décadas a instituição promoveu cursos voltados apenas para esse nicho de mercado. Com o crescimento e desenvolvimento da região novas demandas surgiram e para acompanhar essa metamorfose a escola se sentiu na obrigação de se reinventar. Deixou de atender apenas as demandas do setor agrário, apesar dessa característica rural ser bastante forte, não é a única, como foi no passado.

Fotos existentes nas paredes da biblioteca desenham os alunos da primeira fase, época da Escola Agrícola de Urutaí, onde as práticas e ensinamentos agrícolas eram a única opção. Observa-se ainda uma certa padronização na forma de se vestir, organizar os cabelos e até mesmo na maneira de se portar. Essas características são bem peculiares da primeira fase da instituição e perdurou até a terceira.

Atualmente, dentro do Campus se encontra grupos de alunos bastante diversificados. Existe uma mescla de usos, hábitos e costumes. Em um mesmo ambiente é possível ver alunos(as) da área de Ciências Agrárias trajados com botina/botas, chapéu e utilizando grandes fivelas nos cintos. Como também presenciar alunos(as) da área de Ciências Exatas e Licenciaturas utilizando camisetas de banda de *rock*, *jeans* rasgado e cabelos pintados das mais diferentes cores, dentre elas a cor de rosa. Essa diversidade comprova que a escola não é mais a mesma e nem seus alunos são os mesmos.

Essa mudança ocorre a partir do momento que os novos cursos são instalados e abrem vagas para os que visam o trabalho fora da agropecuária, pessoas que não tem intimidade e nem afinidade com o mundo rural. Assim, o IF Goiano – Campus Urutaí se reestrutura a cada dia para atender aos anseios da região onde ele está localizado. Conforme afirmação de Gouveia (2016), são os IFs que formam trabalhadores especializados com finalidade de trazer

mudanças pontuais para a realidade social local, mesmo que estas ainda sejam insuficientes para a transformação em escala nacional.

Capítulo II - OS NARRADORES

“O ato de lembrar torna evidentes experiências e influências que construíram consciente ou inconscientemente a nossa visão de mundo e as práticas profissionais escolhidas” (GADELHA, 2013, p.55).

Esse capítulo tem por objetivo compreender as histórias de vida dos servidores técnico administrativos atuantes do IF Goiano-Campus Urutaí. Analisamos suas histórias de vida relacionadas à história da Instituição.

2.1 O técnico-administrativo em educação

Sobre a carreira de Servidor Público Federal - Técnico-Administrativo em Educação, Paislandim (2017) explica que não existe uma uniformidade profissional. Informa ainda que os cargos técnicos são divididos em níveis diferentes dentro da mesma carreira, levando-se em conta o grau de escolaridade exigido para cada cargo. Dessa forma, a estrutura do plano de carreira dos servidores técnico-administrativos em educação é regida pelo Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação – PCCTAE, responsável por organizar os cargos e salários em cinco níveis de classificação como segue: o nível mais alto da carreira são os cargos de nível E, com exigência de nível superior. O nível D exige ensino médio, Níveis C, B e A exigem escolaridade de nível fundamental (PAISLANDIM, 2017).

É comum servidores com cargos de nível A, B, C e D atuarem em diferentes funções dentro da instituição ao longo de sua carreira. Já os cargos de nível E, por sua natureza, permitem menor mobilidade de seus ocupantes, exceto em situações de remoção ou redistribuição para exercerem o mesmo cargo em outras cidades; os servidores deste nível da carreira mantêm uma perenidade maior com as funções que ocupam (PASLANDIM, 2017).

A instituição em questão trata-se de um Campus grande, isso dificulta o contato entre os setores, tornando-se comum que os profissionais não conheçam a realidade total da instituição. Nesse contexto, como já explicado no caminho metodológico, optamos por selecionar servidores de diferentes partes do Campus, com finalidade de obter narrativas que pudessem nos dar uma visão mais ampla do nosso objeto de pesquisa. Acreditamos que essa seleção trará a perspectiva de profissionais de diferentes áreas de atuação dentro do Campus. Acionamos esses servidores e os convidamos a assumirem um lugar de fala, onde eles saíram dos bastidores da cena educacional para serem protagonistas que narram suas perspectivas.

2.2 Trabalho e aposentadoria

Durante as entrevistas constatamos um dado importante: os quatro participantes são servidores em fim de carreira, ou seja, a aposentadoria é iminente. Três deles estão na instituição há mais de 3 décadas e o outro mais que 4 décadas, como apresenta o quadro a seguir.

Quadro 09 – Dados referentes a idade e tempo de trabalhos dos participantes da pesquisa

Participante	Nascimento	Ano de entrada na instituição	Fase da instituição quando entrou	Tempo de serviço dedicado a instituição
José Claudino	21/02/1960 – 59 anos	1985	Escola Agrotécnica Federal de Urutaí - 3ª fase	34 anos
Baltazar Lopes	21/10/1958 – 61 anos	1987	Ginásio Agrícola de Urutaí- 2ª fase	32 anos
Elio Francisco	26/04/1954 – 65 anos	1981	Escola Agrotécnica Federal de Urutaí - 3ª fase	38 anos
Marise Terezinha	07/10/1954 – 65 anos	1974	Ginásio Agrícola de Urutaí- 2ª fase	45 anos

Fonte: elaborado com base nas informações obtidas nas entrevistas

Esse dado levou nossa pesquisa para caminhos inesperados, o que nos mostra o quanto a entrevista narrativa pode ser surpreendente. Observamos que o encontro coletivo, trouxe uma atmosfera emocional que levantou temas interessantes como: *o sentimento de felicidade* por ter conquistado um serviço público, sendo que tal conquista foi associada por um dos participantes como um “prêmio da loteria” e a aposentadoria associada à perda e ao *sentimento de tristeza*. O último sentimento não ocorre por um acaso como explica Bressan (2011, p.4), o processo de aposentadoria “representa a maior transição na vida das pessoas adultas e ainda está associado à perda do trabalho”.

Historicamente foi atribuído ao trabalho inúmeros significados, conforme o contexto da época. Essas significações envolvem fatores políticos, sociais e até mesmo religiosos. Antunes (2009), em seu livro intitulado “Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho”, nos mostra que desde o mundo antigo e sua filosofia, o homem experimenta sentimentos opostos em relação ao trabalho. Para o autor “o trabalho tem sido compreendido como expressão de vida e degradação, criação e infelicidade, atividade vital e escravidão, felicidade social e servidão. Trabalho e fadiga. Momento de catarse e vivência de martírio” (ANTUNES, 2009 p. 259).

O autor explica que esse paradoxo era persistente e que, em dado momento, trabalho era cultuado como algo positivo e em outros os traços negativos eram exaltados. Ele nos mostra que ao longo do tempo, alguns pensadores viram o trabalho como honra e o ócio como desonra. Posteriormente, devido ao envolvimento humano, o trabalho tornou-se um instrumento de tortura, punição e sofrimento para a pessoas. Já o ócio era visto como algo direcionado para realização humana (ANTUNES, 2009).

O pensamento cristão ajudou a perpetuar essa controvérsia, colocaram o trabalho como um martírio necessário para atingir a salvação. O trabalho foi visto como caminho para o mundo celestial, que levaria o homem ao paraíso. O ato de trabalhar era algo digno de respeito e honra (ANTUNES, 2009). Esse pensamento foi reforçado por Weber, como explica Antunes (2009, p.259, grifos do autor):

Weber, com sua *ética positiva* do trabalho re-conferiu ao ofício o caminho para a salvação, celestial e terreno, *fim mesmo da vida*. Selava-se, então, sob o comando do mundo da mercadoria e do dinheiro, a prevalência do negócio (*negar o ócio*) que veio sepultar o império do repouso, da folga e da preguiça.

Both (2004, p. 15) explica que nesse sentido “a ideia de vocação para o trabalho expressa que o seu exercício passa a ser a mais elevada atividade moral; o trabalho honesto e a atividade intensa são o sinal terreno da graça de Deus”. Segundo a autora, as pessoas passaram a se mover em busca do sucesso em um processo de comparação, a eterna busca por realizações e a imensa competição se transformam em modo de vida. O que levou a “acumulação do capital, o reinvestimento dos lucros, e um trabalho diligente e eficaz são as leis do mercado; logo, se um empresário ou trabalhador não estiverem dentro dessas leis, serão eliminados” (BOTH, 2004, p. 15).

Antunes (2009, p.260) mostra que foi com “Marx que o trabalho conheceu sua síntese sublime: trabalhar era, ao mesmo tempo, necessidade eterna para manter o metabolismo social entre humanidade e natureza. Mas, sob o império (e o fetiche) da mercadoria, a atividade vital metamorfoseava-se em atividade imposta, extrínseca e exterior, forçada e compulsória”.

Antunes e Alves (2004) mostram que a classe trabalhadora sofreu uma mutação, não igual à que existia no século passado. Na atualidade trata-se do grupo de pessoas assalariadas que vivem da venda da sua força de trabalho, ou seja a classe que vive do trabalho e que não são os detentores dos meios de produção.

Os autores ainda explicam que a classe trabalhadora vem sofrendo processos de diferentes formas, como: redução do proletariado devido a reestruturação produtiva do

capital, dando lugar a formas mais desregulamentadas de trabalho, reduzindo fortemente o conjunto de trabalhadores estáveis que se estruturavam por meio de empregos formais; aumento global no número de trabalhadores terceirizados, subcontratados, contratos em tempo parcial, entre outras formas semelhantes; aumento do trabalho feminino porém, em contratos em tempo parcial, em condições precárias e desregulamentado. Nesse caso, as mulheres enfrentam menores salários em relação aos trabalhadores do sexo masculino e sofrem com as desigualdades em relação aos direitos sociais e do trabalho; aumento no número de trabalhadores do (setor de serviços) que abarcou os trabalhadores excluídos do setor produtivo industrial, decorrentes do processo de reestruturação produtiva, das políticas neoliberais e do cenário de desindustrialização e privatização; exclusão dos jovens, que atingiram a idade de ingresso no mercado de trabalho, que são obrigados a competirem por vagas em trabalhos precários ou ainda enfrentarem o desemprego; exclusão dos idosos, que uma vez excluídos do trabalho encontram dificuldades para retornar e por fim em decorrência a todas essas tendências anteriormente citadas, a expansão do “terceiro setor” que assume uma forma alternativa de ocupação, por intermédio de empresas de perfil mais comunitários, motivadas predominantemente por formas de trabalho voluntário, atividades majoritariamente de caráter assistencial, sem fins diretamente mercantis ou lucrativos e que se desenvolvem relativamente à margem do mercado (ANTUNES; ALVES, 2004).

Nessas situações, Antunes (2009) mostra que inúmeros trabalhadores se encontram diante da necessidade de trabalhar para sobreviver, porém se veem frente às situações instáveis, precárias e em outras vezes sem trabalho. O autor demonstra a realidade enfrentada por esses trabalhadores ao fazer a seguinte analogia ao mundo do trabalho:

Maquinaria perversa e engenharia satânica que vêm gerando um gigantesco contingente de desempregados que assim o são pela própria lógica destrutiva do capital - a qual, ao mesmo tempo que expulsa centenas de milhões de homens e mulheres do mundo produtivo gerador de valor em seus trabalhos estáveis e formalizados, recria, nos mais longínquos espaços, novas modalidades informalizadas e precarizadas de geração do mais-valor. Isso depaupera ainda mais, pela expansão da força sobrando de trabalho que não para de crescer, os níveis de remuneração daqueles que se mantêm trabalhando (ANTUNES, 2009 p.11).

Diante do exposto, o que se observa é que toda essa exclusão causa uma redução do efetivo de trabalhadores na esfera produtiva, que leva a formação de um “exército de reserva” que possibilita ao empregador a pagar um menor salário pela compra da força de trabalho do trabalhador. Dessa forma o trabalhador se vê em um cenário de precarização e escassez do emprego (SILVA, 2015).

Intuímos que é nesse contexto que inúmeros trabalhadores associam o emprego público a um “prêmio da loteria”, visto como fonte de sobrevivência e porto seguro. Em suas concepções é necessário estabilidade e segurança em suas vidas e eles acreditam que essas características estão atreladas ao serviço público e por isso vão em sua busca.

A sequência da pesquisa mostrará a história de vida dos participantes em duas etapas, como segue: na primeira etapa, mostraremos a vida dos participantes antes de se tornarem servidor público técnico-administrativo, o caminho percorrido até chegarem a profissão e mostraremos suas trajetórias após se efetivarem como um servidor do Campus Urutaí, com ênfase nas dificuldades enfrentadas; na segunda etapa mostraremos as perspectivas desses trabalhadores diante a proximidade da aposentadoria.

Essa circunstância pode desencadear problemas ao trabalhador, pode gerar crises de identidade pessoal, bem como crise de crise ocupacional (ZANELLI, 2000). Sobre essas crises, Debetir (2011, p.2), mostra que:

A crise de identidade pessoal relaciona-se, dentre outros fatores, à mudança dos papéis desempenhados pelo indivíduo na sociedade. O consumidor e produtor de bens, após a aposentadoria, transforma-se, geralmente, em outro tipo de consumidor, agora com restrições de consumo, devido à redução de rendimentos, ocorrência frequente entre aqueles que não possuem um plano de aposentadoria complementar. Outro elemento da crise de identidade pessoal é a ambiguidade com que é tratado o aposentado pela sociedade que, ao mesmo tempo, lhe outorga o direito à aposentadoria e lhe imputa estereótipos negativos.

Dessa forma, ao requerer a aposentadoria oficial e encenar uma carreira formal, o requerente se vê obrigado a pensar em alternativas. Torna-se, “inevitável pensar e decidir sobre uma segunda carreira, um trabalho autônomo, tarefas filantrópicas, práticas de lazer, cuidados com a casa e com a família, ou outras atividades” (ZANELLI, 2000, p.159).

Os trabalhadores que estiverem próximos ao processo de aposentadoria devem encará-la com seriedade e não a tratar como um simples término de carreira. A aposentadoria pode ser percebida por cada pessoa de forma diferente. Romper vínculos e mudar de hábitos cotidianos, podem representar sofrimento às pessoas que viveram muitos anos em um mesmo contexto. É desafiador descobrir, aceitar e enfrentar novas atividades e por fim atribuir novos significados para vida (ZANELLI, 2000).

2.3 História de vida dos participantes da pesquisa

Nessa seção, apresentaremos dados referente aos colaboradores dessa investigação. As categorias são vida pessoal, infância, trajetória escolar, primeiras lembranças sobre o IF Goiano-Campus Urutaí, o ingresso profissional no Campus Urutaí e funções exercidas dentro da instituição. O intuito será mostra o percurso seguido por esses indivíduos até o momento em que se tornaram servidores públicos técnico-administrativo do IF Goiano. Os relatos biográficos serão baseados nas entrevistas narrativas cedidas por eles. Tomaremos as narrativas, no sentido de conhecer suas histórias de vida, bem como a história da instituição na qual dedicaram e ainda dedicam suas vidas.

Observamos que esses trabalhadores participaram de fases anteriores da instituição, acompanharam transformações ocorridas ao longo dos anos e esse longo tempo de vivência dentro do Campus proporcionaram a construção de inúmeras tramas, que serão reconstituídas para que possamos escrever essa biografia institucional.

2.3.1 José Claudino de Siqueira

José Claudino¹⁰ nasceu em 21 de fevereiro de 1960, no município de Ipameri. Filho de Clarecinda Augusta de Siqueira e Aristides Claudino Nunes. Sendo o do meio entre três irmãos. Pode ser descrito como uma pessoa bem-humorada, gosta de rir e contar piada. Extremamente ligado ao campo, ao trabalho com a terra, plantas e animais. Usa um chapéu no seu dia-a-dia, que o protege do sol e nos ajuda a reconhecê-lo de longe. O José Claudino de hoje não surgiu por acaso, por meio de seu relato observamos que ele foi moldado pela vida. Veremos que suas experiências o constituíram, porque os acontecimentos o afetaram, produziram efeitos nele, no que se tornou, no que pensa, nos seus sentimentos, no que sabe, no que quer etc. (LAROSSA BONDÍA, 2011).

José Claudino nos conta que aos cinco anos de idade perdeu a mãe e que, devido a isso, ele e os irmãos ficaram aos cuidados de sua avó que faleceria dois anos mais tarde. Sua família foi reduzida ao pai, ele e os irmãos. Segundo relatou com a perda da mãe e da avó as responsabilidades referentes a propriedade e sobre eles foram direcionadas ao seu irmão mais velho, com apenas doze anos na época. Mesmo com o pai ainda presente, era seu irmão quem respondia por todos os outros menores e resolvia as pendências relacionadas à chácara. Sobre os motivos do irmão ter absorvido todas as responsabilidades, explica apenas diz que foi o juiz que decretou.

¹⁰ Relato biográfico baseado na entrevista de José Claudino, realizada no dia 02/04/2019

Nesse momento, pôde-se notar prudência em sua fala, e a narrativa prosseguiu em um outro momento de sua vida. Observa-se que desde pequenos ele e os irmãos foram impelidos ao amadurecimento. Sua narrativa mostra que a perda da mãe e da avó, tiraram as crianças de um contexto familiar, onde era encontrados acolhimento e carinho. Isso fez com José Claudino, assim como o irmão, buscassem uma postura madura perante a vida desde pequenos. Mediante a morte delas, eles foram amparados pela herança de uma propriedade rural. As primeiras recordações de José relacionadas ao trabalho rural vêm da época dessa propriedade de onde seu pai tirava o sustento da família.

Ele nos informa que o terreno da família estava localizado longe da cidade e ficava no meio de outras propriedades maiores. Na época, essas propriedades maiores foram compradas por um fazendeiro, que tinha a intenção de retirá-los da propriedade herdada, pois essa pequena área continha a maior parte das águas do entorno, e a compra daquelas terras agregaria grande valor ao restante da sua propriedade.

Como ele e os irmãos estavam crescendo, alguns amigos da família começaram a enxergar a necessidade de as crianças frequentarem a escola, e assim orientaram o seu pai a vender as terras e a se mudarem para cidade com finalidade de proporcionar oportunidades de estudos aos meninos. A interferência desses amigos da família foi crucial para que a vida de José e de seus irmãos tomassem novos rumos, onde eles seriam encaminhados a vida escolar.

Por influência desses amigos, seu pai conversou com um juiz na época que o orientou a fazer uma permuta da seguinte forma: o fazendeiro compraria uma área próximo a uma cidade que tivesse escola e trocaria com a família de José Claudino. Porém, seu pai achou inviável realizar tal permuta, pois o ofício que ele exercia era a lida na roça. A mudança para cidade tiraria a possibilidade de obter emprego e recursos financeiros para cuidar dos filhos. Devido a isso, a troca das terras por uma casa na cidade foi descartada.

Posteriormente, surgiu a oportunidade de trocar as terras por uma chácara localizada ao lado do Ginásio Agrícola de Urutaí. O Juiz autorizou que o fazendeiro comprasse a chácara e realizasse a permuta sob a justificativa de que a localidade ofereceria oportunidade de as crianças estudarem.

A permuta se deu no ano de 1970, e no mesmo ano se mudaram. O fato de terem mudado para chácara não significou prosperidade financeira, pelo contrário. José Claudino se lembra da infância pobre, explica que passaram por muitas dificuldades. Foram amparados por um tio Joaquim que era coronel do exército, que ao visitá-los se compadeceu da situação, e resolveu ajudar a família. Levou ele e seus irmãos para morarem na cidade por um tempo e

ainda tomou a iniciativa de comprar gado leiteiro e fazer a chácara produzir para que a família tivesse uma renda para sobreviver.

Os investimentos feitos pelo tio na propriedade garantiriam, num futuro próximo, o contato de José Claudino com a terra em meio a plantação e aos animais. Esse contato o levou a desenvolver habilidades para o trabalho rural e o encanto pela lida na roça.

Ele nos explica que entre os anos de 1972 e 1973 teve seu primeiro contato como aluno no Campus Urutaí. Cursou o 1º ano do ensino primário, na época era denominado de Ginásio Agrícola de Urutaí. Posteriormente, a escola deixou de ofertar o ensino primário, se viu obrigado a estudar no Colégio Estadual Doutor Vasco dos Reis Gonçalves na cidade de Urutaí. Issa (2018) em sua pesquisa mostra que nesse período a instituição sofria com as dificuldades econômicas que a região Sudeste do estado Goiás enfrentava na época, a estrutura física da instituição estava precária e o ensino agrícola estava em crise.

Mesmo deixando de estudar no Ginásio Agrícola de Urutaí, a infância de José Claudino estava intimamente ligada a Instituição. Ele cresceu na chácara ao lado da escola, o que proporcionou bastante contato com o Campus Urutaí. O campo de futebol e a quadra da instituição eram locais de diversão, o que garantia um constante contato com a Escola.

Recorda do seu retorno à instituição, em 1981. Nessa época, já era Escola Agrotécnica Federal de Urutaí, cursou o Técnico em Agropecuária. O curso contribuiu bastante para o aperfeiçoamento das técnicas que já eram por eles utilizados na chácara onde moravam. Concluiu o curso em 1984, aos 24 anos de idade.

Após o término de seus estudos o pai adoeceu, e na mesma época seus irmãos se mudaram para outra cidade. Como já estava acostumado com aquela lida no campo, a rotina da chácara e não queria deixar o pai sozinho, ficou responsável pelos cuidados do pai e isso fez com que ele permanecesse na cidade.

Sua narrativa nos mostra o amor que ele tem pela região de Urutaí, onde passou a infância e cresceu o que fez com que decidisse permanecer na cidade de Urutaí-GO. Devido às suas experiências no trabalho rural, à proximidade e o contato constante com a escola, teve a oportunidade de ter uma relação de trabalho com Campus Urutaí. Inicialmente, suas atividades foram como diarista, a relação de trabalho era feita mediante contrato. Esse contrato não garantia uma estabilidade para ele. Como ele relata, ao término do contrato, outro era assinado mediante interesse da instituição.

José Claudino conta que em 1985, por meio de concurso interno foi efetivado no cargo de Técnico em Agropecuária. Expressando enorme felicidade nos conta sobre seu salário

como servidor efetivo da instituição: o salário era muito maior em relação ao que estava acostumado a ganhar. Isso proporcionou melhores condições de vida para si e a família. O ajudou a comprar as partes pertencentes aos irmãos na chácara, atualmente é o único proprietário.

Como nos conta, sua vida na chácara sempre esteve intimamente ligada ao que ele faz hoje como servidor no IF Goiano. Em sua chácara além de plantações, mantém a criação de gado, suínos e aves direcionadas a alimentação humana. Quando não está trabalhando na sua propriedade está atuando na escola em atividades semelhantes. Afirma nunca ter encontrado dificuldades em seu ofício como técnico em agropecuária.

Para ele a instituição também lhe proporcionou oportunidade de realizar o curso superior em Irrigação e Drenagem na instituição. Finalizou o ensino superior em 2010 quando estava instituído a configuração de IF Goiano-Campus Urutaí. Esse curso veio mais uma vez firmar os pés de José no trabalho com a terra, pois o currículo vai ao encontro de sua rotina no trabalho.

Nosso narrador afirma que gosta do que faz, durante a entrevista/conversa que tivemos, fez a seguinte declaração: “aqui é a melhor impressão que já tive na minha vida. Eu fui muito feliz aqui! Eu sou muito feliz aqui, muito feliz”. Sua felicidade com o trabalho pode estar relacionada ao fato de ter dado continuidade a algo que gosta de fazer desde a infância. Não existiu uma quebra brusca das atividades que ele fazia. O fato de morar desde pequeno ao lado do Campus, de exercer atividades similares ao que já fazia, faz com que a escola seja para ele uma extensão de sua casa.

Observamos em sua narrativa, que este servidor enfrentou bem as pressões econômicas e sociais impostas pela vida adulta. Na sua percepção, o trabalho relacionado ao campo é a melhor das funções existentes dentro da escola. Afirma que os colegas que entraram na mesma época que ele, que exerciam a mesma função de técnico em agropecuária e que trocaram o trabalho no campo por trabalhos burocráticos dentro de escritórios, envelheceram mais que ele. Ele associa o trabalho ao ar livre, ligado a natureza a algo bom, pois o ambiente é mais saudável, já os trabalhos voltados as rotinas burocráticas são trabalhos que não fazem bem aos trabalhadores.

Para ele, o fato de estar dentro de uma instituição escolar e lidar constantemente com os alunos o faz um educador também. Atualmente ele trabalha no setor de produção, como explica, seus serviços são utilizados nos mais diversos locais da instituição. Podemos vê-lo trabalhando desde a suinocultura, avicultura, horta, fruticultura, entre outros locais.

Sua trajetória de vida, escolar e acadêmica sempre estiveram intimamente ligados ao trabalho no meio rural, isso contribuiu para sua entrada, permanência e êxito no ofício em que permanece ainda na atualidade.

2.3.2 Baltazar Lopes Nery

Baltazar Lopes¹¹ nasceu no dia de 21 de outubro de 1958, no município de Buritis - MG. Filho de Alípio Pereira Nery e Jacira Benedita Lopes. Visto como uma pessoa comunicativa, com facilidade para desenvolver amizades, conhece a todos no Campus em que trabalha. O que lhe proporcionou o dom da comunicação e da interação com as pessoas? Talvez, o fato de ter tido a infância marcada pelo trabalho, pela a interação com outras pessoas, por lidar com o atendimento ao cliente. Observaremos em seu relato que Baltazar tomou a direção de sua vida desde muito jovem. Teve em suas mãos a responsabilidade de decisões importantes, que mudariam a sua vida. Veremos em sua trajetória o caminho percorrido em seu processo de transformação, mostra ser um sujeito sensível, vulnerável e ex/posto, se torna um sujeito aberto a sua própria transformação (LAROSSA BONDÍA, 2011).

Ele conta que sua infância foi normal, como de toda criança entre 12 (doze) irmãos. Fala que sua cidade era pequena, com pouco mais de três mil habitantes. Demorou para desenvolver e ficar maior. Recorda do rio que passava tranquilo e das crianças que gostavam de brincar nele. Baltazar explica que apesar de ter tido uma infância agradável, a pobreza esteve presente em sua vida, por isso começou a trabalhar muito jovem.

Aos 11 anos de idade, começou no ofício de entregador de leite na cidade e posteriormente, como funcionário de um armazém onde seu tio era proprietário. Observamos em sua narrativa que a interação com pessoas, o atendimento ao cliente esteve presente em sua vida desde pequeno, o que ajudou desenvolver a comunicação e o tornou uma pessoa mais desinibida. Porém, o fato de iniciar muito jovem no trabalho interferiu no andamento da sua vida escolar, pois teve que dividir seu tempo entre trabalho e os estudos. Nos fala que iniciou os estudos em Minas Gerais na Escola Candido José Lopes e o concluiu em Brasília na Escola Juscelino Kubitschek no período noturno.

Em 1976, foi sozinho à Brasília para retirar seus documentos, pois estava próximo de completar 18 anos. Lembra que o único documento que tinha em mãos era a carteira de

¹¹ Relato biográfico baseado na entrevista de Baltazar Lopes Nery, realizada no dia 08/04/2019

reservista. Conta que nessa mesma época, por incentivo de uma irmã, participou de um processo seletivo no Ministério da Educação e Cultura – MEC, as vagas eram para contratação funcionários terceirizados. Após fazer a inscrição e preencher uma ficha, a pessoa responsável pela seleção o informou que ele começaria a trabalhar no dia seguinte, assim atuou no MEC como terceirizado por meio de contrato regido pela CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). O contrato celetista não conferia estabilidade empregatícia, porém já configurava uma conquista.

Esse contrato proporcionou-lhe a oportunidade de participar, no ano de 1980, de um processo para seleção de servidores no Departamento Administrativo do Serviço Público – DASP, onde concorreu a uma vaga de assistente em administração, no qual foi aprovado. Dessa forma ele se tornou um servidor público efetivo vinculado ao MEC.

Por estar vinculado como servidor público, novas oportunidades surgiram, uma delas foi a redistribuição para Escola Federal Agrotécnica de Urutaí. Em 1987, ele teve o primeiro contato com a escola como servidor técnico-administrativo. Ele destaca a harmonia existente entre os servidores na época em que entrou como técnico-administrativo. Atribui o bom relacionamento ao pouco número de servidores existentes e ao fato de a escola ser pequena, o que facilitava o contato e a interação entre os funcionários. Inferimos de sua narrativa que o bom clima entre os colegas garantiu sua permanência na instituição.

Além do bom relacionamento interpessoal, outra vantagem que viu em ser servidor público técnico administrativo foi o bom salário. Ele afirma que, a quantia que recebe é bem gratificante já que tem o ensino médio. Nos conta que assim que chegou em Urutaí para trabalhar percebeu a existência de “ciúmes” dos moradores de Urutaí em relação aos servidores da instituição, isso se devia ao fato dos salários dos servidores serem muito superiores à média salarial da cidade. E que esses “ciúmes” em diversas vezes culminavam em desentendimentos entre as partes. E essa rivalidade afetava até mesmo aos alunos da escola que por diversas vezes sofriam repressões por parte dos moradores de Urutaí. Pela narrativa de Baltazar, observamos como a população da cidade sofria com o desemprego e a falta de condições para se manter. Urutaí tinha uma economia agrícola e na época já sofria com a falta de trabalho devido a mecanização das lavouras e da pecuária. Entendemos, a partir de sua narrativa, que essa reação negativa dos moradores da cidade em torno dos servidores da EAFUR era devido à precarização e ao desemprego sofridos pela população da cidade naquela época.

Baltazar continua sua narrativa e, explica que quando iniciou na instituição exercia inúmeras atividades, como: auxiliar na reprodução de cópias de provas e apostilas; acompanhava aplicação de provas; trabalhou no sistema de produção, no almoxarifado, setor de patrimônio e atualmente trabalha no centro médico. Trabalhar em diversas funções é muito comum quando se é assistente em administração, pois é um cargo “coringa”, que permite bastante mobilidade do servidor nos diversos setores da escola.

O atual cargo lhe confere algumas vantagens como o recebimento de um adicional de insalubridade e a flexibilidade de fazer seis horas, conforme estabelece o Decreto nº 1.590/1995, alterado pelo Decreto nº 4.836/2003. Sobre sua atual função no centro médico, ele diz gostar bastante, por manter contato direto com os alunos da instituição, que são muito educados ao procurarem atendimento. Com bastante alegria afirma gostar do que faz.

Em sua narrativa, podemos observar que além dos ganhos financeiros e emocionais, ser servidor técnico-administrativo do IF Goiano Campus Urutaí lhe confere estabilidade no trabalho e status perante a sociedade.

2.3.3 Marise Terezinha Barbosa

Marise¹², nasceu em 7 de outubro de 1954, em uma fazenda no município de Urutaí, filha de Randolpho Barbosa e Dinora Carneiro Barbosa. Por estar há 45 anos atuando no Campus, alguns colegas de trabalho brincam dizendo a seguinte frase: “A Marise está há tanto tempo aqui na escola que ela já deve ter tatuado em seu corpo um carimbo do patrimônio da instituição”.

Sim, já vivenciou muito da instituição, ao longo de 45 anos de carreira e 65 anos de vida muitas coisas passaram por essa mulher e servidora do Campus Urutaí. Marise, como sujeito da experiência é território de passagem, durante a sua vida o que lhe passou deixou vestígios, deixou marcas, deixou rastros e feridas, que se transformaram em cicatrizes que são sua experiência (LAROSSA BONDÍA, 2011).

Sobre sua infância, conta que passou parte na fazenda em que nasceu. Lembra que sua mãe foi quem iniciou seu processo de alfabetização. Veremos que toda sua vida esteve permeada pela Educação. A infância foi rodeada por professores e alguns eram residentes na fazenda onde ela morava. Na propriedade existia uma escola rural, esses professores eram responsáveis por ensinar seus irmãos e as crianças das fazendas vizinhas.

¹² Relato biográfico baseado na entrevista de Marise Terezinha Barbosa, realizada no dia 07/04/2019

Quando atingiu uma idade mais avançada, a escola da fazenda deixou de atender as necessidades educacionais de Marise o que a fez mudar para cidade de Urutaí para dar continuidade aos estudos. O primeiro grau, conforme nos diz, cursou no Colégio Estadual Doutor Vasco Reis Gonçalves e, posteriormente, o segundo grau no Colégio Estadual Maria Paula Junqueira Uchoa em Urutaí. Enfatiza que ambas experiências de escolarização contribuíram de forma positiva em sua formação.

Alguns de seus familiares eram funcionários do Ginásio Agrícola de Urutaí, o que facilitou o acesso de Marise às festas oferecidas pela instituição naquela época, sua presença era constante naquele meio social. Tal convivência com funcionários da instituição culminou em convite para trabalhar na escola, inicialmente, por contrato de trabalho, renovado periodicamente conforme as necessidades da escola. Começou na parte administrativa da escola, na biblioteca da instituição, ainda muito jovem, com apenas 18 anos. Posteriormente, trabalhou no posto de vendas, no protocolo, secretaria, entre outros. Ressalta que nunca imaginou que um dia pudesse trabalhar no Ginásio Agrícola de Urutaí, sentiu-se realizada com o convite.

Observamos que o primeiro trabalho de Marise foi no setor administrativo, ela explica que entre as irmãs, foi a única que não seguiu a carreira de docente. É enfática ao afirmar que nunca se viu como professora. Gosta mesmo é da rotina administrativa, diz que se adaptou bem.

Futuramente, surgiria a oportunidade de um concurso interno, passando a fazer parte do quadro de servidores efetivos da instituição.

Marise se efetivou como servidora técnico - administrativo no ano de 1974, ela passou exercer o cargo de Assistente em Administração. Quando iniciou na instituição havia poucos funcionários, o que a fez transitar por vários setores da instituição. Segundo esclarece, ficou muito feliz com a oportunidade de se tornar servidora da escola. Conta que os bens que ela possui na atualidade são devidos à instituição, que em termos financeiros acrescentou muito em sua vida também. Ou seja, do sonho ao desejo realizado.

Marise tem uma narrativa bem peculiar em relação ao trabalho como técnico-administrativo da instituição. Ao se referir ao trabalho lembra sempre do lado mais acolhedor da escola em relação aos alunos. Enfatiza, em certos momentos tinha que exercer papel de “mãe” dos alunos, tinha cuidado por eles. Será que agir como “mãe” seria instintivo, devido a sociedade cobrar tal atitude das mulheres? Tal questionamento me surgiu pois não observei nas narrativas dos outros servidores um laço paternal com os alunos.

Nossa narradora continua a expressar com carinho sobre a época. Para proporcionar bons momentos aos alunos, reunia diversas alunas em sua casa aos fins de semana para ajudarem a fazerem almoço, e todos comiam juntas. Observamos que essa atitude de Marise ocasionava um momento de lazer e acolhida aos alunos que em muitas vezes se encontravam isolados, longe de suas famílias.

Em sua concepção o Técnico-Administrativo também é um educador. Mesmo não trabalhando diretamente em sala de aula, contribui com a educação de forma indireta, assim, por inúmeras vezes alunos se sentaram com ela para conversar e pedir conselhos. E ao direcioná-los contribuiu assumindo um papel de educadora.

Podemos observar que o fato de ter entrado muito jovem para trabalhar na escola a tocou muito, como relata tem um apego emocional pela instituição. Está no quadro de funcionários desde os 18 anos de idade. Acompanhou diversas fases da instituição, as trocas de direção, as mudanças na sua infraestrutura, alunos que chegaram e saíram. O atual diretor, o Professor Gilson Dourado, que entrou na escola como aluno, é hoje o atual diretor da instituição.

Como o cargo de assistente em administração é um cargo coringa, a servidora pode trabalhar em diversos setores da instituição. Trabalhou na biblioteca, na secretaria escolar, no setor de protocolo, entre outros e, isso lhe proporcionou aprendizados variados.

2.3.4 Élio Francisco Xavier

Élio¹³, nasceu em 26 de abril de 1954, no município de Urutaí, filho de Adolfo Francisco Xavier e Maria Alexandre Xavier. Apelidado por todos dentro do Campus Urutaí de “Galego”, por ter a pele clara e os olhos azuis. Élio é uma pessoa que transmite uma certa timidez no falar. Mas, se colocou pronto a contribuir. Superou o nervosismo, o medo e a timidez. Mesmo que narrar suas experiências provocassem desarranjos na estrutura normal do seu mundo, se propôs a sair do seu lugar habitual, se mostrou aberto, o que é fundamental ao sujeito para que ele sofra a experiência (LAROSSA BONDÍA, 2002). Do ponto de vista da experiência, o essencial é a exposição, a maneira com que nos expomos, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. (LAROSSA BONDÍA, 2002).

Sobre sua infância conta que passou em Urutaí, junto a doze irmãos. Sobre esse período não se estendeu muito. Devemos levar em conta que as narrativas são produtos

¹³ Relato biográfico baseado na entrevista de Élio Francisco Xavier, realizada no dia 21/04/2019

seletivos (RICOUER, 2007). De forma breve ele nos conta sobre a morte de seu pai, em no dia 6 de dezembro de 1968. Na época seus irmãos trabalhavam no Ginásio Agrícola de Urutaí, e suas lembranças em relação ao Campus Urutaí vêm desse período. Como seus irmãos eram funcionários da instituição, se mudaram para uma usina próximo ao Campus que fornecia energia elétrica para a instituição. Na época, ele estava com 14 anos de idade.

Em relação a educação, fez parte do seu ensino em uma escola na cidade Urutaí e concluiu o ensino supletivo em Goiânia, na Nova Escola Brasil. Quanto ao trabalho, menciona o seu emprego no 2º Batalhão Ferroviário responsável pela construção do trecho da estrada de ferro de Roncador à Goiandira.

Posteriormente, em 1981, por ser morador de Urutaí e ter proximidade com a instituição, conseguiu um trabalho no Campus, na fase denominada de Escola Agrotécnica Federal de Urutaí como diarista começou no refeitório da instituição e conforme a instituição necessitava era remanejado. Como já era funcionário da instituição, o acesso a efetivação como servidor efetivo se deu por meio de uma prova interna, que o enquadrando no cargo de Assistente em Administração.

Em sua breve narrativa, observamos que os acontecimentos encaminharam para que Élio se tornasse servidor da instituição. Ser natural da cidade de Urutaí, os irmãos funcionários da Escola o colocaram em contato direto com a instituição.

Élio foi efetivado em 1983. Trabalhou em diversos setores como servidor, dentre eles, setor financeiro, setor de licitação, almoxarifado e atualmente trabalha na unidade de gestão de processos da instituição.

É enfático ao afirmar que a instituição foi a vida dele, o que ele tem é graças a escola. Explica que como servidor efetivo da instituição alguns benefícios lhe foram concedidos como concluir o ensino médio, fazer o ensino superior de graduação e a pós-graduação, tudo com incentivos da escola. Como explica, atualmente a instituição oferece condições para os servidores se capacitarem e evoluírem. Além do trabalho técnico que sempre exerceu dentro da escola, se vê também como educador, em seu modo de ver a pessoa que trabalha diretamente com aluno é um educador.

2.4 Técnico-administrativos: dificuldades enfrentadas

Ao realizarmos essa análise levamos em conta toda a trajetória desses servidores dentro da Instituição. Um dos narradores iniciou no fim da fase do Ginásio Agrícola de Urutaí

(GAU)– 1964-1978 e outros no período da Escola Agrotécnica Federal de Urutaí (EAFUR)– 1979-2002. Observamos que todos têm suas experiências bastante atreladas a EAFUR. Consideramos as percepções desses servidores em relação as fases anteriores, pois elas refletem na percepção que eles têm da atual fase da instituição.

Issa (2018, p.81) explica que:

O Ginásio Agrícola de Urutaí e a Escola Agrotécnica Federal de Urutaí são a mesma instituição de ensino, porém com configurações diferentes em relação ao nível de ensino. Tanto em uma quanto em outra modalidade, seu objetivo era formar mão de obra agrícola. Em ambos os formatos, a instituição desenvolveu culturas escolares agrícolas.

Em relação ao Ginásio Agrícola de Urutaí Issa (2018, p.58) reporta as dificuldades enfrentadas pela instituição na época: “O Ginásio Agrícola de Urutaí enfrentava sérias dificuldades em relação à sua manutenção. Os dirigentes que ali chegavam não conseguiam organizá-la e as pessoas enviadas pelo MEC para administrar o Ginásio não permaneciam na instituição”. Chegou ao ponto de encerrar suas atividades e o corpo discente foi transferido para outra instituição escolar. Os seus gestores tiveram que traçar estratégias para retomar suas atividades. Mesmo com toda a intervenção de seus dirigentes a instituição sofreu novas ameaças fechamento (ISSA, 2018). Sobre essa época Élio (2019) nos conta:

Teve uma época que a escola, esses alunos passaram dificuldade lá em Urutaí, não sei se era por conta de uma reforma que tinha aqui, uma coisa assim, aí passaram a estudar lá no Ginásio de Urutaí, a gente levava eles todo dia, ia no caminhão, ia todo mundo à noite para lá para estudar. Aí foi assim. Depois, terminou a reforma, eles voltaram a estudar aqui.

Issa e Silva (2016), mostram que em 1970 a 1978 a instituição passou por problemas administrativos, cogitaram o seu fechamento. Ambas apresentam o relato do ex-diretor, Francisco Aldivino Alves, do ano de 1975, como segue:

Em Janeiro de 1975, por Goiás, Dr. Roberto Kafuri, apresentei-me ao Diretor Geral do DEM (Departamento do Ensino Médio do MEC), Coronel Sérgio Pasquali. O Coronel foi muito breve e perguntou-me se eu “toparia” dirigir um Ginásio Agrícola perto de Goiânia, em Urutaí. Disse-me que em apenas um ano (1974), já haviam dirigido o Ginásio, 04 Diretores, mas que não deram certo. Disse-me que o Ginásio era problemático, com muito desvio de materiais e mesmo de gado, que a maioria dos servidores eram parentes etc. Perguntou-me então se eu queria enfrentar o desafio. Respondi que enfrentaria, desde que tivesse apoio do MEC. O Cel. disse que eu teria todo apoio, que poderia exonerar pessoas, enfim que eu poderia agir como quisesse, para colocar a Instituição nos devidos trilhos (FRANCISCO ALDIVINO GONÇALVES, jun./2015, apud ISSA; SILVA, 2016).

No ano de 1979 houve a transição do GAU para EAFUR. Sobre essa época, Issa (2018) mostra que os técnico-administrativos trabalhavam na manutenção da escola, seus serviços eram direcionados aos seguintes setores: Unidades Educativas de Produção (UEPs), cooperativa, refeitório, contabilidade, alojamento dos internos, biblioteca, serviços gerais, entre outros. A autora nos mostra que nessa época não havia políticas de capacitação, qualificação ou aprimoramento profissional desses profissionais. Recebiam remuneração bem inferiores as dos docentes. Os cargos de direção eram preenchidos preferencialmente pelos professores e aos servidores administrativos eram designadas apenas atividades técnicas (ISSA, 2018).

Issa (2018) registra que, mesmo com a transição para EAFUR, as dificuldades permaneceram. A instituição ainda sofria com as más condições da estrutura física e o corpo de funcionários da instituição era bem reduzido e faltosos, o que dificultava a administração da instituição. Nessa época, a instituição não era um atrativo para os funcionários, era de difícil acesso e não oferecia boas condições de permanência aos servidores. Sobre essa época, Baltazar (2019) nos apresenta uma das medidas que foram tomadas:

O governo da época passou a oferecer uma gratificação aos servidores que aceitassem a redistribuição para o Ginásio Agrícola de Urutaí. Foi em 1987 que tornei servidor técnico administrativo da instituição. Vários servidores que foram redistribuídos para o Campus Urutaí na mesma época, em torno de oito pessoas, porém por falta de adaptação não permaneceram na escola.

Segundo Issa (2018), a instituição iniciou as reformas e as construções das instalações físicas necessárias para implantar o Sistema Escola-Fazenda nos anos de 1970, e estenderam até os anos de 1990, com financiamento do Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento (BIRD). Assim, as verbas para as obras eram disponibilizadas à Instituição e posteriormente a administração da EAFUR era obrigada a prestar conta da aplicação do dinheiro (ISSA, 2018).

Toda essa movimentação exigiu bastante dos servidores, que era em número muito reduzido, como relatam Élio e Baltazar:

Teve uma época, do convênio com o BIRD, trabalhávamos até quatro, cinco horas da manhã direto. Isso durou uns três meses. Íamos em casa, tomávamos banho e por volta das nove horas, voltávamos, e a gente continuava na mesma coisa, em cima nesse projeto (ÉLIO, 2019).

Antigamente não tinha funcionários, era muito restrito. Uma pessoa era responsável por quatro, cinco ou mais departamentos, não respondia por um apenas. [...] escola não tinha o que tem hoje, por exemplo, não tinha médico,

não tinha dentista, não tinha psicóloga, não tinha nutricionista, não tinha pedagoga, não tinha nada. (BALTAZAR, 2019).

Infere-se das narrativas que foi uma época em que os servidores se dedicaram bastante à instituição, os que permaneciam ligados à instituição eram sobrecarregados. Observamos que dentro da instituição esses servidores foram “jogados de um lado para outro como “objetos de mercado” (PIERRE DOMINICÉ, 2012 *apud* DELORY-MOMBERGER, 2012, p.13). Frequentemente ouço narrativas informais de alguns servidores mais antigos proferindo a seguinte frase: “*dei meu sangue por essa escola*”.

Marise, em sua narrativa apresenta o quanto estava envolvida na rotina do serviço técnico e direcionava parte da sua atenção aos cuidados aos alunos, como mostra:

Eu acho que eu acrescentei muito a Instituição, porque eu era contratada para trabalhar na Biblioteca e fazia outros serviços. Não era apenas o serviço da Biblioteca. Eu também, era um pouco mãe aqui dentro. Porque tinha os meninos, então a gente se apegava muito a eles e eles, a gente [...] havia muitos alunos de Minas Gerais, Itacarambi, nós tínhamos alunos, depois até do Acre, de vários outros lugares. Esses alunos às vezes iam em casa uma vez no ano, ou nem uma vez no ano. Porque na época a dificuldade era muito grande, e às vezes a gente tinha até que fazer uma vaquinha para aquele menino, estudar, a dificuldade era muito grande. (MARISE, 2019)

Além das instalações precárias e falta de funcionários, enfrentavam a falta de recursos tecnológicos para trabalhar, como explica Marise sobre as dificuldades enfrentadas em seu trabalho:

Não tinha, um computador, não tinha um nada, tudo tinha que ser manual. Notas também, tudo era passado para os livros, e era aquela dificuldade de somar. [...] Quando entrei para lá, tinha um telefone. Uma Central Telefônica em Urutaí. Quando a linha estava ocupada, você esperava o dia inteiro para e fazer aquela ligação, para passarem para você, você ficava ali sentado aguardando aquela ligação. E a dificuldade de chamar, o funcionário, que estava lá em outro setor. Depois começou crescer, inventou, é... trouxeram alguns ramais para os setores, para facilitar falar com outro setor, né. Antes, não. Você tinha que mandar o recado para aquela pessoa. Pedir para alguém ir lá avisar o funcionário que tinha uma ligação, que tal horário ia ter uma ligação para ele, para ele vir atender. (MARISE,2019)

O transporte para ter acesso ao campus era outro obstáculo para os servidores. Ao longo de três anos de instituição várias narrativas chegaram até mim referentes a esse trecho de três quilômetros, que na época era estrada de terra, tinha uma ponte que caía em épocas de chuva, cujo caminho era enfrentado pelos funcionários todos os dias como relata Marise:

Táxi só tinha um nessa cidade. Encontrávamos muita dificuldade para ir à cidade. Muitas vezes eu desci a pé, muitas vezes eu subi a pé. Depois, com o

tempo, foi melhorando. Compraram um caminhãozinho, depois compraram um ônibus, facilitou a vida. Quando eu entrei, na verdade, só tinha uma camionete que buscava a gente e levava para escola, então quando você terminava o seu horário, ela trazia você até em casa. Para os professores também era assim, essa camionete ficava buscando. Trazia as pessoas para cidade, tinha isso. Suponhamos que o professor tinha aula às duas horas; à uma e pouco, eles subiam e buscavam o professor; terminava a aula, traziam o professor para dar aula (MARISE, 2019).

Ao analisarmos essas narrativas compreendemos que o servidor técnico-administrativo sustentou a instituição. O trabalho desses profissionais é fundamental para seu funcionamento, para funcionamento da escola. São suporte permanente aos docentes e aos discentes. Porém, sofreram com a desvalorização e com a falta de condições ideais de trabalho. O que levou a uma resistência por parte dos servidores oriundos de outras cidades em permanecerem no Campus Urutáí. A escola estava localizada na zona rural com pouca estrutura, as estradas eram ruins, não existia transporte público e a cidade não oferecia muitos recursos, toda essa conjuntura assustava os prováveis funcionários e favorecia o abandono a instituição.

Outra dificuldade enfrentada eram as desigualdades relacionadas aos técnico-administrativos em relação aos docentes. Em sua pesquisa sobre a EAFUR, Issa (2018, p. 86) mostra que:

O autoritarismo dos dirigentes da instituição dificultou o fortalecimento da comunidade educativa e impossibilitou aos membros a busca de crescimento profissional na instituição, especialmente os técnicos administrativos, que não contavam com política de aprimoramento profissional e eram, muitas vezes, vistos como ignorantes.

Podemos ver resquícios dessa época na de José Claudino (2019), quando perguntando se o trabalho do técnico-administrativo é considerado um serviço braçal ou intelectual ele é firme em responder: “Hoje, intelectual. Antigamente era braçal. Mas hoje é intelectual” (JOSÉ CLAUDINO, 2019).

Observamos que nessa época a instituição via o trabalho do técnico-administrativo muito mais voltado ao trabalho mecânico, que não exigia um trabalho intelectual. Assim, não existia para esses profissionais políticas que incentivassem a capacitação nem qualificação.

Ao entrar na instituição em 2013, observei o grande número de servidores técnico-administrativo em fim de carreira, que apesar de estarem há mais de 30 anos trabalhando em

uma instituição escolar, não possuíam curso de Pós-Graduação e nem mesmo de Graduação. Os poucos que possuíam tais formações cursaram recentemente, depois dos anos 2000¹⁴.

Compreendemos dessas narrativas que os anos referentes ao GAU e a EAFUR exigiram muito dos servidores técnico-administrativos atuantes nesse período. Os que permaneciam tiveram que trabalhar arduamente, mesmo em condições precárias. Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas em longos anos, esses quatro técnicos veem sua trajetória com bons olhos e se sentem vencedores e valorizam a instituição em que trabalham. Talvez por terem enfrentado dificuldades na vida desde muito jovens, o que ajudou fortalecê-los e a enxergar seus percursos de forma positiva.

As melhorias e os benefícios direcionados aos técnicos se acentuaram nas fases do CEFET – Urutaí e do IF Goiano Campus Urutaí. Nessas novas configurações, a instituição começou a apresentar melhorias, houve uma reestruturação da instituição, expansão da estrutura física, expansão nos cursos oferecidos e melhoria na gestão.

A fase do CEFET - Urutaí foi bem curta, durou apenas seis anos, porém foi bastante significativa. Sobre esse processo Fernandes (2012) mostra que em agosto de 1999, criou-se o primeiro curso superior tecnólogo, denominado Curso Superior de Tecnologia em Irrigação e Drenagem, que favorecia a realidade regional e para o início do processo de cefetização, que seria a transição da Escola Agrotécnica Federal de Urutaí (EAFUR) para Centro Federal de Educação Tecnológica – Urutaí (CEFET Urutaí). Por meio do Decreto Presidencial de 16 de agosto de 2002, concluiu essa transição. Essa configuração e nomenclatura foram mantidas até o final de 2008, quando assumiu a configuração de IF Goiano – Campus Urutaí. Sobre essa nova fase, Oliveira (2014 p.80) nos mostra que:

Por um período de seis anos, a Instituição teve ampla autonomia como autarquia federal, até que, em dezembro de 2008, por meio da Lei 11.892/08, o governo federal cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFET). Assim o CEFET- Urutaí, torna-se campus do Instituto Federal Goiano (IF Goiano). Neste sentido, houve um crescimento considerável no atual campus em termos de oferta de vagas, de cursos, de servidores e, conseqüentemente, de infraestrutura para atender à ampliação da oferta de cursos.

A partir dessas duas configurações a escola passou oferecer uma excelente estrutura física, a instituição foi pavimentada, o que facilitou o acesso e a locomoção dentro do Campus. Oferecia oportunidades de qualificação e capacitação a todos servidores e melhores

¹⁴ Política de gestão: na gestão do diretor geral do Campus Urutaí Gilson Dourado Silva, ocorreram alguns programas internos de incentivo qualificação dos servidores para melhorarem os graus de estudos, haja vista a existência de pessoas em diferentes situações de escolaridade.

condições de trabalho. O trabalho braçal duro, que antes era exigido dos funcionários não existe na atualidade, quem os executa são os terceirizados. Os servidores efetivos que ocupavam esses cargos foram deslocados dessas funções para trabalhos mais burocráticos em escritórios.

Foi com essa situação que me deparei em 2013, assim que fui nomeada para Bibliotecária do IF Goiano – Campus Urutaí, recorri ao *site* da instituição para consultar a quantidade de servidores que trabalhavam na Biblioteca naquela época (saliento que eu não conhecia a realidade do serviço público). O *site* informava apenas o nome dos servidores, não oferecia dados relacionadas ao cargo. Dessa forma, lancei o nome de cada um no Portal da Transparência do Governo Federal e o resultado dos cargos foram: carpinteiro, pintor, enfermeiro, porteiro e operador de máquina de lavanderia. Na época fiquei sem entender. Achava que estava olhando errado. Quando iniciei minhas atividades passei a entender como funcionava o interior da instituição. O trabalho dos técnico-administrativos sofreu significativas melhoras. Eles saíram dos cargos com características braçais e foram direcionados a trabalhos administrativos e de atendimento ao público como foi o caso dos servidores da biblioteca.

Com isso, a instituição sentiu a necessidade de capacitar e qualificar esses profissionais para que pudessem desempenhar melhor suas funções. Victoi (2016, p.14), entende capacitação do técnico-administrativo como:

[...] conjunto de conhecimento e aptidões que lhe permitem, no caso a um servidor público, sua intervenção no meio de trabalho para desenvolver as funções encomendadas e alcançar os objetivos estabelecidos de uma instituição. Nos institutos federais esta capacitação inclui as funções de gestão e administração, bem como o atendimento ao público interno e externo da instituição.

Já a qualificação está relacionada aos profissionais buscarem níveis de escolaridade acima do exigido para o cargo que ocupam dentro da instituição. Assim obterão conhecimentos e habilidades que contribuirão no exercício de suas funções dentro da instituição (JACOBSEN; SOUZA; VEIGA, 2016).

O Plano de Desenvolvimento Institucional do IF Goiano de 2019/2023 mostra que a instituição “cumpre os preceitos estabelecidos no Decreto nº 5.824 de 29 de junho de 2006 que estabelece os procedimentos para concessão de incentivo à qualificação e possui diversas ações nesse sentido” (INSTITUTO FEDERAL GOIANO 2018). Uma dessas ações é o lançamento anual do edital de reembolso para cursos de graduação e pós-graduação *lato*

sensu, destinados a beneficiar servidores do quadro pessoal permanente da Instituição, com finalidade de:

[...] promover o desenvolvimento do servidor, visando à melhoria de seu desempenho quanto às suas funções e compromissos para com o Instituto, desenvolvendo sua capacidade reflexiva e crítica e estimulando o exercício pleno de cidadania e o consequente comprometimento com a missão da Instituição no contexto do ensino, da pesquisa, da extensão e da administração [...] (INSTITUTO FEDERAL GOIANO 2018).

José Claudino foi um dos que se qualificou. Realizou o curso superior nessa fase como explica:

Comecei o Tecnólogo em Irrigação e drenagem em 2006, eu fazia o curso na parte da manhã, e na parte da tarde eu trabalhava. No fim de semana cumpria plantão para pagar aqueles dias que eu estava em aula. Depois das cinco, tinha que trabalhar também para pagar as horas que estava devendo pois não tinha liberação total para estudar (JOSÉ CLAUDINO, 2019).

Élio também estudou com incentivos da instituição, por meio de edital de Reembolso para servidores matriculados em programas de graduação ou pós-graduação *lato sensu*. “A graduação eu fiz em Gestão de Recursos Humanos eu fiz pela UNIP (Universidade Paulista) no ano de 2017 e terminei a especialização em Ensino Superior em 2019” (ÉLIO, 2019).

Observamos que o investimento na capacitação e qualificação dos profissionais foram melhoradas, bem como das condições de trabalho. Executar os processos ficaram mais fáceis, pois os ambientes de trabalhos foram informatizados. Observamos que as mudanças foram acompanhadas de novos desafios e novas dificuldades. Juntamente a essa nova fase da instituição, surgem exigências relacionadas as habilidades e competências para lidar com os aparatos tecnológicos. Desafios de novos aprendizados que os servidores enfrentaram. Em relação as dificuldades encontradas, José Claudino (2019) e Marise (2019) dizem:

Informática, por exemplo tenho dificuldade. Eu tinha medo do computador. Vou ser bem sincero. Às vezes a gente tem dificuldade. Porque deixa de aprender. A gente faz o curso superior e tem uma matéria de Informática, aí se aprende tudo, mas se não dá sequência, encontra dificuldade. Aí quando você se depara com a seguinte situação, de trabalhar em um lugar em que você tem que fazer uma requisição, você tem que fazer. E às vezes, você tem que aprender na hora ali. Como é que vai fazer? ‘Nossa, eu preciso fazer isso’, aí você tem que ir lá fazer um documento. Hoje é tudo, tudo no computador, você chega aqui, precisa de uma ordem de serviço, eles fazem, você assina eletronicamente. O cara tem que saber isso hoje, querendo ou não, você tem que saber. [...] E no meu caso, com a idade que eu tinha, e eu não tinha muito interesse naquilo, eu sinto que eu perdi naquilo lá. Porque hoje para estudar, você depende do computador, no computador que se faz praticamente tudo. [...] Então, no meu entendimento, eu, no meu caso, que

não me interessei muito com a informática, eu fui prejudicado nesse sentido. Aprendi, eu sei, manusear um computador, e tudo, se for preciso, e às vezes eu evito, e eu tenho que enfrentar aquilo, porque eu tenho que aprender. Então hoje mudou muito a instituição nesse sentido aí. Aqueles que pegaram a informática, pronto, é, eles se realizaram bem na vida (JOSÉ CLAUDINO, 2019).

Quando chegou nosso primeiro computador, né, foi muito engraçado, que nós ganhamos lá do... do IF Goiás. Era um computador enorme, e o Valtinho, que é nosso funcionário hoje, que é professor, foi para lá para fazer um curso para aprender a mexer no computador. E quando chegou computador para escola, era Cobra, acho que era marca, não sei se é Cobra. E chegou, a gente via aquilo como se fosse um bicho, que você está acostumado só com a máquina de escrever. Então eu via aquilo ali como um bicho, ninguém queria estar mexendo naquilo ali, só o Valtinho (MARISE, 2019).

E a gente tinha medo daquele computador, a gente falava ‘máquina’. Falava ‘tem uma máquina ali’, chegava lá, você olhava aquilo lá, você apertar um botão e saía um trem lá e voltar aquele trem e desmanchar aquilo (JOSÉ CLAUDINO, 2019).

Manusear o computador foi e ainda é um desafio para esses servidores que acompanharam as primeiras fases da instituição. Em 2013, convivi com essa realidade na biblioteca, metade do quadro de funcionários estavam em fim de carreira, próximo da aposentadoria, a biblioteca foi informatizada em 2012, quando implantaram o Software gerenciador de bibliotecas Sophia. Alguns dos servidores tinham receio de manusear o computador, faziam o mínimo do processo exigido. Diversas vezes ouvi a seguinte frase: “faz para mim, estou próximo a aposentar, não vou aprender isso não”. Essa realidade é encontrada em outros setores da instituição que possuem servidores em fim de carreira, existe bastante resistência em relação ao aprendizado. Observo que após implantação do SEI/SUAP essa situação ficou mais aparente, pois o que antes era feito forma manual passou para modelo eletrônico.

Apesar das dificuldades encontradas na nova rotina de trabalho, os quatro narradores buscam se fortalecer e buscar o aprendizado para lidar com os obstáculos encontrados no trabalho. Quando perguntados quais foram as estratégias que eles encontraram para enfrentar o aprendizado, obtivemos as seguintes respostas:

Acho que foi fazendo. É aquele negócio: aprendi a fazer fazendo. Então, a dificuldade da gente, que a gente tinha, a gente procurava, é... sanar, sanar ela, assim... fazendo o próprio serviço. Um aprendendo com o outro, procurando orientação de outras pessoas, entendeu? (ÉLIO, 2019).

Às vezes é um aprendendo com o outro. Mas eu acho que eu aprendi muito aqui dentro, porque eu passei por vários setores, devido, assim, à mão de obra ser pouca, então cada dia a gente, a gente estava num setor, mas isso me

fez crescer muito, sabe? Então passei por vários setores e agradeço muito, porque a escola me ensinou muito (MARISE, 2019).

Em relação às dificuldades, infere-se das narrativas que os servidores ainda encontram dificuldades em relação às mudanças. Devemos considerar que esses trabalhadores são imigrantes digitais, ou seja, buscam conhecer e usar com qualidade as tecnologias, porém têm que se esforçar muito mais para que isso ocorra (SILVA, 2014). Dentro da mesma instituição temos os nativos digitais que, dominam as questões tecnológicas de modo fácil e simplificado, sem maiores dificuldades (SILVA, 2014). E entre os dois grupos, imigrantes e nativos, temos um mundo que está em constante mudança. Nesse mundo, a internet chegou para revolucionar, surgiram novas formas de trabalho e de se comunicação, a cada dia surge no campus um *software* novo, quando esses trabalhadores começam a dominar uma plataforma de trabalho surge outra. Os servidores nativos digitais dominam com muito mais facilidade enquanto os imigrantes digitais além de possuírem mais dificuldades, ainda sofrem com a falta de boa vontade de ensinar dos que dominam o trabalho.

Quando iniciei no Campus Urutaí, sofri um choque ao perceber que não teria treinamento. Tinha a experiência de uma empresa multinacional do varejo, onde realizávamos treinamento antes de iniciar as atividades no trabalho. A empresa acreditava que o processo de capacitação e treinamento dos trabalhadores para o exercício da função era essencial para a boa condução das atividades isso garantiria a realização do trabalho conforme o padrão estabelecido pela companhia.

A falta de treinamento provocou atraso nas minhas atividades, não conhecia a rotina da instituição, não sabia como proceder diante das dificuldades. Estudar para realizar um processo seletivo para concurso garante apenas o aprendizado teórico que diverge bastante da realidade da prática. Para garantir a sobrevivência dentro da instituição recorri aos outros servidores, assim como os nossos narradores, em muitas vezes me deparei com a falta de solicitude por parte deles. O aprendizado foi um desafio e esses obstáculos em muitas vezes desmotivam se o trabalhador não tiver perseverança. Meu relato é de uma servidora em início de carreira, imagine quantos obstáculos os participantes dessa pesquisa não enfrentaram em várias décadas de trabalho!

2.5 Chegou o momento de aposentar, e agora?

José Claudino, Baltazar, Marise e Élio estão chegando ao fim de suas carreiras e o

momento da aposentadoria pode ser encarado de duas formas: a primeira, de forma positiva porque receberão sua chegada com planos traçados e a segunda inseguros e preocupados com uma nova fase em suas vidas. Muniz (1996, p.199) mostra que existem “aquelas que manifestam situações claras de conflito, ou seja, embora alguns aspectos da aposentadoria sejam atrativos, outros mostram-se aversivos”.

Para o autor, “aposentadoria representa, sob o ponto de vista psicológico e social, um momento estressante e de muita expectativa na vida do indivíduo, que suscita reações muito ambivalentes, desde uma sensação de liberdade até um sentimento de exclusão (MUNIZ,1996, p.199). O quadro abaixo mostra os possíveis sentimentos de ganhos e perdas com a aposentadoria:

Quadro 10 – Dimensões de ganhos e perdas com a aposentadoria

Ganhos	Descrição	Perdas	Características
Liberdade para trabalho	Refere-se a ausência de responsabilidades ligadas ao trabalho, como representar a empresa, pressão por resultados, compromisso com horário e com cargos gerenciais.	Aspectos emocionais do trabalho	Relacionando-os a questões como perda do senso de pertença à empresa, do poder de decisão, da liderança, da responsabilidade e dos desafios do trabalho
Mais tempo para relacionamento	Compreende a percepção de ganho de tempo para os relacionamentos familiares, amigos e parceiros.	Aspectos tangíveis do trabalho	Como festas, ter subordinados, o “status” oferecido pelo trabalho, os contatos, as oportunidades, as viagens e a rotina
Novo começo	Caracterizada pela oportunidade de exercer outras atividades, como trabalho voluntário, segunda carreira, participação política e investimento em educação.	Perda dos relacionamentos com colegas de trabalho	-----
Ter mais tempo para atividades culturais e de lazer	Compreende itens como viajar, praticar esportes, participar de atividades culturais e frequentar clubes e associações	Perdas dos salários e benefícios	-----
Ter mais tempo para realizar investimentos	---	-----	-----

Fonte: Adaptado de França (2008) *apud* Bressan (2011)

Para minimizar os efeitos negativos da aposentadoria nos trabalhadores, as instituições estão investindo nos programas de preparo para aposentadoria (PPA). As organizações entendem que:

[...] além de auxiliarem no cumprimento de suas responsabilidades sociais, tais programas são excelentes ferramentas gerenciais. Ao assumirem essa

responsabilidade, fazem um duplo investimento. O primeiro, sobre os empregados que estão se aposentando, que se sentem valorizados e mantêm um bom desempenho. O segundo, sobre os demais empregados, que observam o cuidado e o respeito que a organização tem pelas pessoas, constatação esta que vem a fortalecer as relações de trabalho (MUNIZ, 1996, p. 198).

Com esse intuito que em 2017 os Institutos Federais Goiano (IF Goiano) e de Goiás (IFG) realizaram o Programa de Preparação para a Aposentadoria - PPA - 2017. A reunião abriu espaço para debate sobre planos, expectativas e medos que podem atingir os servidores devido a aproximação da aposentadoria. Foi ministrada a palestra: “Envelhecimento e Aposentadoria” pela psicóloga Vera Morselli, ali percebemos a relevância do tema durante a roda de conversa que tivemos com os participantes dessa pesquisa. Eles abordaram o assunto da aposentadoria de forma bem natural, o que despertou sentimentos diversos nos entrevistados, esses sentimentos que serão apresentados mais a frente. Para compreensão das narrativas é importante informar que Marise, Élio e Baltazar¹⁵ requereram o abono permanência, já José Claudino ainda não tem direito de requerer. Sobre o abono permanência, Gomide (2014, p. 2), mostra que:

Instituído pela Emenda Constitucional nº 41 de 2003, o abono permanência é concedido indistintamente, bastando para isso o servidor atender os requisitos para uma regra de aposentadoria voluntária definida na lei. O servidor poderá receber o abono até completar as exigências para a aposentadoria compulsória, que hoje ocorre aos 70 anos. [...] O abono permanência não é só um incentivo financeiro, de valor equivalente ao da contribuição para a previdência social, mas é uma possibilidade de adiar as perdas remuneratórias decorrentes da aposentadoria, o que pode implicar em mais servidores optando por permanecer em atividade no órgão.

As narrativas de Élio e Marise a seguir são antagônicas. Os dois estão em abono permanência na instituição, porém ambos veem o processo de aposentadoria de forma diferente. Marise enxerga nesse momento a aposentadoria como algo positivo, ao contrário de Élio.

Quando chegar meu momento de se aposentar, não será fácil. Porque, por exemplo, eu tenho aqui, trinta e sete anos de serviço. [...] imagine se eu aposentar amanhã, o que vai ser? Entendeu? (ÉLIO, 2019).

Eu acho, assim, que o tempo que eu tinha que ficar aqui eu acho que já fiquei. Porque eu já podia ter ido embora... bem antes, então eu quis ficar até hoje, me preparei para o momento que eu quisesse ir, e eu acho que eu estou preparada para ir a qualquer hora, o senhor está entendendo? Então, eu acho que eu não queria mais não. Não porque eu não gosto daqui. Eu amo isso

¹⁵ Baltazar não participou da roda de conversas

aqui, isso aqui é minha segunda casa. É porque eu acho que está na hora de ir. (MARISE, 2019)

Nos trechos, perceberemos que Élio demonstra receio frente a aproximação da aposentadoria o que pode estar relacionado à perda do senso de pertencer à instituição, a perda da relação com os colegas de trabalho, o “status” oferecido pelo trabalho, os contatos, as oportunidades, as viagens e a rotina. Marise, por outro lado, sente-se mais segura com a chegada da aposentadoria, preparada psicologicamente para chegada do momento, como veremos a seguir:

Eu pretendo viajar muito. Curtir muito a minha família. Eu acho que eu sou muito família. E eu também gosto muito de, às vezes, ficar quietinha ali no meu cantinho, sabe, eu sou assim. Então... não vejo que vai ser um ruim para mim não (MARISE, 2019).

Observamos na narrativa de Marise que a percepção é de ganho de tempo para os relacionamentos familiares e para atividades culturais de lazer, como viajar. Infere-se das narrativas dela que a aposentadoria é, um direito adquirido que ela tem de usufruir, como premiação de toda uma vida que ela doou a instituição.

Já Élio e José Claudino não pensam assim, continuarem na instituição ou assumir outra ocupação são opções. Como mostra Élio (2019): “Ah, eu tenho, assim, sei lá, arrumar alguma ocupação. Preencher a cabeça. Minha concepção é essa”. Quando perguntados se continuariam trabalhando na instituição para ganharem um salário extra além da aposentadoria, obtivemos a seguinte resposta de Élio (2019): “É aquele negócio, arrumar uma ocupação. Quem sabe, até eu aceitaria, entendeu? Ah, uma atividade para não ficar parado”. José Claudino (2019) também respondeu de forma positiva, porém com maior ênfase, como segue: “Uai, eu vou continuar aqui. Mesmo eu não querendo, eu vou querer. [...] Eu vou na expulsiva, eu vou na expulsiva. Entendeu?”.

Porém, os dois apresentaram opções que poderão seguir quando a aposentadoria chegar definitivamente. Élio (2019) diz “que tem se preparar, arrumar alguma coisa, uma atividade ocupacional. Porque ficar dentro de casa o dia todo não é fácil”. José Claudino (2019) “pretendo ficar à toa. Jogar dominó, que eu gosto, um lazer, de boa... Não viajar, que eu não gosto... Ir para praia, estou fora”.

Ao ofertarem o Programa de Preparação para a Aposentadoria - PPA 2017, a instituição objetivou prevenir possíveis problemas causados com o advento da aposentadoria em seus servidores, reduzir os níveis de ansiedades relativos a essa etapa da vida, ajudar os servidores a preservar autoestima por tudo que contribuíram com a instituição e conquistaram

no passado e, principalmente, ajudá-los a pensarem em projetos de vida futuros. José Claudino (2019) participou desse evento e o viu de forma muito positiva como ele nos mostra:

É interessante o que a psicóloga falou. A primeira aula que teve lá, a palestrante, foi uma psicóloga. Ela disse o seguinte, falou assim: ‘ó, se for se aposentar, é para você ficar numa boa, numa boa’. E ela disse o seguinte: que hoje, os pais têm que se preocupar com relação à aposentadoria, é para você se aposentar e é para você ficar tranquilo. Levanta a hora que você quiser, passeia por onde você quiser. Não é para pegar, neto, para você levar para escola. ‘Ah, meu pai é aposentado, ele vai lá buscar’. Não. Esse problema é dele lá.

Observamos nas narrativas de José Claudino que apesar de gostar do trabalho que faz, ele enxerga a transição para aposentadoria de forma mais fácil. Como vemos nesse trecho da entrevista: “Eu falo, assim, mas não sei, às vezes estou até preparado para me aposentar, quando chegar a hora e me der na telha, eu me aposento, tem problema não” (JOSÉ CLAUDINO, 2019). O fato de ter participado do treinamento oferecido pelo PPA pode ter reduzido seu receio e o preparado para novas possibilidades para quando chegar ao fim da carreira. Sobre o PPA Zanelli (2000, p. 159)

A realização de programas que buscam preparar os participantes para reafirmar suas identidades visando desobstruir ideias e concepções, tendo em vista o momento iminente de ruptura com as atividades ou contexto de trabalho em que vinham sendo desenvolvidas, são imprescindíveis, na medida que levam as pessoas a alcançarem novas informações, percepções e sentimentos. Dentro desta perspectiva, os programas de preparação para a aposentadoria são programas de desenvolvimento pessoal.

Entre os entrevistados, apenas José Claudino participou do PPA, talvez a pouca adesão ao curso foi devido a distância, o curso foi realizado na cidade Goiânia - GO, e quando os cursos são em outra cidade dificulta a ida dos funcionários, pois extrapola os horários de trabalho, o que causa uma resistência em participar de treinamentos fora do município de origem.

Observamos em todas as narrativas que esses servidores veem o trabalho na instituição de forma muito positiva. Não são servidores que estão estressados nem desmotivados, eles pretendem continuar na instituição. A única que manifestou vontade de aposentar em breve, foi Marise, devido ao fato de já estar a mais de 45 anos na instituição, onde dedicou sua vida diariamente e agora pretende descansar e viver momentos de lazer com a família.

2.6 Considerações do capítulo

Observamos nesse capítulo que nossos entrevistados não vieram de famílias abastadas. Cada um deles possui suas próprias trajetórias e todos tiveram que lidar com as dificuldades que apareceram em seus caminhos de formas diferentes.

As narrativas nos mostram que José Claudino, Marise e Élio tinham um vínculo com o IF Goiano - Campus Urutaí desde crianças. O que os colocaram em vínculo empregatício com a escola desde jovens. Entraram como terceirizados e posteriormente por meio de processo seletivo interno se efetivaram como servidores técnico-administrativos. Ingressaram na instituição em datas próximas, 1985, 1974, 1981, respectivamente. Já Baltazar, entrou em 1987, por meio de processo de redistribuição de outro órgão. No período em que entraram na instituição, o Brasil se encontrava imerso em uma

[...] situação de subemprego, cuja manutenção é decorrente de fatores mais gerais do funcionamento e da estrutura da economia brasileira, transformou-se em um problema crônico de subutilização da força de trabalho, transcendendo as oscilações periódicas do nível de atividade econômica. [...] O aprofundamento da crise econômica na década de 80 permitiu que esse fenômeno se tornasse mais perceptível [...] (ARANDIA, 1991, p. 148).

Os quatro servidores afirmam terem as vidas mudadas após entrarem como servidores do IF Goiano – Campus Urutaí. Tal afirmação está relacionada às dificuldades encontradas durante a infância e, relacionadas a oferta de emprego em Urutaí e cidades vizinhas. Devemos levar em conta que as ofertas de emprego em Urutaí estavam concentradas na zona rural, voltada para agropecuária, entretanto, houve diminuição da oferta devido aos investimentos ocorridos na zona rural, que substituiu a mão de obra por maquinários. A região sofria bastante com a falta de emprego, ausência de oportunidades e lazer entre outros atrativos. Sofria com a migração de seus moradores que se mudavam para outras regiões em busca de trabalho.

Fica claro que ingressar como servidores em uma instituição pública federal, ofereceu a oportunidade de permanência de José Claudino, Marise e Élio em suas cidades de origem, considerado um privilégio por eles. Baltazar também teve a chance de recomeçar em uma nova cidade graças ao serviço público federal.

Inferimos que por serem servidores de uma instituição pública federal, de fato ocupavam uma situação privilegiada se comparados ao restante da população trabalhadora da

cidade de Urutaí. Trabalhar nessa instituição lhes garantiria estabilidade e recursos financeiros para se manterem.

Observamos no perfil dos narradores um aspecto em comum, capaz de indicar que além de terem atravessado várias fases da instituição, provavelmente testemunharam as marcas de muitas gerações de alunos, conviveram de perto com diferentes gestores, assim como devem ter atravessado a experiência com diversos professores, de distintas gerações, haja vista que o tempo longo na Instituição teria permitido esse caleidoscópio de experiência com distintos perfis propiciado por chegadas e partidas.

O mesmo pode ser referido em relação as demais funções existentes no quadro efetivo e temporários. Quantos chegaram, exerceram funções, encerraram os ciclos, partiram, enquanto estes servidores permaneceram. Tudo isso singulariza os perfis dos narradores, reunindo qualificações diferenciadas das novas gerações que chegaram á Instituição nas duas últimas décadas.

Algo que transparece nas narrativas dos servidores é a identificação nominal com a instituição. Talvez por trabalharem há várias décadas na instituição. Apesar de reconhecidas as mudanças as transformações, operadas nas diferentes fases, é incontestável a referência e a identificação daquele espaço como “Escola”. Ou seja, enquanto para gerações atuais de professores, técnico-administrativos e alunos, o IF Goiano-Campus Urutaí soa familiar e quase natural, para esses narradores, a ênfase no Instituto como Escola, indica a forte presença na experiência desses servidores de épocas anteriores, a Escola permanece impregnada na linguagem, na percepção, nas evidências de tudo o que foi marcante e significativo nas fases anteriores. De certo modo não apenas a população externa conservou nos adjetivos agricolandos e escola, a referência à Instituição, esses servidores também registram nas diferentes formas de designá-la essa vinculação com o passado sempre presente.

CAPÍTULO III - O INSTITUTO FEDERAL GOIANO - CAMPUS URUTAÍ NA PERSPECTIVA DOS SERVIDORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS

“Pela narrativa transformamos os acontecimentos, as ações e as pessoas de nossa vida em episódios, intrigas e personagens; pela narrativa organizamos os acontecimentos no tempo, construímos relações entre eles, damos um lugar e um significado às situações e experiências que vivemos.” (DELORY MOMBERGUER, 2011, p. 341).

O objetivo desse capítulo foi analisar a história do IF Goiano Campus Urutaí (2008-2019) a partir das narrativas de seus servidores técnico-administrativos. A perspectiva destes trabalhadores é pouco explorada em pesquisas relacionadas a instituições escolares e, em seu cotidiano, nas instituições, são vistos como coadjuvantes. O olhar deles nos mostrará o Campus Urutaí de uma forma inédita. O modo com que os técnico-administrativos veem a instituição destoa bastante do olhar do docente. Cotejados nas leituras feitas de outras pesquisas que abordaram instituições escolares na perspectiva de seus professores.

Observamos que por décadas os servidores técnico-administrativos foram deixados de lado, sofreram e ainda sofrem com falta de valorização e reconhecimento não apenas nos locais de trabalho, mas também nas pesquisas feitas sobre essa instituição escolar.

Ao nos dedicarmos a escuta sensível destas vozes, transcrever suas narrativas e lê-las, observamos que algumas categorias voltadas para a atual fase da instituição, o IF Goiano-Campus Urutaí, receberam bastante destaque:

- ✓ O lema “Aprender a fazer e fazer para aprender”;
- ✓ expansões e melhorias;
- ✓ retorno da Instituição a sociedade.

Salientamos que o lema “Aprender a fazer e fazer para aprender” nesse contexto gira em torno do curso de Técnico em Agropecuária, pois foi o único curso oferecido pela instituição de 1978 a 1994.

Para contribuir na construção desse capítulo, utilizamos a dissertação de José de Oliveira Campos (2005), que atuou como Diretor Geral da escola Agrotécnica Federal de Urutaí no período de 1986 a 2004, em que analisou os Modelos Curriculares implementados no Sistema escola-fazenda e no Currículo por competências. O locus de sua pesquisa foi o CEFET Urutaí; usamos a dissertação de Enio Rodrigues Machado (2005), que atuou como docente na instituição no período de 1994 a 2004. Em sua pesquisa, buscou “analisar a

mudança curricular no curso Técnico Agrícola do CEFET Urutaí, realizada para atender à Reforma da Educação Profissional empreendida pelo Ministério da Educação (MEC) em meados da década de 1990”, buscamos informações no plano de Desenvolvimento Institucional do Instituto Federal Goiano 2019/20023; utilizamos o artigo de Issa e Silva (2016) que buscou evidenciar a história do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano - Câmpus Urutaí; por fim, a tese de Issa (2018), atual pedagoga da Instituição, intitulada “Escola Agrotécnica Federal de Urutaí (1978-1986): a formação de mão de obra agrícola no Sudeste Goiano”.

3.1 “Aprender a fazer e fazer para aprender”

Apesar de todas as dificuldades relatadas no segundo capítulo a instituição conseguiu se reerguer. A COAGRI e os diretores do GAU, organizaram a escola, houve um fortalecimento que contribuiu para que a instituição retomasse suas atividades. Seus dirigentes captavam verbas junto ao Governo de Goiás, que eram utilizadas na realização de construções. Parte da mão de obra era vinda dos alunos internos da instituição (ISSA, 2018). Baltazar (2019) mostra em sua narrativa detalhes dessa época, como segue:

Antigamente, os alunos participavam com a gente de todas as atividades, Era a época em que os alunos trabalhavam. Antigamente tinha um lema: “aprender a fazer e fazer para aprender”, né? E aí os alunos tinham que fazer para aprender mesmo. Antigamente, eles trabalhavam, não tinha muitos funcionários, não tinha funcionário terceirizado, não tinha nada, tudo eram os alunos quem fazia. Ajudavam até na cozinha.

A narrativa de Baltazar nos mostra o quanto a instituição dependia da mão de obra dos alunos para se manter, foram inseridos ativamente no trabalho, eram atribuídas responsabilidades assim que adentravam a Escola. O narrador nos apresenta o contexto existente naquela época, ao nos apresentar lema o “aprender a fazer e fazer para aprender”, que norteou a forma de ensinar naquela época. Machado (2005, p. 89) explica que naquela época

[...] a formação era voltada ao domínio das etapas do processo produtivo na atividade agropecuária. O princípio educativo era o Sistema Escola-Fazenda e o ensino era baseado no aprender a fazer para aprender, objetivado por meio do trabalho do aluno nas Unidades Pedagógicas de Produção (UEPs).

Ao afirmar que, “antigamente os alunos participavam com a gente em todas atividades”, Baltazar (2019) nos mostra que os alunos tinham um contato mais próximo com

os servidores técnico-administrativos, viviam parte da rotina desses funcionários era um trabalho em conjunto onde todos trabalharam para reestruturar a instituição. Naquele contexto, existia uma transmissão de conhecimento relacionados ao trabalho desenvolvido entre os técnico-administrativos e os alunos, percebe-se a existência de um contato mais humano, nota-se o papel de educador na função do técnico-administrativo dentro do Sistema Escola-Fazenda.

As narrativas dos técnico-administrativos nos mostram a mudança de denominação da Instituição, que deixa de oferecer o curso de Mestre Agrícola e passa a oferecer o curso de Técnico em Agropecuária. José Claudino, que foi aluno da instituição, relata como se deram as mudanças na instituição, como segue:

Em 1978 começou o curso Técnico em Agropecuária. A primeira turma que formou foi em 1980. Então foi 1978, 1979 e 1980. 1980 formou a primeira turma do Técnico em Agropecuária, e dessa data para cá era Ginásio Agrícola de Urutaí. De 1980 em diante a gente passou à Escola Agrotécnica Federal de Urutaí.

No contexto apresentado por José Claudino surgem “as Escolas Agrotécnicas Federais – eram coordenadas pela Coordenação Nacional do Ensino Agrícola (COAGRI), que implantou o Sistema Escola Fazenda” (ISSA; SILVA, 2016 p.11).

A precisão com que José Claudino se refere às datas e às mudanças de nomenclaturas da Instituição mostra o quanto ele estava imerso naquele contexto, viveu profundamente essa fase. Observamos que o que lhe passou deixou marcas, não foi apenas uma fase vivida, foi experiência e, como aluno do curso Técnico em Agropecuária participou da rotina institucional em uma época em que o aluno não ficava restrito a sala de aula, participava ativamente da rotina de trabalho na instituição. Como morador do município de Urutaí ele estava inserido em uma região de economia agrícola. Como vimos no segundo capítulo desta dissertação, o aprendizado adquirido na Escola era aplicado ao trabalho no campo, ou seja, na chácara onde morava com a família.

Na sua narrativa desenha suas experiências como aluno do curso Técnico em Agropecuária, como segue:

Na época era assim: em um período do semestre, por exemplo, estávamos fazendo o primeiro ano. No primeiro ano, na parte da manhã, a gente cuidava dos animais de pequeno porte. Então na parte da manhã a gente ia para o setor de produção. Na parte da tarde era aula teórica. [...] Com caderno, matéria mesmo. Aí no outro semestre invertia. Aí aquela parte que era de manhã, que era a parte de campo, ia para a tarde, e a gente ia para a aula na parte da manhã, depois invertia novamente (JOSÉ CALUDINO,

2019).

Esclarece que a rotina dentro da Escola ocupava o período integral dos alunos, infere-se da narrativa de José Claudino que era uma rotina rígida e cansativa. Machado (2005) mostra que até no período noturno havia ocupação, pois realizavam estudo dirigido e se dedicavam ao lazer e a recreação. O que intuímos dessas narrativas é que todo o tempo dos alunos era controlado pela instituição e que existia uma inserção dos alunos desde muito jovens às rotinas existentes dentro da escola.

Machado (2005) explica que a instituição se apropriava da mão de obra dos estudantes para realização de vários trabalhos. Os produtos oriundos do trabalho eram direcionados para atender a demanda dos alunos internos, para o desenvolvimento de projetos da instituição e o excedente era comercializado pela Cooperativa. Segundo Campos (2005, p.16), o sistema Escola Fazenda se fundamentava “no desenvolvimento de habilidades, destrezas e experiências, indispensáveis à fixação dos conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas”.

Os quatro servidores técnico-administrativos participantes dessa pesquisa vivenciaram bem essa fase da instituição, eles e outros servidores do Campus falam dessa época com um certo saudosismo, veem essa fase com bons olhos. Relatos sobre o “*aprender a fazer e fazer para aprender*” chegaram aos meus ouvidos assim que entrei em exercício no Campus, sempre com uma conotação bem positiva. O princípio do “*aprender a fazer e fazer para aprender*” é, na visão deles, o divisor entre a atual fase do IF Goiano Campus Urutaí e as outras fases dessa instituição.

A simpatia pelo Sistema Escola-Fazenda não surgiu por acidente entre os servidores técnico-administrativos mais antigos da instituição. O lema foi implantado juntamente com a EAFUR, que foi a fase mais longa da instituição e significa que conviveram muitos anos nesse Sistema. José Claudino, além de servidor, vivenciou a época como aluno. Talvez a longa exposição ao Sistema Escola-Fazenda tenha contribuído para o olhar positivo para essa época. As narrativas que seguem mostram as impressões dos narradores sobre o “*aprender a fazer e fazer para aprender*”.

Antes, ele aprendia a fazer fazendo. [...] atualmente vai num estábulo de vez em quando... às vezes não conhece nem um animal, nunca fez uma castração. Então, eu acho que, por outro lado, dificulta. [...] Hoje o aluno, não faz mais não. Não faz mais, porque o aluno, ele vai lá na Unidade de Produção, ele já não trabalha mais, ele já não coloca a mão na massa ali, ele vai naquele, né... Então existia aquilo ali, o “*aprender a fazer fazendo*. [...], mas eu via que, que o aluno saía de lá, quando ele ia pegar mesmo no duro, ele pegava com firmeza. Agora, hoje, acho que ele sai, ele vai nas aulas práticas e tudo, ver aquilo, aquela coisa, mas eu acho que ele ainda sai

meio... E antes ele saía e já caía agarrando, porque... já tinha feito, né. Porque o lema de lá era “*aprender a fazer e fazer para aprender*”. Então os meninos trabalhavam, nas unidades de produção, ali tinha uma horta e dali tirava o sustento. Tinha também a parte de agricultura, que também colhia feijão, arroz e guardava para o ano. (MARISE, 2019).

Os alunos que se formavam aqui antigamente no curso Técnico em Agropecuária, só tinha Técnico em Agropecuária, não tinha outro curso. Eram eles que estavam na cozinha, que ajudavam no refeitório, que ajudavam na cooperativa, que ajudavam nos estábulos, tudo eram os alunos quem faziam. Só tinha um funcionário para auxiliar eles, o resto era tudo os alunos quem faziam, hoje não faz mais (BALTAZAR, 2019).

As narrativas mostram a filosofia do “*aprender a fazer e fazer para aprender*” foi algo positivo e a sua extinção foi considerado como uma perda para instituição e para os alunos. Observamos essa postura positiva em relação ao SEF, devido aos relatos em suas narrativas, a entonação de voz no momento da entrevista/conversa, as expressões corporais e faciais dos entrevistados no momento das narrativas. Intuímos que para eles os alunos da época do SEF terminavam o curso mais preparados para o mercado de trabalho, saiam com mais segurança. O mercado de trabalho exigia uma postura desse profissional e os alunos que recebiam ensinamentos pautados no lema alcançavam o que era esperado deles.

3.1.1 Os alunos do Sistema Escola-Fazenda e o internato

As narrativas nos apresentam os alunos da EAFUR. Apresentam dados como a idade, a região de origem desses alunos, classe social e a forma como eles viviam na instituição, como apresenta Élio (2019):

Os alunos eram todos internos. Moravam todos aqui dentro, em alojamento. Os alunos, naquela época, já vinham, numa idade mais avançada. Você entendeu? não vem igual hoje, que tem menino de treze, quatorze anos. [...] Aí, tinha... tinha mais ou menos, assim, uns quatrocentos alunos só, internos, eram poucos alunos na época, a maioria de fora, tinha aluno de Minas Gerais, tinha aluno de outros estados, que vinham e ficavam internados, no sistema de internato, e tinha alojamento para eles aí, era mais ou menos isso aí, quatrocentos, quatrocentos e poucos alunos internos só.

A narrativa de Élio menciona que os alunos daquela época eram mais velhos, isso pode estar relacionado às dificuldades de acesso à educação na época e devido a classe social menos favorecida, como mostra Baltazar (2019): “eles vinham de tudo quanto é lugar, do Mato Grosso... A escola, antigamente, era famosa, nessa época, no ensino de Técnico em Agropecuária, e era gente pobre, tinha internato para todo mundo” (Baltazar, 2019).

Aos poucos, nossos narradores nos dão mais detalhes sobre os alunos que frequentavam a escola naquela época. Marise destaca as alunas mulheres, suas memórias trazem os momentos de dificuldade:

Eram só os meninos que moravam na escola. Até então eram só os meninos. [...] A primeira aluna nossa foi a Nilza, que hoje é esposa do professor Jair, né. Então ela foi a primeira menina que quis, ela abriu as portas, que lutou, que abriu a primeira porta. Depois nós tivemos, acho que, dez ou onze meninas que foram chegando e inclusive as minhas irmãs também foram lá e estudaram, tenho duas irmãs que fizeram o curso de Técnico Agrícola lá, meu irmão também estudou por lá... [...] eu nunca estudei lá não. Eu sempre acompanhei, muita das vezes tinha aquelas meninas que, no final de semana, às vezes iam para casa, qualquer coisa elas vinham aqui para casa, eles faziam um almoço, uma janta, tudo para estar acolhendo aqueles meninos, para estar ajudando. Então era um período difícil mesmo, muito difícil. Porque não tinha condições. Gente que não tinha condição de estar voltando para casa, ficava na casa de alguém aqui, para aquela pessoa, né, estar acolhendo [...] eram de Pires do Rio, eram de Ipameri, né, então elas vinham... outras moravam aqui em casas, às vezes de colegas, até minha, minha prima mesmo, morou uma menina de Ipameri bastante tempo na residência dela, os pais vinham e contratavam, eles chegavam naquelas famílias e aquelas famílias acolhiam as meninas, para estudarem. Então as que vinham, vinham de ônibus, vinham assim... como é que elas chegavam: vinham de carona, coisa assim... elas chegavam até aqui. Era muito difícil a chegada delas aqui. Muito. [...] Elas chegavam aqui, vinham, queriam estudar e, e pronto. Chegavam com suas malas, faziam matrícula, queriam estudar e aqui ficavam. Então, tinha dia que a gente tinha que estar até levando aluno, até estar arrumando uma parte do alojamento porque não tinha nem onde ficar, né. Era muita dificuldade naquela época, né. Transporte, os meninos desciam para lá, às vezes era... arrastando suas malas.

A narrativa de Marise apresenta algumas das dificuldades enfrentadas pelas mulheres que decidiram estudar na EAFUR, como mostrado no primeiro capítulo, os alunos da escola sofriam preconceitos por parte dos moradores da cidade, o que dificultava a decisão por parte dos pais em colocarem as filhas para estudarem na Instituição. Marise por ser mulher, teve a oportunidade de se aproximar mais dessas alunas o que lhe proporcionou maior conhecimento das dificuldades enfrentadas por essas meninas, o maior obstáculo, segundo ela, era o acesso. O direito de permanência na instituição não era o mesmo garantido aos meninos. O internato não era uma opção, dependiam da boa vontade dos moradores da cidade, que as alojavam em suas casas. Dependiam até mesmo de outras pessoas para locomoção entre as cidades de origem e a escola.

Observamos por meio das narrativas que tais preocupações não era algo presente em meio aos meninos, como mostra José Claudino, o internato era uma alternativa para quem era oriundo de outras cidades. Em seu relato veremos um pouco da sua vivência no internato

naquela época, nos mostra que existia duas categorias de alunos, os internos e semi-internos. Apresenta ainda os direitos e deveres direcionados a cada categoria de alunos.

[...] lá era assim: tinha o internato, eu nesse caso eu era semi-interno, porque eu morava na chácara ao lado da escola. Tinha os mesmos direitos que os outros. A gente almoçava, tinha tudo. Os internos, eles trabalhavam, tinham que trabalhar, trinta e dois dias por ano para pagar a matrícula. [...] Para pagar a hospedagem. Cuidava dos animais. Aí o povo ia embora, mas ficavam os alunos para cuidar, pois quem cuidava da escola eram os alunos. Tinha os funcionários que acompanhavam, mas quem fazia o serviço eram os alunos. [...] Aí, então, o que acontece: a gente tinha que trabalhar trinta e dois dias por ano, às vezes em julho fazia quinze dias, dezembro mais quinze dias, em janeiro... sempre fazia, tinha que pagar isso (JOSÉ CLAUDINO, 2019).

José Claudino mostra que a hospedagem não tinha uma gratuidade integral. Sobre esse fato, Issa (2018, p. 89) esclarece que essa situação era regulamentada:

A Portaria nº 11, de 1979, determinou que os alunos deveriam que trabalhar nas UEPs durante a semana. Quanto aos alunos que ficavam na instituição nos finais de semana, feriados, recessos e no rodízio de férias, era obrigatório o trabalho para ter direito à alimentação e à hospedagem.

Marise contribui com mais detalhes sobre os alunos internos, observamos que a dificuldade financeira era uma constante entre eles.

Havia muitos alunos de Minas Gerais, Itacarambi, nós tínhamos alunos, até do Acre, de vários outros lugares, tinha de muitos lugares, esses alunos às vezes iam em casa uma vez no ano, ou nem uma vez no ano, né, porque a época a dificuldade era muito grande, às vezes a gente tinha até que fazer uma vaquinha para aquele menino ir em casa, para aquele menino estar estudando, a dificuldade era muito grande (MARISE, 2019).

Os relatos nos mostram claramente que a rotina dos alunos internos era bem diferenciada dos demais alunos. Os alunos que não possuíam família em Urutaí se viam na necessidade de permanecerem na escola devido as dificuldades financeiras de custear as passagens para suas cidades. Dessa forma, em momentos como férias, feriados e finais de semanas, eram privados do convívio com a família e tinham uma carga maior de trabalho por permanecerem nesses períodos dentro da instituição. Bem diferente da atualidade, onde os alunos internos não têm a obrigatoriedade de trabalhar e ainda recebem, café da manhã, almoço, lanche da tarde, jantar e ceia.

Ao nos aprofundarmos em suas narrativas, vamos descobrindo novas camadas dessa Instituição, observamos que apesar de estarem inseridos em um sistema rígido, no qual havia cobrança de produtividade e disciplina, os alunos tinham momentos em que mostravam o lado

criança. Momentos onde se despiam do trabalho e das responsabilidades, como narra Marise (2019):

É muito engraçado; já vivi muitas situações engraçadas ali, porque aluno, você sabe que eles fazem as farras deles, então, eu me lembro que uma das coisas. Tinha um pomar, que tem ali, para frente da Biblioteca e ali ficava um guarda. Então os alunos, a farra dos alunos era roubar a laranja do seu José Painha, né, e o seu José Painha, então, é aquilo ali. A farra deles era roubar essa laranja. Roubava, e o seu Painha pegava, aí a advertência vinha. [...] os meninos então tinham essa coisa. Então tem a farra deles, sabe? Inventavam muita coisa, inventavam de fazer, chave para entrar nos lugares, sabe, tem muita, muita coisa que hoje, eles se lembram, sabe, e... de, dessas farras desses alunos surgiam vários apelidos, né? Teve um que, uma vez, resolveu escalar um lugar lá para cair na Secretaria para roubar a prova. E ele caiu em cima de uma coisa lá e furou o pé. Aí o pé... o menino começou a falar, chamar ele de 'pé de anjo'. Porque caiu na Secretaria. Caiu em cima... subiu no teto, e em ele cair, caiu num lugar... e no outro dia esse menino estava sangrando, sangrando, não sabia o que era, os meninos não podiam contar, não contavam o que era, espremia e esse não contava, espremia outro e não contava, até que descobriram. Quando eles se sentiram muito apertados, porque o menino não parava de sangrar, eles contaram o que tinha acontecido, sabe, umas coisas, assim. [...] é coisa de adolescente, coisa foi assim, muitas brincadeiras sadias que eles faziam também. Estou te falando, não que eles fizeram só esse lado, eles faziam muita coisa assim boa que deixava saudade, né. Muitas coisas eles faziam, sabe, de estar ajudando o próximo, de estar homenageando um professor, eles eram muito carinhosos, sabe, toda a família também, então, mas eu estou contando algumas partes engraçadas, do que eu já passei, né, pelos quais eu já passei, né.

Marise nos mostra um contraponto em toda a conjuntura apresentada, são momentos que remetem ao lazer, as brincadeiras e o passatempo daqueles alunos que na maior parte do tempo se dedicavam ao trabalho e aos estudos. Expressa a ternura desses momentos, ao recordar e narrar esse trecho seus olhos encheram de lágrimas.

3.1.2 O fim do Sistema Escola-fazenda

As narrativas dos técnico-administrativos nos mostram o quanto as instituições escolares são um organismo vivo, que estão em constante mudanças, e se adequam às realidades de cada época, o que pode ser notado no Campus Urutaí. A resposta de José Claudino evidencia isso, ao ser perguntado se na atualidade os alunos trabalhavam na Instituição, ele respondeu: “hoje não trabalham mais. Não podem trabalhar. Só se eles fizerem um projeto, acompanhar um projeto, então ele ganha uma bolsa de estudos”. Nosso entrevistado continua em sua narrativa:

Porque tinha mão de obra de graça; hoje, o aluno não trabalha. Hoje não pode trabalhar. [...] inclusive, ganham tudo, né, os alunos, moram aqui e ganham tudo, até papel higiênico, pasta de dente. [...] Então, eu acho que foi uma mudança muito, radical, que teve em relação a nós que vivemos na época. Porque o aluno não pode trabalhar, o professor pede uma máquina para dar uma aula, a gente tem que ir lá acompanhar o aluno, porque se ocorrer um acidente, como é que faz? [...] A gente colocava o aluno para trabalhar, fazia o serviço todo. Hoje, por exemplo: o professor pede: ‘ó, arranja uma muda de banana para nós’, ele vai em tal lugar, então falam: ‘mas tinha que ter alguém ao lado, como é que vai tirar lá? para o aluno não subir e se machucar lá. [...] Tem que dar assistência para o aluno, como é que faz, né? (JOSÉ CLAUDINO, 2019)

Esse trecho das narrativas de José Claudino marca nesse capítulo as mudanças ocorridas na instituição, representada pela transformação do Sistema Escola-Fazenda no Campus Urutaí, as mudanças na Educação, agiram e continua a agir na forma de ensinar do IF Goiano, Campus Urutaí. Vimos que as narrativas dos servidores técnico-administrativos em relação ao Campus Urutaí estão bastante ligadas ao trabalho dos alunos dentro da instituição. Quando questionados pelo Professor Wolney se eles acreditavam que a Escola formava o cidadão para o país, José Claudino (2019) respondeu: “eu acho que sim. Pelo menos os que passaram por aqui anteriormente, a maior parte deles estão bem na vida, dos que passaram por aqui”. O Professor Wolney realizou nova pergunta, “O que é se dar bem na vida”? Nosso entrevistado respondeu: “Ter um trabalho digno, meu entendimento é esse, arranjar uma coisa para fazer” (JOSÉ CLAUDINO, 2019). Os demais entrevistados tiveram uma postura de concordância com a resposta de José Claudino, que pôde ser notada por meio dos movimentos de cabeça que realizavam sinal de positivo. O que mostra o quanto o “*aprender a fazer e fazer para aprender*” está enraizado nos servidores mais antigos da instituição.

As narrativas aos poucos retiram as cortinas e mostram mais sobre a história do Campus Urutaí. Observamos que na percepção dos entrevistados as mudanças ocorreram de forma natural, conforme a inserção de mais alunos na instituição. Como apresenta a narrativa de Baltazar (2019):

Eu me lembro assim, que, quando eu vim para cá, no começo da escola, a escola tinha poucas pessoas. Antigamente tudo o que era consumido, era tudo produzido aqui na escola. É, de verdura, de gado, porco, tinha muito. Era muita fartura, tinha muito leite, tinha queijo, tinha doce. Mas aí foi aumentando o número de alunos e não teve o de comer mais, a produção não acompanhou o crescimento no número de alunos, porque a quantidade foi aumentando. Mas era ótimo antigamente, a gente tinha tudo produzido aqui. Mas era pouca gente também, era só duzentos a trezentos alunos, aí hoje para mil e oitocentos não tem jeito, né? (Baltazar, 2019).

O trecho narrado por Baltazar mostra a transformação do Sistema Escola-Fazenda está associada a reforma da educação nos anos 1990, ano em que foi sancionada a nova LDB (n.º 9.394/96), onde educação profissional foi regulamentada pelo Decreto n.º 2.208/97 e revogada pelo decreto n.º 5.154/04 e posteriormente alterado pelo Decreto n.º 8.268, de 18 de junho de 2014. Issa e Silva (2016, p.11) mostram que com a “promulgação do Decreto n.º 2.208/1997, houve uma reformulação do curso Técnico em Agropecuária”. Implementou-se o currículo por competências que ocasionou uma redução nas atividades práticas que eram bastante intensas no sistema escola fazenda (CAMPOS, 2005).

3.2 Expansões e melhorias

Apresentamos nessa seção as narrativas dos servidores referentes as expansões ocorridas dentro da Instituição. Destacaram os novos cursos, o aumento de vagas, os novos alunos, o aumento da infraestrutura física, os novos servidores e por fim apresenta a melhoria ocorrida no quesito gestão da Instituição.

3.2.1 Implantação de novos cursos

O ensino superior na instituição foi implantado em 1999, denominado de Curso Superior de Tecnologia em Irrigação em Drenagem, que contribuiu para o processo de transição e transformação da Escola Agrotécnica Federal de Urutaí para Centro Federal de Educação Tecnológica de Urutaí (CEFET de Urutaí) (FERNANDES, 2012).

A implantação desse curso Superior é destacada nas narrativas de José Claudino (2019) como segue:

Ah, eu não acreditava que ia acontecer. Quando passou a ofertar esse curso. Então pensei: Ah, vai acontecer! Depois eu estava fazendo o curso, e o curso ainda tinha que ser reconhecido pelo MEC. Aquela ‘trenheira’! Tinha que fazer um monte de coisas. Ah, tinha que fazer isso, tinha que fazer aquilo, arrumar calçada aqui, ali, era movimentação. Calçada para passar pessoa deficiente. ‘Ah, aqui tá errado aqui’, aí tinha que arrancar aquilo novamente (JOSÉ CLAUDINO, 2019).

Na narrativa revela o processo de implantação do primeiro curso superior no Campus e expressa a emoção que teve ao se deparar com a concretização desse curso. Como a instituição passou por inúmeras turbulências, aos olhos de seus servidores, a implantação de

um curso superior parecia uma utopia, já que dentro do processo de reconhecimento do curso pelo MEC a Escola deveria oferecer condições de acessibilidade as pessoas com deficiência e/ou mobilidade reduzida. Descreve bem a movimentação e as angústias sofridas por uma instituição de ensino no momento de aprovação e reconhecimento de curso diante de todas as exigências do MEC.

Em 16 de agosto de 2002 foi implantado o CEFET de Urutaí, por meio de Decreto Presidencial, assim novos cursos foram abertos, sendo: Curso Superior de Tecnologias em Análises e Desenvolvimento de Sistemas, Tecnólogo em Alimentos, Tecnólogo em Gestão Ambiental, Tecnólogo da Gestão da Tecnologia da Informação (ISSA; SILVA, 2016).

Essa fase da instituição é lembrada por nossos entrevistados como um ponto de melhorias, tanto em sua estrutura física, quanto de recursos humanos de oferta de cursos. Como enfatiza Baltazar ao ser perguntado sobre as mudanças percebidas no período de transição:

Começou a melhorar, veio mais verba, vieram mais... professores, aumentaram a quantidade de cursos superiores, quando se tornou CEFET. [...] já, contrataram mais professores, mais funcionários. Melhorou, fizeram mais construções, começaram a fazer as construções para salas de aula, para a parte lá de cima, isso que eu estou te falando é da época do CEFET. [...] Uma pessoa respondia por quatro, cinco, às vezes até mais departamentos, não respondia por um apenas. Foi contratando mais gente. Foi melhorando, a escola foi desenvolvendo mais. [...] melhorou quando virou CEFET. Já contratou médico. Já contratou um dentista, depois foi contratar outro, contratado psicólogo, fonoaudiólogo, já começou na época do CEFET. (BALTAZAR, 2019).

Notamos que a transição de EAFUR para CEFET foi um marco importante, momento de grandes transformações, foi certeza de que a instituição se consolidaria e não passaria novamente pelo risco de encerrarem suas atividades como aconteceu no passado.

As narrativas nos mostram que o CEFET não foi a última configuração da instituição, tornou-se Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Urutaí, por meio da Lei 11.892/2008 que criou os Institutos Federais com finalidade de atuar na formação básica, técnica, formação de professores para educação básica nas áreas de ciências e matemática, bacharéis e tecnólogos (ISSA; SILVA, 2016).

As narrativas dos técnico-administrativos destacam a expansão da Instituição nessa nova fase. Em suas perspectivas, o fato de a escola ofertar novos cursos contribuiu muito para a expansão de toda a estrutura que a escola possui na atualidade, esse crescimento atingiu proporções nacionais, pois a escola chegou ao conhecimento de pessoas de outras regiões do

país, onde passou a atrair pessoas de diversos estados, como mostra José Claudino (2019): “foi uma revolução muito grande. Para você ver, hoje tem curso de Medicina Veterinária, Agronomia, cursos que estão no auge hoje. Hoje, é fantástico, você fica bobo de ver” (JOSÉ CLAUDINO, 2019). Os outros participantes também têm a mesma percepção como veremos:

[...] quando começou o Instituto, abriram mais cursos, foi aumentando. Contrataram muita gente, vieram mais alunos, mais técnicos, mas o desenvolvimento da escola começou com o CEFET. Depois, com o Instituto Federal foi a fase que alavancou o ensino aqui, foi na época que começou o CEFET. Completou com o Instituto. (BALTAZAR, 2019).

[...] porque você sabe que hoje nós temos alunos aqui do Brasil inteiro. Então... como Minas Gerais mesmo. Minas Gerais tem não sei quantos IF, mas tem muitos alunos daqui que são de Minas Gerais, Mato Grosso, entendeu? Então, para a região foi um avanço muito grande, isso aí é... Aquele negócio: vem uns alunos e aqueles vem puxando os outros. Falam sobre a escola lá fora, na cidade dele, comenta sobre o Instituto lá; com isso, os outros alunos vão vindo para cá... (ÉLIO, 2019).

Por meio desses relatos, observamos a grande mudança ocorrida, a Escola deixou de ser uma instituição que por décadas ofereceu apenas um curso, para se tornar uma instituição com uma gama de cursos que vão do Técnico de nível médio a Pós-Graduação *stricto sensu*.

3.2.2 Mais vagas: novos discentes

Com aumento do número de cursos e vagas, e conseqüentemente de discentes, o Campus Urutaí atualmente possui 1943 alunos. São aceitos na instituição a partir dos 14 anos de idade, desde que tenha terminado o nono ano. Os entrevistados apresentam esse crescimento e a forma com que a instituição acolhe esses alunos.

[...] a escola cresceu, mas não deixou de ter aquela característica do ser humano. Hoje você vê os alunos, cada aluno novo, estudando, é uma graça. [...] então, a escola nunca deixou de ser uma mãe. Isso eu acho que foi muito importante. Cresceu, mas a escola nunca deixou de ser uma mãe [...] Tem aluno ali dentro que você sabe, não tem aquela condição, mas os próprios alunos ajudam, os funcionários ajudam, o Diretor sempre está ajudando, está sempre sabendo da vida daquela pessoa, arrumando uma forma, de ajudar... Então, muito importante. Hoje tem aquela abertura, o aluno vem até o Diretor. Ele chega ali, ele tem toda a liberdade. [...] Nossa, foi importante, essa residência, hoje para os alunos ajuda muito, ajuda os pais, e como é importante. Hoje, até, então, os alunos recebem, uma bolsa. Então, eu acho muito importante isso aí. Porque antes não tinha isso. Hoje já ajuda, como ajuda um pai. Alimentação diferenciada, hoje já tem. Até o aluno que não é interno, ele já tem, já pode se alimentar ali no Instituto, que é uma grande

ajuda, né. Os ônibus, os coletivos que hoje têm. Traz os alunos até o Instituto, um grande avanço, e como. (MARISE, 2019).

A narrativa de Marise mostra que mesmo nessa nova fase da instituição muitos alunos chegam até a Escola sem condições de permanência, porém, a Instituição tem melhores estruturas para atendê-los que no passado, para isso promove ações previstas na Política de Assistência Estudantil do IF Goiano para os estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica (INSTITUTO FEDERAL GOIANO, 2018).

Outro ponto de destaque na narrativa são as melhorias na alimentação e no transporte, atualmente os alunos podem contar com ônibus e micro-ônibus que fazem o traslado para várias cidades vizinhas a Urutaí.

Mesmo diante das oportunidades oferecidas pelo Campus Urutaí, a servidora explica que existem diferentes níveis de comprometimento por parte dos alunos da Instituição.

Eu fico pensando, gente, tem uns que não se compromete, outros são diferentes, se comprometem com o estudo e tudo o mais. Outro chega lá, eu vejo assim, sabe, na mesma hora que ele chega, passa uns quinze minutos já está lá do lado de fora querendo ir embora. Isso quer dizer, sempre vai existir um aluno que não quer nada, com nada. Mas a escola oferece a oportunidade. Agora, cada aluno, como se diz, 'é pegar ou largar'. Como o professor Gilson fala: 'o cavalo só passa arreado uma vez' risos, é, ele usa esses termos com os meninos. Então, eu acho, assim (MARISE, 2019).

A narrativa mostra que diferente da EAFUR o IF Goiano - Campus Urutaí se compõe por alunos mais jovens. A escola ainda conserva em sua essência o objetivo de garantir o acesso a permanência e o êxito dos alunos na Instituição.

3.2.3 Aumento da infraestrutura física

As expansões de cursos e números de vagas, desencadeou inúmeras melhorias e aumento da demanda de infraestrutura física, desde a necessidade de pequenas adaptações ou reformas, até a ampliação de área construída em grandes proporções. Baltazar (2019) mostra como foi grande a expansão da Instituição e nos apresenta as duas fazendas onde está situado o Campus Urutaí

[...] quando começou o Instituto Federal, começou a abrir os cursos superiores, que já começou as aulas lá nessa parte de baixo, que não tinha essa parte de cima. Aí já começou a fazer os blocos para cada curso na parte de cima, começou a abrir um departamento para cada curso, sala de aula. [...] escola desenvolveu, porque a escola tem uma estrutura muito boa, uma estrutura que não deixa a desejar, universidades não ficam muito diferente

daqui não, pela estrutura da escola. A escola hoje tem tudo. A escola, hoje, ela se mantém, por exemplo, na área de alimentação, de fazenda de leite, de queijo, de doce, tem animais, porco, gado, tudo a escola tem, para a alimentação. A estrutura dela uma universidade não tem. Temos animais para os alunos de Veterinária, eles têm um suporte muito bom, às vezes de suíno, de bovino, de aves. Agricultura, no caso de Agronomia, tem as fazendas, tem o maquinário muito bom, tem tudo, acho que dá para fazer um bom curso. A fazenda Palmital é essa onde nossa unidade daqui, a outra é maior do que essa aqui. A outra é Pedra Branca onde fica mais na movimentação de pasto, de agricultura, e esse aqui, tem mais o gado de leite, gado de corte, é o que fica mais perto. (BALTAZAR, 2019).

Já José Claudino (2019), como servidor no cargo de Técnico em Agropecuária faz uma comparação, suas memórias remetem a outras fases da instituição, faz um balanço e nos mostra as melhorias proporcionadas pelas novas tecnologias em maquinários agrícolas, relata o quanto o trabalho relacionado a agricultura dentro do Campus se tornou mais fácil de ser executado.

Assim, hoje planta lavoura, tudo, por plantio direto. Tem uma máquina que planta aquilo ali, limpa e fica arrumado. Na nossa época, tinha que fazer terraço, tinha que fazer aquelas curvas de nível, aquele negócio, hoje não, hoje é tudo plaino, tudo arrumado. E é rápido, vai lá e planta aquilo, rápido colhe também, totalmente diferente do que era naquela época. Entendeu? (JOSÉ CLAUDINO, 2019).

Marise (2019) enfatiza ao falar dos novos prédios direcionados a novos setores dentro da escola, mostra também os novos programas, novos serviços e produtos oferecidos pela Instituição, como seguem:

[...] nossa, como cresceu e está crescendo, estive lá ontem, estão fazendo um hospital veterinário. Eu acho que o cão-guia, foi um avanço muito grande, eu acho que isso aí, nossa... maravilhoso, que está dando até oportunidade para o cego. Nossa, como foi maravilhoso essa parte do [...] o cão-guia, achei muito, muito, muito importante, essa socialização. A escola que estar fazendo, pega os filhotes e a escola passa para alguém, como é que fala essa parte de socialização... Socializador, essa coisa vem, volta, depois, para a família, volta para o, para o Instituto, depois vai para a família do cego, não, e como isso é importante. para você ver, né, esse encontro que teve aí já fala tudo, né. [...] além dos cursos, a escola cresceu também em estrutura, que hoje nós temos um... Centro Médico, hoje nós temos pedagogos, hoje nós temos equoterapia. Nossa como eu acho isso importante. Olhe para você ver, as pessoas com deficiência, pessoas com dificuldade de locomoção, o quanto a equoterapia tem ajudado (MARISE,2019).

Devido a todas essas melhorias implementadas na instituição José Claudino ressalta que o Campus Urutaí possui características que lhe proporciona o *status* de melhor Campus dentro do IF Goianos, tanto em estrutura, quanto em área:

Eu acho que aqui tem hoje uma estrutura muito boa, a área é grande também. [...] então é uma... uma fazenda grande, tem uma estrutura muito boa. É muito bem localizado, porque é em Goiás, está no centro do país, todo mundo gira aqui. E o ambiente aqui é ótimo, porque o Centro-Oeste. As outras regiões têm enchente. Aqui não tem nada disso, né? Então, aqui é um lugar bem diferenciado, bem localizado, a estrutura é muito boa. Eu já fui em poucos Institutos. Dos que eu já fui, a melhor estrutura é aqui. Embora eu seja daqui eu vou puxar sardinha para cá. Os outros de que eu ouvi falar, de Rio Verde, não chega aos pés disso aqui. (JOSÉ CLAUDINO, 2019).

Marise compartilha da opinião dos colegas de trabalho, enxerga um diferencial na Instituição onde trabalha, ela toma emprestado as narrativas de pais de alunos para enaltecer a o Campus Urutaí.

[...] essa semana mesmo, recebemos muitos elogios. Teve pais de alunos aqui me visitando, eles falaram comigo assim: ‘Mas eu quero que o meu filho venha para cá’, porque aqui é um Instituto famoso, aqui tem muita coisa que outros Institutos não têm. Não estou te falando que outros Institutos são piores, de forma alguma, cada um deles tem seu diferencial. Então me senti muito lisonjeada e agradei muito e vejo que eu estou num lugar, que faz a diferença.

As narrativas dos servidores mostram a grande expansão da instituição nos últimos onze anos, por consequência, as residências de servidores foram desocupadas para se tornarem alojamentos para os alunos e prédios administrativos, Marise relata suas lembranças sobre as residências dos servidores:

Quando eu cheguei já existia essa construção, em que lá morava o Diretor, nas outras moravam os funcionários, então, quando eu cheguei, já tinha ali e continuou com os funcionários morando lá. Até que o tempo foi passando, e eles não pagavam nada não. Eles moravam era para facilitar o trabalho. Depois eles já começaram a pagar uma energia, a pagar uma coisa assim, né, e depois virou, que hoje, é residência para alunos, né.

Quando iniciei minhas atividades na instituição, pude presenciar a saída de um dos servidores que ainda residia no Campus, e os únicos que ainda residem na Escola são o responsável pela Coordenação de Manutenção e Urbanização e a responsável pela Gerência de Assistência Estudantil, isso devido a necessidades desses profissionais 24 horas dentro da instituição, uma espécie de dedicação exclusiva.

Observamos que esses servidores expressam admiração pela Instituição na qual trabalham, mostram que o Campus Urutaí possui a melhor infraestrutura física dentro do IF Goiano.

Baltazar (2019) vai além, ressalta a proximidade do Campus de duas capitais, como

segue: “eu acho que a escola hoje, na rede, é uma das melhores, eu acho, porque a escola é boa, já é uma das melhores que tem na rede. Por estar perto de Brasília, por ela ser perto de Goiânia” (BALTAZAR, 2019).

Essas visões alinham com o Plano de Desenvolvimento Institucional 2019/2023, o qual indica que o Campus Urutaí possui a estrutura mais completa dentro do IF Goiano na atualidade (INSTITUTO FEDERAL GOIANO, 2018).

3.2.4 Novos servidores

Toda a expansão relatada pelos participantes dessa pesquisa, levantou uma demanda por maior número de servidores para atuarem nesses nos postos de trabalho, o que levou a realização de inúmeros processos seletivos para contratação de novos servidores para nova configuração da Instituição desde 2008, ano que a instituição se transformaria em IF Goiano - Campus Urutaí. Foi aberto concurso para inúmeras vagas, conforme o edital nº 11 de 30 julho de 2008, do CEFET de Urutaí, as vagas direcionadas aos servidores técnico-administrativos e edital nº de 12 de agosto de 2008 do CEFET de Urutaí mostra as vagas que foram disponibilizadas para os docentes. Nota-se que esse foi um processo de preparação para nova configuração que a Instituição atingiria até o final do ano.

As narrativas dos entrevistados indicam que o número de concursos para novos cargos dentro da Instituição foi crescente e a cada ano foi mais concorrido, a Escola necessitava de mais profissionais para ocupar as vagas que surgiam conforme aumentava o trabalho. Antigamente, as inscrições para os processos seletivos eram presenciais como explica Marise (2019) “[...] até os concursos para professor, técnico-administrativos, tudo que tinha que ser presencial, não tinha nada pela Internet, tinha que ser presencial, eram filas quilométricas para poder fazer aquilo ali”.

José Claudino (2019) mostra a evolução nos processos seletivos, devido ao desenvolvimento e a facilidade de acesso à internet, o que proporcionou maior alcance dos editais por possíveis candidatos de todo o país:

Antigamente não era tão concorrido, porque o povo era mal informado, hoje existe a informação, na época não tinha um edital na internet, colocava num lugar aqui, e o cara que se virasse, não tinha telefone, nem fixo adequado aqui tinha! Então era difícil. Agora, hoje não. O cara sabe onde tem concurso, em tal lugar. Mesmo a região sendo ruim disso ou daquilo, e ele toca para lá. Tem gente que quer é estabilidade (JOSÉ CLAUDINO, 2019).

Os servidores mostram que não apenas o número de servidores aumentou, com o passar do tempo, houve uma evolução no nível de qualificação, tanto dos técnico-administrativos quanto dos docentes. Esses servidores contribuíram bastante para mudanças primordiais dentro da instituição, como veremos adiante. Élio (2019) sentiu bem essa mudança: “[...]” eu acho que a maior mudança foi no quadro de docentes. Você entendeu? Por que hoje tem quantos doutores? Quantos mestres, né? Que estão tendo aqui dentro? Então... isso aí foi fundamental no ensino (Élio, 2019).

Os quadros que seguem foram elaborados a partir do Plano de desenvolvimento Institucional do Instituto Federal Goiano 2018/2023, nos ajudaram a responder aos questionamentos de Élio. São dados referentes ao quadro geral de servidores da instituição.

Quadro 11 – Quantidade de docentes por titularidade

Lotação	Especialização	Mestrado	Doutorado	Total
Campus Urutaí	6	56	60	122

Fonte: elaborado a partir de Instituto Federal Goiano (2018)

Quadro 12 – Quantidade de técnico-administrativos por nível e cargo classe

Lotação	Classe A	Classe B	Classe C	Classe D	Classe E	Total
Campus Urutaí	3	6	26	49	27	111

Fonte: elaborado a partir de Instituto Federal Goiano (2018)

Quadro 13 – Quantidade de técnico-administrativos por nível escolaridade

Lotação	Ensino Fundamental incompleto	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Graduação (superior completo)	Especialização	Mestrado	Doutorado
Campus Urutaí	1	0	6	8	64	26	3

Fonte: elaborado a partir de Instituto Federal Goiano (2018)

Observamos que, houve uma melhora significativa no nível de escolaridade dos servidores técnico-administrativos, se comparada a época da Escola Agrotécnica Federal de Urutaí, como Issa (2018, p. 177) menciona em sua tese: “Os técnicos geralmente possuíam o 1º ou o 2º grau, e não foram localizadas ações administrativas que lhes proporcionassem chances de aprimoramento profissional”. O mesmo aconteceu com os docentes, pois o nível de escolaridade dos professores na época da EAFUR seria inferior, possuíam formação em cursos superiores e técnico de nível médio (ISSA, 2018)

Em 2019, a escola funciona com um total de 233 servidores entre docentes e técnicos-administrativos. Para nossos entrevistados o aumento no número de servidores modificou a forma de conviver dentro da instituição, como mostra os trechos que seguem: “Antigamente

era escola pequena, todo mundo conhecia todo mundo, mas hoje a gente não conhece mais ninguém. Tem professor aqui que eu não conheço, que chega aqui e eu penso que é aluno, e na verdade é professor” (BALTAZAR, 2019). Marise (2019) e José Claudino (2019) também fazem observações relacionadas a esse aumento de servidores, como segue:

Hoje, a escola cresceu muito, então, não que a gente não conheça as pessoas. Antes você conhecia todo mundo, você sabia dos problemas que cada um estava vivendo, se um estava ali doente, hoje não, hoje a escola cresceu muito. E às vezes você até falha nesse lado, mas não é porque você deixou de ajudar o próximo, a ter o coleguismo, não. É porque a escola cresceu muito. (MARISE, 2019).

Tem muito funcionário que eu não conheço. Tinha um colega meu que estudou aqui comigo aqui, ele me falou: ‘minha filha trabalha lá’. Ai, ela foi lá onde eu estava trabalhando para me conhecer e disse: ‘meu pai fala demais de você’. E eu não conheço. Tem um ano que a menina trabalha aqui (JOSÉ CLAUDINO, 2019).

Por meio das percepções dos narradores, observamos que a Escola teve ganhos, como o maior número de servidores, fato importante pois com mais funcionários houve uma redistribuição do trabalho, o que tornou a rotina mais leve. Outro ganho foi na qualificação desses servidores, que contribuiu com a parte técnica da execução do trabalho, porém, eles sentem que a fase atual existe a perda da proximidade humana, que era nitidamente vista nas fases anteriores da Instituição.

3.2.5 Uma gestão mais democrática

As narrativas deram outros destaques importantes, em relação a mudança de comportamento dos gestores; descentralização das responsabilidades e tomadas de decisões e melhoria no relacionamento entre servidores docentes e técnico-administrativos. Issa (2018) mostra que na época da EAFUR, as decisões se concentravam nas mãos da Direção Geral, que assumia uma postura autocrática.

A recente gestão é apresentada pelos entrevistados como uma gestão democrática. Baltazar (2019) retorna ao passado, a época da EAFUR para fazer uma comparação com gestão atual, ele mostra que “[...] até a visão dos diretores foi mudando, porque passou a ter mais gente, foi entrando gente nova, você entendeu, e foi abrindo a cabeça deles, e foi melhorando. Eles foram melhorando muito” (BALTAZAR, 2019). Aponta em sua narrativa mais informações sobre a mudança na gestão.

[..] porque a gente trabalhava mesmo na época do governo militar, a gente não tinha muita liberdade, você entendeu, de expressão, é a gente tinha outros conhecimentos, quando chega aqui você não podia ter conhecimento nenhum. Você não podia ter liberdade de conversar, assim, assim, muito tipo estilo autoritário, tipo de militar mesmo, tipo de autoritarismo mesmo.[...] ai abriu mais cursos, foi chegando gente nova, ai foi tendo mais gente o diretor já sabia que eles não poderiam comandar esse tanto de gente, que não podia ser mais linha dura igual ele era, você entendeu? porque gente nova foi chegando, foi debatendo, e foi, justamente isso, queriam tirá-lo, eles não conseguiram, porque ele deu muita sorte, eles já iriam mudar mesmo, e ai mudou de diretor [...] mas teve intervenção aqui para tirá-lo. Aí depois ele voltou, e voltou bem melhor. (BALTAZAR, 2019)

Marise (2019) demonstra sentimentos parecidos, sente que os gestores com o passar do tempo ficaram mais flexíveis e acessíveis. “O Diretor, nos permite conversar com ele pelos corredores, por todos os lugares. Nós temos uma Direção muito aberta. Os professores também são assim. Eu vejo um crescimento muito grande” (MARISE, 2019). Sua narrativa mostra a realidade relacionada a gestão na Escola atualmente:

Não, antes não era assim, era centralizado, tudo era o Diretor quem resolvia as coisas. Tinha lá a Secretaria Escolar, tinha lá Recursos Humanos, umas poucas coisas. Hoje não. Antes, tudo ali tinha que ser resolvido pelo Diretor. Agora, hoje, não. Cada coordenação resolve a sua coisa ali, e isso desafoga a Direção, porque faz com que ele possa resolver. Mas você sabe por quê? é uma instituição, instituição muito grande, e que tem muitas coisas que eu, trabalhando, eu vejo, né, eu vejo. Mas, mesmo assim, o professor Gilson não deixa de atender os casos, ele atende casos de alunos, ele atende tudo o que vem até ele. [...] ele atende aquele aluno. E se ele acha que o problema pode ser resolvido ali, ele resolve. Porque o aluno foi e quer ser atendido por ele. Então ele também dá aquela importância para o aluno, porque você sabe que o aluno, é importante. Sem o aluno, não existe a escola, né. Então o aluno em primeiro lugar né... (MARISE, 2019).

As narrativas mostram que as mudanças alcançaram até mesmo a relação entre os servidores docentes e técnico-administrativos, onde no passado existia uma rivalidade como mostrou o Capítulo II dessa dissertação.

Então, eu acho aquele, que tem aquele Pavilhão Administrativo, a Direção trabalha só com Técnico-Administrativo ali. Existe um elo muito grande, sabe? O professor Gilson, para a gente, estou falando, ele é um amigo. Porque você pode chegar em qualquer sala ali, que ninguém tem isso de ‘chegou o Diretor’ não, você está entendendo? Todo mundo tem aquele respeito, todo mundo tem aquela união, todo mundo tem aquela liberdade. De estar falando. Não é porque ele chegou que você deixou de ser você, você continua sendo você ali o tempo todo, sabe, ele dá essa abertura para a gente. Então eu vejo esse valor no Técnico-Administrativo, eu vejo, sabe. Não vejo diferença. Todos nós somos seres humanos e todos nós somos iguais, né. Não é porque existe o professor, ou outra coisa, que o outro às vezes é diminuído não, nós somos seres humanos iguais. Eu acho que foi

bem proveitosa essa mudança, bem mesmo. Então, a gente teve mais uma convivência, com docentes, vinham até a gente, a gente tem essa liberdade de ir até eles. Os alunos também, podem conhecer o Reitor. Porque muitos ali vivem na instituição e não conhecem o Reitor, e ele deu essa abertura para a gente. E mais, e muitas outras coisas mudaram, porque a escola cresceu muito com isso (MARISE, 2019).

Para mim é tudo normal. Tanto professor, como os terceirizados, como os alunos, tudo é normal. Eu me sinto normal, para mim não tem diferença nenhuma. Se é aluno, eu respeito como aluno. Se é terceirizado, eu respeito como terceirizado. Se é professor, eu respeito como professor. Se é administrativo, eu respeito como administrativo, né, não tem diferença de jeito nenhum (JOSÉ CLAUDINO, 2019).

Como exposto, na visão dos narradores, a expansão da instituição, tanto no aumento da oferta de cursos, quanto na contratação de novos servidores, contribuiu bastante para existência de uma postura mais flexível dos gestores, a escola saiu de uma gestão autocrática para uma gestão democrática. A narrativa que segue mostrará que até mesmo a postura dos servidores mudou dentro da instituição.

Eu não sei o que levou a ali, sabe, se você antes convocava um funcionário, chamava um funcionário para trabalhar ali, era tranquilo. Agora, hoje já não. Sabe, hoje ele questiona. Por quê, eu não entendi até hoje. Horários, a questão dos horários. Sabe, eu, eu vejo esse lado sabe, que parece que... hoje já não faz mais. Antes, não importava se você ficasse tantas horas a mais. Mas hoje eu vejo que é dentro daquele horário, eu só faço dentro daquele horário, você está entendendo? Então existe... não que o... que hoje eles não produzam, mas produzem dentro daquele tempo, e tudo, não sei se isso foi melhor, se não foi... Não sei. Mas a produção, acho que continua boa, porque, se a escola é uma escola boa. (MARISE, 2019).

Ao analisar essa narrativa intuímos que devido à gestão autocrática existente no passado, os servidores se viam na obrigação de realizar trabalhos fora da jornada de trabalho obrigatória. Na atualidade, essas atitudes abusivas deixaram de existir, pois os servidores estão mais conscientes de seus direitos e deveres. Outro fator que ajuda no controle das horas trabalhadas, é o ponto eletrônico, que o registro de horas feitos pelos servidores, assim as horas extras podem ser retiradas posteriormente em forma de folga.

Marise se mostra confusa com a mudança que existiu, diz não entender os motivos da alteração na postura dos servidores e não saber se isso foi bom ou ruim. Talvez seja reflexo do longo período de mais de 30 anos exposta a uma gestão autocrática existente em outras fases da instituição.

3.3 Retorno para sociedade

Ao narrarem, os técnico-administrativos nos apresentam a dimensão social da instituição e ressaltam a importância do IF Goiano Campus Urutaí para a região onde se Localiza. Baltazar (2019) mostra sua percepção relacionada a essa dimensão, ele formou duas filhas no Campus Urutaí e mostra sua percepção sobre a escola:

[...] eu acho que os Institutos, vieram para abranger mais o pessoal de menor renda da sociedade, mais pobre, você entendeu, porque hoje o, um aluno desse não consegue ficar numa universidade de jeito nenhum. Não pela competência, eu estou falando é porque, na universidade, ele não tem uma ajuda de custo, em termos de estudo, não tem um alojamento para os meninos ficarem. Aqui tem um auxílio, tem alimentação também, mais facilidade para eles, uma cidade pequena também é mais tranquila. Para arrumar, para ficar... Eu acho que ele veio justamente para ajudar esse pessoal, de menor renda. (BALTAZAR, 2019)

A narrativa de Marise vai ao encontro a afirmação de Baltazar, mostra a dimensão da receptividade, fator importante para garantir a permanência dos alunos na instituição, destaca por meio da narrativa de um aluno que passou pela Escola o quanto a instituição influencia na formação do cidadão.

Eu vejo que cada escola tem seu diferencial e a nossa tem muito diferencial. Que, até quando as pessoas vêm para cá, elas falam... da maneira que a gente recebe, é muito importante, né, e como é importante. Receptividade. É uma escola carismática também, sabe, ela é uma escola muito boa, né, uma qualidade... é muito receptiva. [...] Nossa, A gente vê os alunos chegando, os alunos falando... No final de semana mesmo, eu estive com um aluno que foi, foi aluno nosso há bastante tempo, né, e ele falando da alegria que foi, contava as histórias, falando da saudade da, da instituição, o que levou ele a... porque quando ele chegou aqui, ele achava que não tinha nada a ver com ele, 'O que eu estou fazendo aqui', 'Eu caí de paraquedas', ele usou esses termos, né... E hoje, ele vê isso aqui, pelo crescimento do que ele é hoje, o que foi a escola, né, a importância da escola na vida dele. (MARISE,2019).

José Claudino (2019) destaca aspectos semelhantes,

Aqui, é uma lição de vida. Quem passa por aqui, está preparado para tudo, porque aqui não é só o ensino, entendeu? Ele vai para a vida. O aprendizado dele... Às vezes, ele não tem isso na casa dele, porque a maior parte dos que vêm para cá, não volta para casa deles mais. Eles vão sair para as vidas deles. É isso. Entendeu? Ele sai daqui preparado para a vida. Geralmente é muito difícil um voltar para casa. Daqui ele já toma o rumo dele.

Enaltecem a Escola, mostram a importância dessa instituição de ensino superior em uma cidade do interior de Goiás e, José Claudino mostra em sua narrativa uma realidade presente no Campus Urutaí.

Quando iniciei minhas atividades em 2013 pude observar alunos internos na Escola

que cursavam o ensino médio que ingressaram em seguida no ensino superior, concluíram e saíram da instituição empregados. Outros que fizeram a mesma trajetória e continuam dentro da instituição nos programas de mestrado. São alunos de família de baixo poder aquisitivo que estão aproveitando essa oportunidade, devido a verticalização no ensino existente dentro do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí.

3.3.1 Melhorias para cidade de Urutaí

Durante as narrativas os técnico-administrativos nos destacaram aspectos relacionados a cidade de Urutaí e ao IF Goiano-Campus Urutaí, quando questionados se a instituição havia proporcionado benefícios para cidade, José Claudino Respondeu: “Uai, hoje a cidade é três vezes mais! Praticamente nem tinha casa quando a gente se mudou para cá, praticamente nem tinha casa, né.” (JOSÉ CLAUDINO, 2019). Com mais ênfase mostra seu ponto de vista:

Sim, ‘tá doido’, uai! Você vê o tanto de gente, o comércio, por exemplo. Pires do Rio, Ipameri, Urutaí, a região aí, né, o comércio é movido por causa disso aqui, né, se aqui não existisse, aqui, até Pires do Rio não era o que é hoje! Urutaí é famosa, e é cidade pequena, mas é movida por isso aqui. O tanto de alunos que tem, que moram aqui, em Pires do Rio, em Ipameri, que estudam aqui, né? Traz uma importância muito grande o desenvolvimento aqui, se não fosse isso aqui, como é que vai ficar? Quando a gente sai de férias, aqui, a cidade meio que para. Pessoal nem investe, faz nem investimento. Padaria, por exemplo. Já diminui as coisas, porque senão vai perder lá. [...] realmente a Escola faz diferença em todo sentido. E para a região, né, não é só para cidade não, é para a região (JOSÉ CLAUDINO, 2019).

Baltazar mostra o mesmo pensamento em relação aos benefícios que o Instituto proporcionou à cidade.

Ótimo, para a região. Para a região foi cem por cento, porque uma cidade como Urutaí, se não tivesse o Instituto, não tinha cidade. Para você ver, a cidade, ela vive através da escola, porque tem os alunos, tem até professor, os funcionários, os alunos que moram na escola. Para a região foi muito bom. É que muita gente, tem muita gente mesmo que, se não tivesse essa escola aqui, não tinha condições de fazer um curso superior, ou um curso técnico como os que tem aqui, com muito professor doutor, com... mestre, doutor, não tem, não tinha. (BALTAZAR, 2019).

As narrativas de José Claudino e Baltazar apresentam a visão da maioria dos moradores de Urutaí, no período em que morei na cidade pude presenciar essa realidade. O comércio local gira ao entorno da escola, bem como o mercado imobiliário, muitos moradores da cidade possuem como renda o aluguel de imóveis que são direcionados a locação para

alunos e servidores da instituição e assim, o período de férias é considerado como uma fase ruim para cidade, pois é momento em que as vendas nos comércios locais e a locações de imóveis sofrem uma queda.

3.4 Considerações parciais

O objetivo desse capítulo foi analisar a história do IF Goiano Campus Urutaí (2008-2019) a partir das narrativas de seus servidores técnico-administrativos. Ao concluir observamos a impossibilidade de alcançar toda a história da instituição existente dentro do recorte temporal estipulado. Os participantes narraram aquilo que suas memórias permitiram.

Foi posto nesse capítulo a biografia do Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí a partir das narrativas de seus técnicos administrativos. Cabe dizer que a atual fase dessa instituição não havia sido explorada em outras pesquisas relacionadas a história das instituições escolares. O método narrativo (auto)biográfico foi utilizado e elegemos os servidores técnico-administrativos como nossos narradores, o que garantiu singularidade à pesquisa sobre essa Instituição.

Observamos por suas narrativas que a ruptura com o princípio “*aprender a fazer e fazer para aprender*”, que surgiu quase simultaneamente com a institucionalização do ensino agrícola no Brasil, foi um desafio, e que sua presença, ainda é forte nas lembranças dos servidores da instituição, essa foi uma época que a Instituição enfrentou dificuldades em se manter funcionando. Os servidores e discentes também foram afetados por essas dificuldades, tiveram que enfrentar inúmeras dificuldades e persistirem para continuarem na instituição.

Mostraram que em mais de seis décadas de existência a última, representada pelo IF Goiano- Campus Urutaí, quando ocorreram as maiores expansões, a atual fase cresceu em infraestrutura física e tecnológica, em número de cursos, alunos e servidores.

Toda expansão proporcionou reconhecimento nacional a essa Instituição, fazendo com que prováveis alunos e servidores das diversas regiões do país fossem atraídos para o IF Goiano -Campus Urutaí, o que gerou melhorias em emprego e renda para cidade de Urutaí.

Assim, notamos que a história da Escola está intimamente ligada à cidade de Urutaí e história de vida desses indivíduos. Todas as experiências vividas no Campus Urutaí por Baltazar, Élio, José Claudino e Marise são elos que não podem ser quebrados e as narrativas de suas experiências se juntaram nesse capítulo e escreveram a biografia dessa Instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esta pesquisa a imaginei de diferentes formas, por inúmeras vezes me peguei sonhando como aconteceria e quais temas os narradores trariam à tona. Posso dizer que fui surpreendida. Quando nos propomos a trabalhar com narrativas autobiográficas devemos nos preparar para surpresas. Cada indivíduo tem sua singularidade e cada história de vida sua complexidade. Ao me dedicar a ouvir cada narrador com atenção e delicadeza vi que “o que dá forma ao vivido e à experiência dos homens são as narrativas que eles fazem desse vivido e dessa experiência” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.40). Assim, as narrativas dos 4 participantes nos ajudaram a responder à questão que norteou essa investigação, que foi: como se constitui a história do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí a partir das narrativas dos servidores técnico-administrativos, entre os anos de 2008 e 2019? O objetivo foi conhecer o Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí por meio das narrativas dos servidores técnico-administrativos, no período citado. Para tanto utilizamos o método narrativo biográfico para que, por meio das narrativas dos participantes da pesquisa, obtivéssemos uma biografia institucional.

No primeiro capítulo buscamos identificar o Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí relacionado à história dos Institutos Federais. Recorremos às pesquisas científicas existentes que abordassem nosso objeto de pesquisa, com finalidade de que tais pesquisas juntamente com minha narrativa construíssem essa parte da investigação. Nessa parte, vimos as inúmeras fases dessa Instituição e o quanto ela se reinventou no decorrer de seis décadas até se configurar em um Instituto Federal.

O segundo capítulo buscou compreender as histórias de vida dos servidores técnico administrativos atuantes do IF Goiano-Campus Urutaí. Buscamos conhecer cada narrador por meio de uma entrevista/conversa onde eles narram suas histórias de vida, o modo como foram inseridos no quadro de servidores da instituição e suas trajetórias no Campus Urutaí. As narrativas nos mostraram que as histórias de vida desses indivíduos estão muito associadas à história Institucional. Três servidores tiveram contato com a instituição desde a infância, um deles teve vínculo como aluno e os outros dois tiveram parentes que trabalharam na Escola e que mediaram esse contato. Apenas um deles teve um contato mais tardio, já na fase adulta, como servidor da Instituição.

Todos os servidores iniciaram na Instituição muito jovens, acompanharam inúmeros momentos de dificuldades, trabalharam com afinco, mesmo em total escassez de recursos e

infraestrutura, lutaram e ainda lutam para que os técnico-administrativos sejam valorizados e conquiste reconhecimento dentro da Instituição.

Em suas narrativas emergiu o tema aposentadoria, vimos que todos eles estão inseridos nesse processo, Baltazar, Élio e Marise aderiram ao abono permanência, já José Claudino adquire o direito a aposentadoria daqui três anos. Todos eles dedicaram suas vidas à instituição, estão muito ligados à rotina do trabalho, a Escola é o local onde se socializam e fazem amizade. Devido a isso demonstram receio diante a aposentadoria e, a chegada desse momento provoca sentimentos diferentes que se misturam. No fundo, será deixado um vazio, onde todos mostram que terão que procurar algo para preencher.

O contato e relações dos servidores com a instituição rompe os laços profissionais e adquire feições afetivas, uma extensão da família, em alguns casos, uma segunda família, na medida em que se entrelaça com os alunos, além dos colegas.

A aparente dificuldade dos servidores em se aposentarem, promover uma ruptura oficial, reflete tudo isso, expressa os sentidos, significados e sentimentos de pertença que mobiliza as diferentes experiências desses servidores com essa instituição. O retrato das narrativas sobre o Campus Urutaí, é revelador de uma singularidade, manifesta nas visões dos servidores como um olhar por dentro, mesclados por afetos, zelos, cuidados, como parte de si. Afinal, aqueles que a quem doam o próprio sangue em prol da vitalidade institucional, possuem uma relação peculiar com esse espaço, admitidas as contradições vislumbradas nos diferentes tempos.

O terceiro e último capítulo analisa a história do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí a partir das narrativas dos servidores técnico-administrativos, entre 2008 a 2019. Das narrativas extraímos os seguintes temas: o lema “Aprender a fazer e fazer para aprender”; expansões e melhorias que englobam o surgimento de novos cursos, aumento nas ofertas de vagas, ampliação e melhoria da estrutura física da instituição; contratação de novos servidores e o retorno da Instituição para sociedade.

O lema “Aprender a fazer e fazer para aprender” recebeu destaque em suas narrativas por ter feito parte da mais longa fase da Instituição que foi a época da EAFUR, onde funcionava o Sistema Escola-Fazenda em que o trabalho dos alunos era intenso dentro da Instituição. Nos apresentaram os alunos que fizeram parte da escola naquele período, bem como o internato daquela época e destacaram o fim do “Aprender a fazer e fazer para aprender” que veio mediante a transformação do Sistema Escola -fazenda ocasionado pela reforma na educação nos anos 1990.

Nos mostraram as expansões sofridas pela Instituição, onde mostram as melhorias e a evolução em diferentes fases da instituição e em diversos aspectos. Mostram que a reforma da educação proporcionou um processo de verticalização na oferta de educação, em que o Campus Urutaí passou a oferecer a educação básica até a educação superior, o que abriu a Escola para que houvesse uma ampliação na oferta de novos cursos, e acarretou um aumento na oferta de vagas. Os narradores destacaram características dos novos discentes que preencheram as vagas e a forma como a escola os acolheu. A grande oferta de novas vagas levantou uma grande demanda por mais infraestrutura física, o que gerou uma enorme expansão física do Campus. O outro aumento de demanda foi por mais servidores para ocupar novos postos nos setores que foram criados. Eles destacaram a melhoria no nível de qualificação dos grupos de servidores da instituição, os técnico-administrativos e os docentes. Mostraram o quanto eles estão mais qualificados que os servidores de outras fases da instituição.

Vimos em suas narrativas que a atual gestão do Campus é mais aberta e mais democrática, melhoria que foi atribuída à chegada de novos servidores ao Campus Urutaí. Observamos um outro destaque: essa última fase, iniciada em 2008, O IF Goiano-Urutaí, esteve sob a condução do mesmo gestor, que após 11 (onze) anos, encerra o mandato ao final desse ano. A convergência da política nacional, combinada com as qualificações de um gestor ex-aluno da instituição, resultou na ampliação que nesse momento se apresenta.

Por fim, destacaram o retorno do Instituto Federal Goiano para a cidade de Urutaí. Mostraram a dimensão social da Instituição, destacaram a importância de uma Instituição de ensino superior para região e apresentaram também como essa Instituição proporcionou crescimento a cidade de Urutaí. O Campus Urutaí do IF Goiano, tornou-se ao longo do tempo um dos maiores empregadores da cidade, além do impacto social, comercial e econômico financeiro do município.

Mediante o exposto as narrativas nos proporcionaram uma biografia dessa instituição escolar e nos mostraram que para chegar à estrutura atual a comunidade escolar enfrentou muitas décadas de escassez e dificuldades. Vimos como os servidores e os discentes estavam intimamente ligados a cada um desses momentos e que existe uma trajetória de superação nos bastidores do Campus Urutaí. A instituição se reinventou por diversas vezes em seus 66 anos de existência para garantir seu funcionamento e atender a realidade da região onde se localiza. O Instituto Federal Goiano Campus Urutaí pode ser visto por nós pela sua superação, que foi conquistada mediante parceria com comunidade que o constitui.

Porém, ressalto que todo o processo de luta e essa superação não garantiu total estabilidade ao Campus Urutaí, as Instituições Federais de Ensino Superior bem como a sua comunidade acadêmica enfrentam na atualidade dificuldades e inúmeros ataques por parte do Governo Federal.

Sam Segundo e Martins (2018, p. 145), apresentam os dados apresentados pelo “Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (CONIF) referentes aos recursos de custeio. Em 2017 seria necessário para a garantia das atividades institucionais R\$ 3,7 bilhões, sendo aprovado pelo MEC o valor de apenas R\$ 2,1 bilhões”.

Desde essa época nós servidores do IF Goiano – Campus Urutaí começamos a sentir o reflexo dessa diminuição do repasse desse recurso. Surgiram problemas como equipamentos estragados sem manutenção por falta de verba; atrasos nos pagamentos de terceirizados responsáveis pelos serviços de limpeza e conservação; vigilância patrimonial; redução da disponibilização da frota veicular; atrasos nos pagamentos de água; energia elétrica; telefonia e internet. Situações que dificultava a rotina de trabalho da instituição.

Essa situação tomou proporções maiores no atual governo, após a publicação do decreto nº 9.741/2019, no dia 29/03/2019 em edição extra do Diário Oficial da União, que segundo o CONIF (2019) contingenciou 30% das verbas das instituições de ensino federais, com finalidade de contribuir com o cumprimento da Lei e Responsabilidade Fiscal. Mostrou ainda que essa limitação orçamentária colocaria em risco a manutenção de projetos de pesquisa, extensão e inovação, o que afetaria o atendimento à sociedade no segundo semestre de 2019 (CONIF, 2019).

Tal contingenciamento causou grande impacto no Campus Urutaí que levou o Diretor Geral do campus a realizar reuniões para apresentar os impactos causados, durante as reuniões aos servidores foi pedido colaboração no quesito economia, como apagar lâmpadas, não utilizar o condicionador de ar e impressoras e até mesmo o fornecimento de café aos servidores foi cancelado além disso, o cancelamento de contratos com funcionários terceirizados, onde reduziu 40% do quadro, assim os serviços básicos para manutenção da instituição foram prejudicados.

Ressalto ainda que o ano de 2019 foi marcado pela escolha dos novos gestores do IF Goiano. No dia 10 novembro, foi realizada a votação para escolha dos candidatos aos cargos de reitor do IF Goiano e para os Diretores Gerais dos *Campi*. A partir de 2020 Elias de Pádua Monteiro iniciará suas atividades como novo reitor do IF Goiano e Paulo César Ribeiro da

Cunha como novo Diretor Geral do Campus Urutaí. As alterações vislumbradas no cenário político atual, com impacto da PEC 95 e a mudança de gestão no próximo ano, figuram como desafios do provir para essa Instituição.

Nessa conclusão percebo um atravessamento de um mosaico de experiências, que se fundem em diferentes narrativas. Os servidores narradores, eu pesquisadora narradora, com nossas incursões, conferimos originalidade à trama textual. As minhas narrativas como pesquisadora que, enquanto servidora da instituição, me dediquei ao exercício investigativo, ao tecer visões e projeções. E os documentos oficiais que conservaram os marcos legais da Instituição. Esse entrelaçamento de narrativas, dispostas em tempos e experiências distintas, colaboraram com o desenho institucional. A culminância da narrativa dos técnico-administrativos sobre o IF Goiano – Campus Urutaí, repercute as distintas sínteses desse entrelaçamento de experiências, admitindo a singularidade desses sujeitos ao expressarem a biografia institucional.

Essa biografia institucional exerce sua contribuição acadêmica às futuras pesquisas relacionadas à história das instituições escolares, especialmente às que utilizam o método narrativo biográfico. Outro ponto relevante é a sua contribuição para o aumento no número de pesquisa sobre instituições escolares que tenham como sujeitos os servidores técnicos-administrativos. O Instituto Federal Goiano-Campus Urutaí, por ser uma instituição com mais de seis décadas e diferentes fases, oferece inúmeras possibilidades que ainda podem ser exploradas, a partir de diferentes sujeitos. É importante salientar que cada novo grupo de sujeitos trará uma história inédita dessa instituição. Grupos de alunos egressos que fizeram parte da instituição na época do Sistema Escola-fazenda são possíveis sujeitos, que ainda não foram explorados. Muitos deles ainda residem em Urutaí, alguns são servidores da instituição como o caso de José Claudino. Eles trariam um novo olhar, uma outra perspectiva de história dessa Instituição. A instituição pelo olhar da mulher também daria uma excelente pesquisa, como apresentado nessa investigação uma das entrevistadas mostrou que por ser mulher assumia uma rotina de trabalho e uma postura diferenciada dos homens dentro da instituição. Grupos de mulheres funcionárias ou mulheres discentes são grupos que trariam uma nova perspectiva.

Essa pesquisa tomou rumos que me levaram a fatos antes ignorados por mim. Finalizo com a sensação de realização, por conhecer um pouco desses colegas de trabalho e da Instituição escolar da qual faço parte. Colegas que lutaram para construir e conservar a instituição que hoje nos recebe.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria H. M.; FRISON, Lurdes M. B. Narrativas (auto)biográficas de formação e o entrelaçamento com a autorregulação da aprendizagem. In: ABRAHÃO, Maria Helena.M.B. **(Auto)biografia e formação humana**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 191-211.

ALMEIDA, Alcides V. de. **Da escola de aprendizes artífices ao Instituto Federal de Santa Catarina**. Florianópolis: IF-SC, 2010.

ALMEIDA, Andréa C.; SHUR, Inge R. F.. Educação profissional no Brasil: a construção de uma proposta educativa dual. **Revista Intersaberes**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 81 – 110, jan./jun. 2012.

ALVES, Flávia V.. **A Universidade Federal de Goiás (UFG) Regional Catalão na perspectiva dos seus servidores técnicos administrativos entre os anos 1987-2014**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Regional Catalão, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2017.

AMORIM, Mônica M. T.. **A organização dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia no conjunto da educação profissional brasileira**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre afirmação e a negação do trabalho. São Paulo-SP: Boitempo, 2009.

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As Mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p.335-351, maio/ago. 2004.

ARANDIA, Alejandro Kuajara. O mercado de trabalho frente à crise dos anos 80 e os planos de estabilização. **Indicadores Econômicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 4, p.148-164, 1991.

ARAUJO, José C. S.; GATTI JÚNIOR, Décio. O Ensino Baseado em Pesquisas e Estudos como Diretriz do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais. In: ARAUJO, Marta M.; BRZEZINSKI, Iria. (Org.). **Anísio Teixeira na Direção do INEP. Programa para a Reconstrução da Nação Brasileira (1952 – 1964)**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. p. 113 – 141.

BAWER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som: um manual prático. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

BITTAR, Marisa; FERREIRA JUNIOR, Amarílio. Instituições escolares, contingências históricas e culturalismo: reflexões epistêmicas no campo da história da educação. In: IV CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. **Anais [...]**. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, 2006.

BOLÍVAR, Antonio. “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa em educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, Baja California (México), v. 4, n. 1, 2002.

BOLÍVAR, Antonio. Dimensiones epistemológicas y metodológicas de la investigación (auto)biográfica. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGGI, Maria da Conceição (orgs.) **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**: Tomo I. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPURCS; Salvador: EDUNEB, 2012. p.27-69. (Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica: Temas Transversais)

BOLÍVAR, Antonio. Narrar la organización educativa: memoria institucional y constitución de la identidad. In: **La investigación (auto)biográfica en educación: miradas cruzadas entre Brasil y España**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 330 – 355.

BOLÍVAR, Antonio; DOMINGO, Jesús; FERNÁNDEZ, Manuel. **La investigación biográfico-narrativa em educación: enfoque y metodología**. Madrid (Espanha): Editorial La Muralla, 2001.

BRAGANÇA. Inês Ferreira de Souza; PEREZ, Juliana Godói de Miranda. Formação Continuada em Escolas de Tempo Integral: narrativas de professoras. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 1161-1170 1182, out./dez. 2016.

BRAGANÇA, Inês F. S.; LIMA, Rita P.. Narrativas de vida de instrutores da educação profissional como possibilidade de estudos no campo das representações sociais. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 97, n. 246, p. 290 – 304, ago. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Um novo modelo em educação profissional e tecnológica: concepção e diretrizes**. Brasília: Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2010.

BRASIL, Decreto nº 5.154/2004. **Regulamenta o § 2º do art.36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2004/d5154htm. Acesso em: 15set. 2019.

BRESSAN, Maria L. C..**A significação do trabalho e da aposentadoria: o caso dos servidores da Universidade Federal de Viçosa**. 2011. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Departamento de Economia Doméstica , Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2011.

BOTH, Tatiane L.. **Jubilamento: o interdito de uma vida de trabalho e suas repercussões na velhice**. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CAMPOS, José de O.. **Análise comparativa dos modelos curriculares de Educação Profissional agrícola: sistema Escola-Fazenda e formação por competência no CEFET**

Urutaí/GO. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Seropédica, 2005.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CONIF (Brasil). **Institutos Federais: 10 anos**. Brasília: Conif, 2018. 13 p.

CONIF (Brasil). **Conif continua mobilizado para reverter bloqueio de recursos**. 2019. Disponível em: <http://portal.conif.org.br/br/component/content/article/84-ultimas-noticias/2762-conif-continua-mobilizado-para-reverter-bloqueio-de-recursos?Itemid=609>. Acesso em: 13 jun. 2019.

CRUZ, Thimoteo Pereira. **Formação do psicólogo(a) em Catalão/GO na perspectiva do egresso – 2007-2014** [manuscrito] / Thimoteo Pereira Cruz – 2015. 204 f. Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão, 2015.

DEBETIR, Emiliana. Aposentadoria - Oportunidade de Realizar Projetos e/ou Momento de Crise?: estudo com Servidores da Universidade Federal de Santa Catarina. In: ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO, 3., 2011, João Pessoa. **Anais...** . João Pessoa: Gpr, 2011. p. 1 - 17.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (org.). **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura**. Belo Horizonte. UFMG, 2010.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRN, São Paulo: PAULUS. 2008

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p.333-346, abr. 2011.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523 – 536, set./dez. 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A condição biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada**. Natal-RN: EDUFRN, 2012.

DELORY -MOMBERGER, Christine. A pesquisa Biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa(auto)biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p.133-147, jan. 04. Traduzido do francês por: Eliane das Neves Moura.

DELORY -MOMBERGER, Christine. A pesquisa Biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (auto) Biográfica**, Salvador, v. 1, n. 1, p.133-147, jan./abr. 2016.

DINIZ, Johnathan P. A.. **Práticas de leitura nas mídias sociais**: evidências de leitura dos graduandos do IF Goiano – Campus Urutaí. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

DOMINGOS SOBRINHO, Moisés. **Universidade Tecnológica ou Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia?** 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/uni_tec_inst_educ.pdf. Acesso em: 15 mar. 2019.

FARIA, Cláudia S. O.. **A Comunicação no Contexto da Mudança Cultural**: um estudo de caso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

FERNANDES, Juliana C. C.. **Educação tecnológica e empregabilidade**: revelações de egressos. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012.

GADELHA, Alex C.. **O sujeito professor e sua trajetória (auto)biográfica para o processo de inclusão digital na escola**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2013.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em Educação. **Revista Ciência e Educação**, Bauru, v. 11, n. 2, p.327-345, maio 2005.

GOMIDE, Lectícia Bizarria. **Adiamento da Aposentadoria**: Um estudo sobre os Servidores Públicos Federais do Poder Executivo e o Abono Permanência. 2014. 68 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Gestão de Pessoas no Serviço Público, Escola Nacional de Administração Pública, Brasília, 2014.

GOUVEIA, Fernanda P. S.. A expansão dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia no território brasileiro: entre o local e o nacional. **Espaço e Economia**, [S. l.], n. 9, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/espacoeconomia/2434>. Acesso em 21. maio. 2019.

HONÓRIO FILHO, Wolney. Investigação biográfico-narrativa e história das instituições escolares. In: VI CONGRESSO IBERO-AMERICANO EN INVESTIGACIÓN CUALITATIVA. **Atas** [...]. 2017. Disponível em: <http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/download/1318/1277>. Acesso em: 21. maio. 2019.

HONÓRIO FILHO, Wolney. Biografia e Educação. **Póieses Pedagógica**, Catalão, v. 8, n. 1, p.203-209, jan./jun. 2010. Resenha

ISSA, Sílvia A. C.. **A Escola Agrícola de Urutaí (1953 – 1963)**: singularidades da cultura escolar agrícola. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Campus Catalão, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2014.

ISSA, Silvia Aparecida Caixeta; SILVA, Maria Aparecida Alves. Retratos do castelinho no Instituto Federal Goiano-Campus Urutaí: local de memória de uma instituição de ensino. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 5., 2016, Jataí. **Anais...** . Jataí: Ufg, 2016. v. 5, p. 1 - 16.

ISSY, Laura Olívia de Oliveira. **O processo de autoavaliação e suas implicações para a gestão do Instituto Federal Goiano - Câmpus Urutaí, 2012.** 67p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2012.

INSTITUTO FEDERAL GOIANO. **Projeto Pedagógico do Curso de Medicina Veterinária.** Urutaí: IFGoiano, 2017.

INSTITUTO FEDERAL GOIANO. **Plano de desenvolvimento institucional: PDI 2019 a 2023.** Goiânia: IF Goiano, 2018. 339 p.

JACOBSEN, Alessandra de L.; SOUZA, Gisele F. S. de; VEIGA, Mariana F.. Incentivo à qualificação: benefícios e dificuldades para a gestão de pessoas de uma IFES. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE GESTIÓN UNIVERSITARIA, 16., 2015, Arequipa. **Anais...** . Arequipa: Cigu, 2015. p. 1 - 15.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, v. 63, n. 3, p. 413 – 438, set./dez. 2007.

JOVCHELOVICH, Sandra; BAUER, Martin W.. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes; 2002, p. 90 – 113.

KUENZER, Acácia. Z. **Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SAVIANI, Dermeval ; SANFELICI, José Luis (Org.). **Capitalismo, trabalho e educação.** 3. ed. Campinas: Autores Associados, HISTEDBR, 2005.

LAROSSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação.** n.19, p.20-28, jan./abr. 2002

LAROSSA BONDÍA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p.04-27, jun./dez. 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LIMA, Daniel F.. **Formação e profissionalização de pedagogas do interior de Goiás a partir de suas biografias educativas.** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Regional Catalão, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2014.

LIMA, Geraldo G.; GATTI JÚNIOR, Décio. Entre escolarização e instituições escolares na historiografia da educação: a emergência dos grupos escolares no Brasil da República Velha (1889-1930). **Série-Estudos**, Campo Grande, n. 25, p. 67 – 84, jan./jun. 2008.

LIMA, Ricardo C.. **Educação Tecnológica no Brasil Contemporâneo**: problematizando a aprendizagem das competências curriculares no campo da tecnologia da informação. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.

MACHADO, Enio R.. **Mudança na formação do Técnico Agrícola no Centro Federal de Educação Tecnológica de Urutaí – GO – o proposto e o realizado**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

MACHADO, Rogério C.. **A função social do Curso Técnico em Agropecuária e a escolarização de filhos de agricultores familiares**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012.

MARÇAL, Daniel J.. **A biblioteca e seus nomes**. Urutaí: 2011.

MIGUEL, Maria E. B.. A História, a Memória e as Instituições Escolares: uma relação necessária. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 11, n. 1, p. 243 – 256, jan./jun. 2012.

MUYLAERT, Camila J. et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 193 – 199, dez. 2014.

MUNIZ, José Artur. PPA: Programa de preparação para o amanhã. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 1, n. 2, p.198-204, 1996.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. As pesquisas sobre instituições escolares: balanço crítico. In: II COLÓQUIO SOBRE PESQUISA DE INSTITUIÇÕES ESCOLARES. **Anais [...]**. São Carlos, 2006.

NÓVOA, Antonio (Org.). Os professores e as histórias da sua vida. In.: NÓVOA, Antonio. **Vidas de professores**. 2. ed.. Porto (Portugal): Porto Editora, 2007.

OLIVEIRA, Jussara F. A. C.. **A institucionalização das políticas neoliberais na reconfiguração da educação profissional no Brasil**: do Decreto nº 2.208/97 à Lei nº 11.892/08. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.

PACHECO, Eliezer (org.). **Institutos Federais**: uma revolução na Educação Profissional e Tecnológica. Brasília: Moderna, 2011.

- PAISLANDIM, Ivanillian F.. **O Instituto Federal de Goiás (IFG) de 1999 a 2014: narrativas dos servidores técnico-administrativos**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Regional Catalão, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2017.
- PAIVA, Vera Lucia M. de O e. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, 2008.
- PASSEGGI, Maria C.; SOUZA, Eliseu C.. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Investigacion Cualitativa**, [S.l], v. 2, n. 1, p. 6-26, 2017.
- PASSEGGI, Maria da C. ; NASCIMENTO, Gilcilene Lélia de S. do; OLIVEIRA, Roberta C. A. M. de; RODRIGUES, Senadaht B. B.; SILVA, Vanessa Cristina O. da. Narrativas autobiográficas com crianças na pesquisa qualitativa em educação: reflexões sobre procedimentos de análise. In: **Atas Congresso Ibero-Americano de Investigação Qualitativa**, v. 1 , p.468-477, 2017.
- ROSA, Chaiane M.. **A rede federal de educação profissional, científica e tecnológica no contexto das políticas de educação superior: as particularidades do IF Goiano – Campus Urutaí**. 2016. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2016.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. de Alain François. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.
- SAN SEGUNDO, Mário; MARTINS, André Rosa. Os ataques aos Institutos Federais: a restauração neoliberal radical no governo Temer. **Universidade e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 61, p.140-155, jan. 2018.
- SANFELICE, José L.. História, instituições escolares e gestores educacionais. **HISTEDBR**, Campinas, n. e., p. 20 – 27, ago. 2006.
- SANFELICE, José L.. História das instituições escolares: desafios teóricos. **Série-Estudos**, Campo Grande, n. 25, p. 11 – 17, jan./jun. 2008.
- SANTOS, Claitonei S.. **Jovens do Proeja de Urutaí: mediações entre a escola e o mundo do trabalho**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.
- SAVIANI, Dermeval. Instituições Escolares: conceito, história, historiografia e práticas. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, n. 4, p. 27 – 33, jan./dez. 2005.
- SILVA, Priscila Juliana da; ROMANOWSKI, Joana Paulin. Os Institutos Federais no Brasil: da educação profissional à formação de professores. In: **XII Congresso Nacional de Educação**. Formação de professores: contexto, sentidos e práticas. ISSN 2176-1396. 2008.
- SILVA, Caetana Juracy Rezende et al (Org.). **Institutos Federais lei 11.892, de 29/11/2008: comentários e reflexões**. Brasília: IFRN, 2009.

SILVA, Ricardo M. da. **A terceirização e precarização o caso da Universidade Federal de Uberlândia no período 2000-2014**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

SOARES, Sebastião S.. **Narrativas de si: trajetórias formativas de professores formadores iniciantes no ensino superior**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

Sousa, Maria Goreti da Silva; Cabral, Carmen Lúcia de Oliveira artigo: A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores /revista Horizontes, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015 Acesso: <https://revistahorizontes.usf.edu.br › horizontes › article › download>

SOUZA, José C. M.. **A educação profissional agrícola na constituição do Instituto Federal Goiano**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

TEIXEIRA, Luciana G. A.. **Políticas Públicas de assistência estudantil no Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí: um olhar de gênero**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016.

WERLE, Flávia O. C.. História das instituições escolares: responsabilidade do gestor escolar. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, n. 3, p. 109 – 119, jan./dez. 2004.

VAZ, Renata C. S.. **Narrativas de "alunas-professoras" sobre o Grupo de Aplicação do C.F.P.P. de Catalão/GO (1964-1983)**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2018.

VICTOI, Flávia de B.. **Política de capacitação do Instituto Federal Goiano e as expectativas dos seus servidores técnico-administrativos**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Desenvolvimento Regional) – Faculdade Alves Faria (ALFA) do Estado de Goiás - GO, Goiânia, 2016.

ZANELLI, José Carlos. O programa de preparação para aposentadoria como um processo de intervenção ao final de uma carreira. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 5, p.157-176, 2000.

APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA NÃO ESTRUTURADA

Modelo de roteiro seguido na realização das entrevistas /conversas com os participantes da pesquisa.

Informações pessoais da(o) entrevistada(o)

- ✓ Conte-nos um pouco sobre você. Seu nome e idade. Dia, mês e ano de nascimento. Qual sua cidade Natal. Em qual cidade reside atualmente. Você é casada (o) ou solteira (o). Tem filhos.
- ✓ Se você não é natural da cidade onde reside, conte-nos o que trouxe você até aqui.
- ✓ Conte-nos sobre sua família. Quem são seus pais. Em que atuam. Como era sua condição de vida. Você tem mais irmãos?
- ✓ Conte-nos como foi sua infância.

O percurso escolar

- ✓ Conte-nos um pouco sobre a sua escolarização.
- ✓ Em que época iniciou seus estudos. Qual era sua idade. Em qual escola iniciou seus estudos.
- ✓ Onde você fez o ensino fundamental e médio. Como era/m essa/s instituição/ões.
- ✓ Se você possui ensino superior. Onde você se formou. Qual sua área de formação.

O percurso profissional

- ✓ Antes de ingressar no IF Goiano, em que atuou profissionalmente?

Sobre o Instituto Federal Goiano Campus Urutaí

1. Conte-nos como você conheceu a instituição. Como foi seu primeiro contato com o IF Goiano- Campus Urutaí. Quando foi o primeiro contato? Se o primeiro contato foi como aluno, conte-nos essa experiência.

2. Conte-nos como você se tornou servidor técnico administrativo no IF Goiano – Campus Urutaí. Quando? Qual seu cargo. Atua na sua área de formação? Atua no mesmo cargo para o qual é concursado?
3. Conte-nos como foi começar a trabalhar nessa instituição. Quais foram as suas primeiras impressões sobre o IF Goiano. Quais suas impressões sobre a estrutura da escola na época. Quais suas impressões sobre forma de trabalhar existente na instituição. Se você conhecia outras instituições com características agrícolas como o Campus Urutaí.
4. Como você se vê na condição de técnico administrativos nessa instituição. Nos fale sobre o que é ser técnico administrativo. Seu papel e sua contribuição para a escola. Se você se ver como educador.
5. A partir de 2008 o CEFET - Campus Urutaí passa a ser IF Goiano – Campus Urutaí. Conte-nos usando sua visão de técnico-administrativo os acontecimentos que você presenciou no do IF Goiano – Campus Urutaí no período de 2008 a 2018. Fale sobre as mudanças mais marcantes nas características da instituição nesse período. A escola conservou características ainda agrícola? Ou perdeu tal característica? O que ocorreu de novo?
6. O IF Goiano - Campus Urutaí faz parte de uma rede federal, em sua criação foram criados outros Institutos Federais, como você enxerga a instituição frente aos outros Institutos Federais. Qual diferencial que você observa nessa instituição em relação às demais.
7. Conte-nos sua visão do IF Goiano – Campus Urutaí no contexto regional. Como você vê a instituição no estado de Goiás. Quais diferencias você enxerga nessa instituição. Se você acha que a escola contribui de forma relevante para nossa região.
8. Nos fale um pouco da sua visão do IF Goiano – Campus Urutaí, para região local. Se a escola oferece benefícios ao município. Se ela está cumprindo o papel que se propõem.